

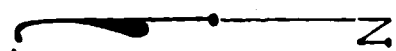

Digitized by Google

A MULHER EM PORTUGAL

Comp. e impr. Typ. Universal,
Trav. de Cedofeita, 54—Porto.

Livraria Figueirinhas—Editora,
R. das Oliveiras, 75—Porto.

JOSÉ AGOSTINHO



A Mulher em Portugal



PORTO

LIVRARIA FIGUEIRINHAS — EDITORA
75, Rua das Oliveiras, 77
1908

I

Cumprimento duma promessa — Em Cintra, o glorioso Eden de Byron — Cintra e Versalhes — A dama de Lisboa: os seus olhos, a sua elegancia, a sua estatura, o seu pé — afabilidade — gentileza, aptidão para o governo domestico — Damas illustres: poetisas, prosadoras, pensadoras e jornalistas — Dialogo no Castello dos Mouros — Como D. Candida fala do namoro — O namoro por vaidade — O namoro por passatempo — O namoro por habito — Até outra vez.

Cintra, 20 de Junho de 1906.

Minha querida Mariette:

Chegado a Portugal em março, como te disse numa carta bem nostalgica, só hoje podes esperar o começo do que te prometi — notas rapidas e vivas sobre as mulheres portuguêsas. Sabes como sou religioso em tudo, Mariette, até em cumprir o que tão dificil é a um estrangeiro que mal conhece a lingua, os costumes e a propria historia do paiz que visita, só porque pertence á santa cruzada do feminismo, a que me adjurei contigo, lin-

da Mariette de cabelos pretos e de olhos côr da noite com estrelas.

Mão temas, pois, que as cartas rareiem, agora que conheço melhor este paraiso de Portugal, e que mais conscientemente posso ir notando qualidades e defeitos, tomando notas, colhendo opiniões, aventando juizos.

Estou agora em Cintra, o *glorioso Eden* de Byron. Não posso descrever-te as belezas deste jardim estranho, como que suspenso no mais belo alcantil que podes imaginar. E' a Versalhes de Portugal—não no artificio com que Luiz XIV fez, dum areal, uma cidade pitoresca, embora triste—mas na afluencia de aristocratas, de pessoas da mais elevada categoria, de tudo quanto rodeia de perto os reis de Portugal, o Poder, o Dinheiro, o Luxo.

Ar puro como nos Alpes, agua leve, fresca, cristalina, muita relva, muita sombra, lindas camelias, palacios, chalets, alamedas encantadoras, panoramas surprendentes, uma varzea admiravel, como que entre sonhos leves e espumosos, e, por uma linda estrada, em carro eletrico, ao longe, muito gentil e alegre, uma praia que parece uma joia—aqui tens tu, Mariette, os traços palidos deste encanto.

A mulher de Lisboa, a fidalga, aparece aqui em toda a sua beleza meridional: olhos grandes e pretos como os teus, uma elegancia simples como a de Paris, estatura mediana, o pé mediano, embora ás vezes tambem muito grande,—vivacidade, mas certa melancolia que lembra a das tuas amigas da Irlanda.

Afaveis, gentis, sentimentaes, as portuguêsas parecem-me, comtudo, em geral um pouco des-

educadas ainda para a vida pratica do nosso tempo. São ótimas donas de casa, mas exageradas cultoras da moda, apesar de que as de Lisboa, como te disse, muito se parecem, na simplicidade e até na galanteria, com as senhoras de Paris.

Não tenhas ciumes, Mariette, mas eu relacionei-me aqui com uma menina interessante, que muito me tem ensinado sobre o seu sexo em Portugal. Disse-me ella que as damas de Lisboa, Porto e outras cidades, estão progredindo assombrosamente em illustração, e tanto que constituiram uma *Liga da Paz* e têm uma *Sociedade Feminista* com séde na capital.

Nas letras cita-se o nome duma eminente poetisa e escritora, Angelina Vidal, duma elegante prosadora, Maria Amalia Vaz de Carvalho, duma outra poetisa e prosadora ilustre, Beatriz Pinheiro; de eruditas como Carolina Michaelis de Vasconcellos; de romancistas como Alice Pestana (Caiel) de contistas como Maria Pinto Figueirinhas e Anna de Castro Osorio; de mimosas poetisas como Alice Moderno, Amelia Janny, Albertina Paraiso, e Carlota Judit que, sob o pseudonimo de Ondina, vai publicar bonitas liricas; de pensadoras e jornalistas de pulso como Domitilia de Carvalho, Maria Velêda, Lucinda Ribeiro, Virginia Quaresma e Olga Sarmento, etc.

Sendo um país de cinco milhões e meio de habitantes, vê-se bem, Mariette, que o feminismo tem aqui elementos para hombrear com os dois paises mais avançados.

Mas, antes de te falar no generoso anceio destas senhoras illustradas — o que fiacará decerto para outras cartas — vou reproduzir-te, como puder, um dialogo no *Castelo dos Mouros* com D.

Candida, a gentil portuguesinha que tem sido o meu *cicerone* delicioso.

Foi ao fim da tarde. Não ha pincel que reproduza a doçura do parque do Castelo ao morrer do sol, ao longe, como o nosso Napoleão I morreu decerto, cheio de saudade e tristeza, no seu penhasco de Santa Helena.

Candida está melancolica e responde-me de olhos fitos no poente, com a ternura de todas as portuguêsas, filhas de marinheiros, por tudo quanto é mar, misterio, solidão d'aguas, bondade e amor de Deus.

— Minha senhora, pelo que vejo, muito se tem feito em Portugal...

— O nosso defeito, atalhou ella, rindo com malicia, é ainda o *namoro.*

Namorar é ainda um vicio português, frivolo, quasi sempre sem consequencias, mas perturbador, mas esterilisador das nossas qualidades. Namora-se p(· vaidade, por passatempo e por habito. Se nos vissem aqui, não pensariam que estamos falando em feminismo: a opinião dizia logo. — *Namoram-se!*

— Naturalmente, muito sentimentaes, Candida...

— Mas, senhor, o defeito maior do namoro português é não ter sombra de sentimento. Umas, porque são lindas, ou precisam de se convencer de que o são, aceitam a côrte hoje deste, amanhã daquele, escrevem centenas de cartas, recebem flores, dão tranças, suspiram, atormentam-se, emagrecem nesta dôr artificial e por fim — quer saber? — vão casar quasi sempre com aquele que menos namoraram. E' o namoro por vaidade. Conhece-lhe as consequencias.

— Decerto, Candida. Namorar sem alma é esterilisar o coração.

O namoro é bom quando os namorados se pretendem conhecer para a vida do futuro. Se obedece apenas a uma vaidade ridicula, se, afinal, a mulher vae casar, por acaso, com o que menos namorou, quem pode agourar-lhe um futuro feliz?

Depois a deceção fatal não póde fazê-la adultera, entregando-se até facilmente a um dos namorados antigos, ao que mais lhe pareça a antitese do marido?

— Dá-se isso, senhor, apesar da grande honestidade das portuguêsas.

Mas que quer? Ensinam-nos os pais que o ideal da menina é casar e, para casar, vencer as outras em beleza, graça e elegancia, ou antes em acessibilidade dentro da maior segurança. Casar é tudo, e um *bom partido* limita-se a isto: 1.º dinheiro; 2.º posição; 3.º, mas só depois do 1.º e do 2.º, simpatia. Para quê? Para termos vestidos caros com que vençamos as amigas e as visinhas. Cada casa burgueza é, como a Casa d'Austria, um sacrario de ambições, de pequenos Rodolfos d'Habsburgo que só pensam em esmagar os outros. Com esta cultura da vaidade, a mulher namora todo aquele que a corteja, que a fita, que a admira, ou finge admirar e, como não pode casar com todos esses, casa quasi sempre com o que chega de repente, atraido pela fama dos encantos della e que, portanto, apressa o casamento — tambem para vencer os outros! A mulher aceita logo a mão do pretendente. Pois que procurava ella senão um marido? Se o pretendente tem dinheiro, ou sabe fingir te-lo, o que se dá muitas vezes, todos os outros são postos de parte... ás vezes, in-

felizmente, até ao primeiro arrufo do casal, até á primeira deceção, até ao primeiro choque de dois genios que se não conhecem.

— E' lamentavel!

— Mas não o é menos o namoro por passatempo. Precisando tanto a mulher portuguêsa de deixar as frivolidades, de ser instruida, de auxiliar em tudo os progressos da sua patria, de cumprir, emfim, os deveres, que Deus lhe assinalou, namora muito por passatempo, isto é, gasta o tempo em idilios banaes, em pieguices que a enfraquecem, em vitorias ridiculas para contar ás amigas, e que, ás vezes, tão fataes são á sua virtude. Porque, snr. Moigénie, muitas dellas, na loucura do passatempo, caem nas mãos de namorados perfidos, de banaes D. Juans e perdem a honra, a alegria, o futuro.

— Na França, no meu país, tambem sucede disso. Mas a educação da mulher...

— Ora é isso, a educação da Mulher... E, porque essa em Portugal é falsa, muito curta, temos ainda o namoro por habito. Uma menina habitua-se a ter um namoro, como póde ter um vestido caro, um livro, um piano, um jardim.

Não põe nelle o coração: varia conforme as impressões, mas o que não pode viver é sem namorar. Se lhe faltam moços elegantes e honestos, aceita a côrte de qualquer a quem possa dizer: *amo-te* e que o mesmo saiba dizer-lhe, em prosa ou em verso, e assim aprende a enganar e ensina a ser enganada.

— Mas, Candida, esse *namoro por habito* deve ser raro...

— Não o é, sr. Moigénie, não o é, infelizmente. Mas porque? Porque a educação não creou

ainda no espirito das mulheres portuguêsas habitos salutares de largo estudo, de moral elevada.

—Contrista-me, Candida, esse aspecto da sociedade portuguêsa. Mas tenha fé. O ensino bem orientado tudo opera e, com o movimento feminista que se está realisando, não tardarão dias de felicidade moral para as formosas mulheres portuguêsas.

—Deus o queira.

Mas anoitecia. Candida pediu-me gentilmente o braço que eu, receoso da educação deste povo, não ousava oferecer-lhe. Dei-lh'o, comovido com a beleza daquella alma e fomos descendo a escarpa, silenciosos como a lua que ia subindo, subindo, lembrando uma idéa serena e pura.

Prometeu continuar amanhã a sua conversa. Dir-ta-ei noutra carta.

Adeus, Mariette. Não te esqueças do teu do coração.

II

Mariette em Orleans — Lembra-se Joana d'Arc e Carlos VII — Mulheres portuguêsas: — a Padeira d'Aljubarrota, Filipa de Vilhena e Maria da Fonte, etc. — O S. João em Cintra — Cintra e Clermont-Ferrand no Auvergne — Junto a um dolmen — As saloias — O analfabetismo — O trabalho domestico sem educação — A superficialidade da instrução feminina — A mulher instruida èm geral — Aspirações do feminismo — Obstaculos: o falso pudor, a falta de verdadeiro espirito crente.

Cintra, 29 de junho de 1906.

Minha querida Mariette:

Cobri de beijos — cheio de saudades — a tua cartinha carinhosa. Estimo, do fundo d'alma, que te não aborreças demais nessa velha cidade de Orleans, onde veraneias. A tua familia — tão minha pela ternura de tua mãi e pela bondade de teu pai — deve substituir-me, Mariette, em caricias e tranquila amisade.

Comove-me a tua carta nos comentarios que fazes á mulher portuguêsa sobre os traços que te

mandei. Mas não vás julgar que a mulher de Portugal é frivola e ridicula, como deixas transparecer. E' certo — e os meus parabens pelo teu irónico criterio — que a mulher portuguêsa, tão meiga e simples, é capaz de ser heroica como Joana d'Arc, essa santa adorada em Orleans e tão mal julgada por Carlos VII, que ella salvou, como salvou a França. Citam-se nomes de mulheres gloriosas em Portugal: a padeira d'Aljubarrota, D. Filipa de Vilhena, a Maria da Fonte, etc. Um dia te descreverei estas figuras epicas e simples, dignas da libertadora da tua Orleans, e te mostrarei que não é frivola, como parece, a bela lusitana.

Por agora volto á conversa deliciosa com Candida na noite de S. João. Que noite! Que alegria tão do povo! Não imaginas a frescura da mocidade destas saloias. Tudo canticos, danças, flores e ternura tão religiosa, que parece que uma divina virgem ensina áquellas almas a doçura da bondade dos anjos. Lembras-te do S. João em Clermont-Ferrand nas escarpas do Auvergne? Pois é a mesma saude, a mesma fé, a mesma simplicidade apaixonada e até a mesma Natureza, mas talvez mais gigante, mais viva, mais luminosa.

Acendem fogueiras. Dançam á roda. Tocam guitarras e bandolins. E' uma delicia, com este clima, com este luar de prata, com esta serra vestida de flores.

Eu e Candida estavamos comovidos até ás lagrimas. Ella branca de neve parecia de luar e os olhos quasi tão lindos como os teus pareciam estrelas a desafiarem a lua em melancolica nostalgia....

Depois, sentados num penedo triste, ao pé

dum velho dolmen, conversavamos com grande vivacidade.

A's minhas palavras entusiastas, Candida disse:

— Já vê o que é o nosso povo. Bom e valente. Sentimental e inteligente. E as mulheres do campo? Não as acha tão graciosas, tão simples?

—Muito, Candida. Lembram-me as auvernhezas, mas mais delicadas, mais espirituaes... como que mais arabes.

— A sua infelicidade, snr. Moigénie, é o analfabetismo: a sua, e a de todos os portuguêses. A instrução da mulher é entre nós tristemente despresada. E sabe porquê?

— Culpa dos governos...

— Sim, principalmente, mas tambem culpa de todos. Mas o snr. Moigénie ha de achar enfadonha a conversa, quando lá baixo ha festa e alegria...

— Não, não, Candida. Que melhor festa do que a que temos aqui os dois, espiritual, em honra da luz do espirito?

— Então tenha paciencia. Serei talvez maçadora. Recapitulando...

— Não se constranja. Candida. Os seus esclarecimentos são sempre precisos.

— E' muito gentil. Na nossa primeira conversa, falei-lhe dum simples aspecto: o vicio do *namoro*. Concordámos ambos nas funestas consequencias dessa detestavel usança. Mas, para sermos justos, deviamos remontar á causa destes e doutros males: o analfabetismo. Como hão de os pais educar, se não são, geralmente, educados e instruidos? Se tem paciencia de atender, verá o que se nota de triste quanto á mulher neste sentido.

— Diga sempre, Candida.

— A menina ou a rapariga d'ordinario não precisam de letras, como se diz nas nossas pequenas povoações, em contraposição ao exagero com que nas grandes cidades querem fazer, delas *todas*, prodigiosas *doutoras!* Para quê? dizem. Do que precisam é de fazer meia, costurar, varrer, cosinhar. Acertam. E' uma necessidade. Mas como fazem todos os serviços domesticos? Como autómatos, como escravas. O trabalho é um martirio. Não se lhes ensina a força delle na vida do lar, a sua completa utilidade, o seu alcance. E' tudo como o serviço militar, obrigatorio, pesado, sem noção perfeita da patria, sem educação civica. A mulher não tem a educação familial. Os pais são senhores. As filhas são escravas. Não ha consciencia de deveres. Uma obediencia sem direitos.

— Oh! é deploravel!

— Mas, se as ensinam a lêr, é tudo maquinal, ligeiro, apressado. Basta que saiba pôr o seu nome. Escrever? Que escrevam pessimamente, para se não cartearem ousadamente com os namoros. E ao mesmo tempo — veja qne disparate! — impelem-nas ao namoro. Daqui vem a falta de noções necessarias e uteis. A mulher mal sabe lêr no livro de missa, mas sem o compreender. Não é para os livros literarios ou scientificos, por mais simples que sejam. O prazer de se instruir, lendo, é-lhe vedado.

— Pobres martires!

— Mas outras ha que recebem instrução e educação. Frequentam colegios, liceus. Fazem versos até. Sabe, porém, no que ellas desfecham? De ordinario em pedantes, em leitoras de romances falsos, cheios d'alçapões e punhaes. E' que a instrução

foi-lhes dada sempre pela rama e sem a verdadeira educação mental. Estas mulheres são pessimas donas de casa e, como os pais lhes não souberam ensinar o valor e o alcance do trabalho domestico, namoram doidamente para casarem depressa, porque o casamento é para ellas a liberdade como a entendem; ociosidade, leitura de novellas frivolas, pompas que viram nos folhetins, ás vezes aventuras vergonhosas, miserias, até crimes... Pululam estas nos bailes; são certas onde haja muitos solteirões, ás vezes, são as futuras desvairadas... sim, o triste alfobre das suicidas, das infanticidas, das mais desditosas prostitutas...

— E' horroroso. Mas esse mal exige um remedio pronto.

—Ah! snr. de Moigénie, e que pedimos nós, as verdadeiras feministas? Não, nós não queremos a masculinisação da mulher: queremos a sua valorisação completa. Mas os obstaculos são enormes e multiplos.

— Poderá lembrar alguns?

—Com todo o gosto, sr. de Moigénie. Um dos obstaculos maiores é o falso pudor. A liberdade e a naturalidade são substituidas pela hipocrisia. Afasta-se a mulher criança da sociedade, dos homens, como dum abismo; mas esquecem-se de a fortalecer contra a primeira audacia, a um incidente que destrúa tanto resguardo. E' crença que a inocencia só vem da ignorancia absoluta e não pensam que a virtude só vem da perfeita consciencia.

Assim, a mulher criança adivinha, á custa de tantos exagerados resguardos, o que lhe não faria mal saber pelo bom senso de quem a instruisse e a vigiasse, mas sem mostrar que o fazia. Desco-

bre o que a curiosidade feminina facilmente penetra, por mais que a encarcerem, mas, depois, instruida do mal, aconselha-lhe o falso pudor, que dissimule, que finja ignorar, que seja hipocrita. E, sr. de Moigénie, a mulher que aprende a ler tambem é instruida sob este falso pudor. Furtam-lhe, por exemplo, lições de anatomia descritiva, conhecimentos genericos e claros da vida animal. Ministram-lhe exclusivamente leituras banaes e, quando muito, deleitosas e, assim, pretendendo algemar os sentidos, fomentam a expansão dos mesmos sentidos na morbidez de coisas que falem só ao coração, sem terem posto de atalaia a razão.

—Compreendo, Candida. A base da educação feminina em Portugal é: ignorancia até ao analfabetismo. Ou ignorancia até ao banalismo da instrução. A educação é naturalmente paralela.

As mães não podem sabê-lo ser. Muito ternas, muito puras, e mais nada.

—Assim mesmo, sr. de Moigénie. Mas outro obstaculo se levanta ainda—é a falta do verdadeiro sentimento de crença.

—Em Portugal, meu amigo... Ah! mas deu meia noite.

Vamos nós ver queimar as alcachofras? Olhe que linda ranchada de saloias! Amanhã continuamos, não é melhor?

—Sim, Candida, tem razão. E' já muito tarde.

Descemos a encosta, silenciosos. Cintra, toda a S. Pedro de Cintra, estava em festa viva e pura. Ao entrar na vila, uma rapariga maliciosa disse-nos:

—Ah! os senhores já não precisam de queimar alcachofras!

Candida muito corada destraçou o seu braço nervoso e disse-me com tristeza:

—Vê? Não podem ver um homem com uma mulher, que os não julguem amantes! Veja o que pode a ignorancia.

Curvei a cabeça, confundido, enleado. Despedimo-nos em breves palavras.

E aqui tens, Mariette, feiticeira d'olhos pretos, agora a traquinares no velho ninho de Orleans, a segunda conversa com Candida, que muito se te recomenda, que se diz tua amiga, embora não te conheça.

Adeus, noiva eterna da minha alma. Mil saudades do teu.

III

Ironias que falam de Napoleão e invasões francêsas — Nostalgia e consolos — O Atlantico em Portugal — Na praia das Maçãs — Os Poentes da Extremadura portuguêsa — Roubo duns versos de Musset — O espirito religioso em Portugal — Fé, sinceridade, mas incompreensão do Evangelho — O clero em França — As feministas portuguêsas — Espiritualismo de Angelina Vidal — Falta de livros religiosos para a vida pratica — Urgencia da Instrução — Uma nova Liga Feminista.

Cintra, 9 de julho de 1906.

Minha gentil Mariette:

Achei graça ás tuas ironias. Li toda a tua bela carta a Candida. O que ella riu! Com que bondade! Depois, reflectindo grave, disse-me:

— Olhe, diga a sua esposa, que se engana. Eu não sou Musa, *Musa de luar e flores*. Sou uma pobre rapariga lisboeta, que vive num 1.º andar da Avenida Ressano Garcia, quando não vive em Cintra ou no Estoril. Mal sei que vivo. Quanto ao senhor, bem sabe como ha de agradecer-lhe o ella

chamar-lhe o Napoleão II... da nova *Convenção de Cintra!* Era bem preciso um Napoleão II, tal foi o salto do 1.º ao 3.º, e um Napoleão que viesse a Portugal, não fazendo como o outro que mandou por elle o Junot, o Soult, o Massena, e outros...

—Bandidos, Candida, diga o termo.

—Bandidos ou conquistadores, é tudo o mesmo.

—Menos os de corações?

—Escreva tambem isso a Mariette e verá a descompostura que leva.

E desatámos a rir, Mariette, ella com a simplicidade das mulheres portuguêsas, eu com uma tristeza intima, uma nostalgia que, ás vezes, me aflige bastante.

Mas por Deus! tu estás com saude e teus pais tambem. Orleans faz-te esquecer Paris. Sempre é a tua terra. E esta separação será só dalguns mêses, se Deus o permitir. No dia 24, no fim da tarde, isto é, no dia de S. João, lá fomos nós reatar a conversa da vespera. Desta vez tomámos o eletrico para a praia das Maçãs aonde chegámos ao varrer do sol.

Sabes como eu gosto de mar, mas em Portugal o Atlantico parece mais dôce, mais poetico. Não ha poentes como estes. Os poentes do Havre e de Cherburgo parecem d'aço em braza: aqui são de lirios em sangue. Nem em Marselha têm esta poesia quente e tocante.

Sentados num monticulo de areia, antes de conversarmos, contemplámos as aguas de leve enrugadas por um vento oloroso e tépido. Candida é uma poetisa. Lê-se-lhe o estro nos olhos pretos e nos labios de coral humido. Eu... sou

aquelle trovadorsinho que te impingiu como delle... uns versos de Musset.

Lembras-te?

Voyez-la quand son bras m'enlace
Comme le col dun cygne blanc,
S'enivrer oublieuse et lasse,
De quelque rêve nonchalant...

Passados instantes, começava eu, guloso de notas vivas:

— A Candida hontem afirmou-me a fraqueza do espirito religioso em Portugal...

— Mas não se iluda... O Português é cristão, é profundamente religioso. A mulher é religiosa por instinto e por educação.

— A Candida, porém, disse...

— Tenha paciencia. O que eu lamento é o falso espirito religioso. A religião está nas almas de todos, mas tão desorientada, tão constrangida, que chega a ser falsa e esteril. O coração pede o Evangelho, mas as mulheres portuguesas não o conhecem bem e fazem do templo mais o passatempo, a obrigação, o dever estrito dentro da exibição farisaica, do que a elevação da consciencia a Deus. E' o geral automatismo a dar os seus frutos.

— Ah! vou compreendendo...

— A religião é ministrada como a leitura pelo lado decorativo, exterior, sentimental, piegas. Não se ensina o Evangelho, que é moral, doutrina, guia de força, luz da alma: ensina-se a devoção — espetaculo, a festa de egreja — teatro, reunião de homens, de vestuarios, de fisionomias, de im-

ponencias. Impõe se a oração como passa-culpas e não como fortaleza, como licença para cometer fraquezas e não como farol dos actos e dos pensamentos.

— Hipocrisia, mentira.

— E, comtudo, ha verdadeira fé, por vezes, fanatismo. O que falta é a educação dessa fé. Dizem-se as orações sem se compreenderem, sem se aprofundarem, sem se sentirem. A ignorancia proíbe o sentimento e a falta de sentimento dá a esterilidade da doutrina.

A mulher assim pode ser religiosa e ser má, preguiçosa, impura. E' pessima mãi, e, todavia, grande crente. Culpa da religião?

A culpa é de quem não sabe inflamar o verdadeiro espirito religioso, ensinar o Evangelho fazendo-o compreender, pô-lo nas escolas ao pé do melhor ensino, colher delle todas as graças, frutos e perfumes que delle manam.

—Como pensa bem, Candida! E' assim em toda a parte. Mas em França—digo-o com toda a imparcialidade—os bispos e os curas ensinam, não se limitam a pontificar e dizer missa, ou a fulminar anátemas. Progridem e suavisam os impetos do Progresso. Pregam, estudam...

—Sim, e isso apesar da separação da Egreja do Estado.

—E' verdade, Candida, e deve ter lido que o melhor clero estuda, põe a Religião ao pé da Sciencia. As teorias mais avançadas são expostas e compatibilizadas com o Evangelho, imparcialmente.

A moral no que tem de bom, de puro, de incontrastavel, lá se prova como é filha do espirito da liberdade, amor e justiça do Evangelho.

A isto deve a França a sua resurreição. A Egreja está separada do Estado e é a melhor força do Estado, porque é, pura ou desvirtuada, ainda a fortaleza do espiritualismo. Não cristalisa: progride. Nella se apoia, portanto, a vida da familia e portanto, a Nação.

—Oh! se assim fora em Portugal, onde o catolicismo é a religião oficial! Que magnifica vida a nossa! O templo seria irmão da escola, identificando-se com ella no progresso scientifico, ambos cada vez mais capazes da sua grande obra. O heroico professor teria um auxiliar sublime no padre. A instrução e a educação seriam perfeitamente puras, uteis e fecundas, emquanto iriam evolucionando suavemente a escóla e o templo com toda a sociedade, com toda a Sciencia que tanto caminha dia a dia.

—E porque não ha de ser assim?

—Assim o esperamos nós, as feministas, afinal, todas no fundo essencialmente religiosas ou, melhor, espiritualistas. Algumas não têm a coragem de o proclamarem, porque o feminismo tem dificuldades que é preciso não agravar.

A mulher portuguesa ainda palpa o terreno, mas já marcha bastante em campo firme. Grande povo é este por força, para se impor assim logo na alvorada duma campanha tão ardua...

—Mas, snr. de Moigénie, é ainda a boa instrução pelo livro o que nos falta neste caso. Ha poucos livros religiosos escritos para este fim urgente: educar. Abundam devocionarios, e faltam guias religiosas de vida pratica, de sadia educação cristã, perfeitamente humana, elevadamente generosa. Já não é assim no seu país...

—Não, Candida. Lá temos a felicidade de

possuir filosofos religiosos grandes, muito altos, mas todos tão claros de linguagem, que os compreendem as almas mais simples. Depois os verdadeiros religiosos, sempre tolerantes, sempre acessiveis aos progressos humanos, têm uma solidariedade deveras cristã. A obra de um é de todos. E' porque a Fé, ao contrario do que me diz ser aqui, lá não conhece respeitos humanos, trata de ideias, olha para Deus e não vê as pessoas, não vê os limites de rotinas e fabulas. Protege a Sciencia e, quando esta, como agora, conclue, reencontrando Deus, sincera, fecunda, progressiva, a Fé está com ella, no que dantes era inconciliavel — no proprio *campo experimental,* em que Flammarion, com Rochas, com Lombroso e outros, abrem caminho a um Ideal Novo.

— Sublime alma franceza!

— Mas tambem assim o pode ser a portuguesa, Candida, quando a luz dos espiritos fôr geral.

— Diz bem, snr. de Moigénie. A nossa urgencia verdadeiramente nacional, é a instrução. Mas, felizmente, por ella combatem milhares de espiritos, e dos melhores. A mulher portugueza, porém, mal tem afirmado nesta luta todo o seu valor.

— Por indiferença?

— Não digo tanto, mas desanimada com a ignorancia de todos, inclina-se mais a deleitar, o que é mais acessivel, do que a filosofar, o que pode não ter leitura.

Sabe qual é o meu sonho querido de aqui ha tempos? *Uma Liga Feminina da Instrução.*

– Pode dar-me alguns traços dessa liga?

— De bom grado, sr. de Moigénie, mas amanhã, porque a noite é cerrada e é tempo de regressarmos a Cintra.

Concordei. Corria um vento delicioso. A areia scintilava a um luar claro como dia.

O eletrico ia partir, apressámo-nos e, emquanto o carro deslisava pela estrada deliciosa, eu ia pensando em ti, Mariette, áquelas horas decerto no jardim, a um luar mais baço, mais inefavel, porque é o luar da França.

Adeus. Recomendações enternecidas de Candida. Teu

IV

Monchique, a Cintra do Algarve — O Alemtejo; aspétos, tristezas, pobreza, indolencia — Os canaes de irrigação — O exemplo do povo de Serpa — A população do Alemtejo e a de Lisboa — Recorda-se a figura triangular de Argel — O Minho e o Algarve — O Estabelecimento Balnear de Monchique — O dr. João Bentes Castel-Branco — Liga Feminista de Instrução — Quotas — Escolas — Propaganda — Talvez utopias — A rainha D. Amelia — As senhoras dirigentes — A força da fé — Ainda o exemplo de Joana d'Arc — Um vale que lembra o de Tempe.

Monchique, 18 de Agosto de 1906.

Minha adorada Mariette:

Tive uma viagem encantadora.

Candida e a familia fizeram-me uma companhia alegre e afétuosa. Tambem, se ellas não viessem para estas Caldas, eu iria com certeza para as da Rainha, que ficavam mais á mão. Mas tanto me elogiaram esta verdadeira Cintra do Algarve e tanto estimo a conversa espiritual de Candida, que aqui estou eu a bastantes leguas ao sul da

grande e linda Lisboa, cujas fotografias deves ter apreciado.

Tive de atravessar o Alemtejo.

Mas que desencanto! Imagina kilometros e kilometros de montado, as povoações raras como oasis, vegetação quasi morta, o ar triste, oprimido, o ar do Saharà. Belos tipos de homens robustos e esculturaes mulheres, mas pesados, indolentes, como que enfastiados com a aridez da gleba. E, afinal, tudo aquilo podia ser um paraiso—flores, frutos, sombra, alegria—se Portugal tivesse bons governos e o povo alemtejano soubesse bem lêr. A terra está descançada e é naturalmente fertil. Sabes o que falta? Agua. Pois era bem facil, embora dispendioso, rasgar canaes d'irrigação, como os temos ahi e na Hollanda. Bastava o governo facilitar e auxiliar os emigrantes que vão para o Brazil e dar dinheiros para as obras principaes. Ao mesmo tempo, devia instruir o alemtejano e elle saberia proceder, como deliberaram, ao que dizem, os povos do concelho de Serpa: transformar baldios em campos fecundos.

Mas não é assim e aqui tens tu o Alemtejo, provincia com quarenta leguas de comprimento, e com uma população de 260 a 270 mil almas, metade da real população da capital portuguêsa!

Mas o Algarve, pelo menos o litoral que eu conheço, é um jardim. Parece que estamos em Argel. Lembras-te dos dias que passámos em Argel, na varanda sobre o porto, olhando para o belo triangulo da cidade, cercada de vegetação doce e forte? E' o que me lembra o clima e o aspéto do rincão Algarvio.

Falei-te ha mezes, do pouco que já vi do delicioso Minho. Pois o Algarve é mais variado, ainda

mais surpreendente. Não é, pelo menos, tão facilmente monotono, a julgar pelo que tenho visto.

E então, Monchique é outra Cintra, mais pequena, menos rica de palacios e chalets, mas encantadoramente silvestre. Os contrafortes da serra têm as pionias, como outras eminencias agrestes têm as giestas. Depois, um calor norte-africano e sempre uma brisa da mais fresca e perfumada, como a não ha em Tanger ou Argel, brisa de jardim com muita sombra.

O Hotel é magnifico, vasto, pitoresco. O Estabelecimento balnear é digno de todo o elogio e penhorou-me logo o trato fino e simples do seu director, um grande medico kneipista, o dr. João Bentes Castel-Branco.

Nesta barafunda de instalações, passeios, estudos de panoramas, arqueologias, etc., que tanto tempo me levam, só hoje de manhã, ao romper do sol, pude reatar a minha conversa com Candida, á sombra, ao carinhoso abrigo duma araucaria.

—Lembra-se, disse-lhe eu—de que me fez a promessa de dizer-me o que deve ser a sua *Liga Feminista de Instrução?*

—Perfeitamente, sr. de Moigénie. Como eu a concebo, devia de ser formada por todas as diréctoras do movimento feminista portuguez e por todas as mulheres ilustradas.

—Não será dificil?

—Talvez. O seu primeiro cuidado seria estabelecer uma quota modesta que revertesse em producto dum *cofre perpetuo*. Por exemplo, 50 rs. mensaes. Essa quota seria paga pelas socias, pelas mães de familia que soubessemos interessar na cruzada e ainda pelas *Ligas d'Instrução Mascu-*

lina que bem compreendem, decerto, o alcance da nossa obra, base da sua.

—Acho sensato.

—Os sinceros curas d'almas—tanto ainda no coração do Povo—e os mais fogosos democratas, os mais intransigentes, aplaudi-la-iam, não sendo utopia esperar-se que o proprio governo lhe désse um subsidio valioso. Constituido um certo fundo, instalariamos *escolas femininas* em Lisboa, no Porto, em Coimbra, nas cidades, onde fosse possivel faze-lo. Ahi creariamos as futuras professoras das aldeias, as boas auxiliares das professoras officiaes. Ensinariamos Moral—Religião—Sciencia pratica, trabalhos domesticos: o resto seria para o atual ensino primario. Por outra, deste ensino aproveitariamos o lado essencialmente pratico e fundamental.

—Mas...

—Bem sei que acha isto utópico. Porém, antes de tanto, cumpria-nos uma propaganda ardente e desinteressada em toda a parte. Atrairiamos as jovens ricas furtando-as mais aos bailes e teatros e dando-lhes conferencias, emfim, aproximando-nos dellas por todos os modos.

Nas vilegiaturas, no verão, escolheriamos os pontos mais sertanejos, falando ás aldeãs, dando-lhes livros, socorrendo-as, educando-as, atraindo para a *Liga* todas as abastadas e bondosas.

Emfim, senhor, fariamos uma obra átiva e incessante, que o clero digno havia de ajudar e ampliar por defeza, ilustração e modernisação propria, assim como o professorado primario, assim como a imprensa e os escritores, que em Portugal têm uma leitura tão restrita.

—Vejo inconvenientes.

—Diga-os, sr. de Moigénie...

—A falta de solidariedade que me tem pintado. Será possivel convergir todas as forças feministas para esse fim admiravel, mas tão agro, tão carecido de grandes recursos?

—Talvez seja facil. Temos uma rainha ilustrada, altruista, primorosamente francêsa. Podemos discordar—principalmente o senhor, republicano progressivo,—do seu crédo politico: mas temos de concordar na sua sinceridade e no seu prestigio.

Se ella e a aristocracia protegessem a *Liga*, aonde não poderiamos nós chegar?

—Mas suponha que as divergencias... Porque, digamos tudo, ha senhoras portuguêsas opostas ao ensino religioso...

—Nem assim é para desanimar. Ellas, verdadeiras mulheres dignas, pensem como pensarem, hão-de preferir sempre a luz na religião pura ás trevas absolutas numa religião desnorteada a ponto de permitir tantos bonzos e calamidades.

—Vejo, Candida, que não lhe falta a fé.

—Não, snr. de Moigénie. A falta de fé destróe tudo. O snr. de Moigénie tem exemplos frisantes na sua patria.

—E' verdade, Candida. Ainda ha dias falámos de Joana d'Arc. Bem simboliza ella a Fé. Vejamos o que ella fêz. A França era de Henrique V de Inglaterra, por imbecil covardia de Carlos VI, que a dera como dote de sua filha Catarina. O povo perdera o patriotismo. Paris aclamava, na pessoa de Bedford, o filho do usurpador inglez. Tudo estava perdido. Carlos VII, indolente, arrefecia o povo, que, aliás, palpitava de patriotismo.

O Rei de Inglaterra, intitulava-se *Rei de Inglaterra e França* e assim, por grotesco orgulho, havia de conservar o titulo até é Revolução Franceza. E veio a pastora de Domrémy, porque era a Fé, bater os inglezes, libertar Orleans, sagrar o rei em Reims, preparar o fim glorioso da *Guerra dos Cem Annos*. O patriotismo acordou. A França resuscitou.

—Não é uma novidade a nossa obra, sr. de Moigénie. Tambem em Portugal as virtudes civicas são hoje debeis. A indiferença é o nosso peor inimigo. Urge uma Joana d'Arc. Mas quem o será?

—Pode sê-lo a Candida.

—Nem... por galanteria se admite.

—Quem sabe?

Mas era hora do almoço. Cortámos a conversa e fomos descendo pela linda serra de Monchique.

Deviamos almoçar num vale que lembra o de Tempe, delicia algarvia muito co-irmã dos melhores trechos da Mesopotamia legendaria... E o almoço foi digno do local. Bom e animador, cordeal, simples.

Adeus. Muitos beijos fratêrnaes da bela e virtuosa Candida e mil saudades

Do teu

V

João Jacques Rousseau em cuécas.—Sem o Emilio ou o Contrato Social, mas melhor para a sua Tereza, e não engeitando filhos.—Dia de vindima.—Evocação de Marselha e da Provença.—Tarde deliciosa.—O estio de Portugal e o da França.—Os crepusculos lusitanos.—Os teatros.—Monomania de aproveitar do estrangeiro principalmente o que é mau.—Lisboa, Porto e Coimbra e Moulin Rouge, Folies Bergéres, etc., de Paris.—A culpa é das mulheres:—Não irem ás peças imoraes seria a regeneração do teatro nacional. A—moralidade no lar.—O sentimento do pudor.—O teatro moderno e o seu pregão de teses.—*No fundo sempre Dumas, Augier, Feuillet, Scribe, etc.—Só a forma diferente e, ás vezes, inferior.*

Monchique, 2 de Setembro de 1906.

Minha bondosa Mariette:

Ha dias que me invade a terrivel preguiça de escrever, preguiça que tanto escarneces em França. E sabes quando mais me domina? E' principalmente quando mais tenho que dizer-te. Por es-

tas e outras é que tu—sempre tão ironica como estudiosa – me vaes chamando o *João Jacques Rousseau em cuécas*. Lá nos paradoxos da minha vida espiritual, concedo-te que m'o chames. O que é pena é eu ser fundamente incapaz de escrever o *Emilio* ou o *Contrato Social*. Verdade seja, que não te trato como elle tratou a Tereza, nem consta que eu tenha engeitado algum filho... Ao menos valho nisso mais do que elle... Mas hoje, dia de vindima numa quinta encantadora da surribada meridional desta serra, resisto á poesia do campo e, na melhor hora de passeio, ás 6 da manhã, cá te estou eu a escrever, emquanto, como me disseste, andas por Marselha com teus pais, a mirar a atalaia de Nossa Senhora de la Garde, o porto, o sol da Provença, tudo isso que recebe tantos sopros do norte da Africa e do sudoeste da Italia.

Estamos uns viajantes infatigaveis. Ainda te hei-de escrever do Canadá, estando tu em Java ou nas ilhas de Sandwich...

Emfim, boa saude e bom coração. A vida é rapida e amarga. Que seria de nós, precisando de trabalhar tanto, sem estas viagensinhas?

As minhas conversas com Candida têm sido constantes. Não faltamos um dia. Mas a ultima, a de ante-hontem, deixou-me impressões novas.

Morria a tarde lentamente. O calor era tão suave, que eu julgava que vinha do teu coração. Oh! o estio de Portugal é muito superior ao de França. Ahi, se estamos na Provença, lá temos o terrivel *mistral* que parece vir do Saharà.

Se estamos no Centro, Bordeus, Lião, etc., falta-nos a doçura do Atlantico do Meio-Dia, porque o do Norte ou é violento, ou parado como um lago de estanho.

Se vamos a Paris, e acima até á Mancha, ha uma fornalha tanto mais rude, quanto, no inverno, se transforma em gelo, só bom para os patinadores...

Aqui, os poentes falam, comovem, melhoram a gente.

Não é como ahi—onde são simples e belos espetaculos. Em Portugal, principalmente em Cintra e no Monchique, parece que cada flôr é uma alma. Mas cá estou eu com as minhas digressões.

A tarde morria lentamente, estava eu dizendo, e não disse tudo, porque os crepusculos de Portugal dizem mais, extinguem-se com mais poesia do que os da propria Nice e—ia a dizer—de Napoles e Messina.

Candida vinha grave, com uma ruga na fronte.

—Que tem, minha amiga? Alguma apreensão?

—A mais pungente, sr. de Moigénie.

—Como?

—Oiça-me.

A adoravel senhora levanta uma onda de cabelo que pretende velar-lhe o olhar, e diz, nervosa como nunca a vi:

—Viu o senhor o que dizem de Lisboa sobre teatros?

—Vi, Candida, e reparei. Portugal segue França principalmente nos desatinos. Desculpe a franqueza, mas é assim. Porque em Paris triumfam bestialmente o *Moulin Rouge*, as *Folies Bergères*, etc., Lisboa, Porto e Coimbra, todo o país, aplaudem as revistas pornograficas que nada têm de arte, de moral e menos de verdade...

—Isso mesmo, sr. de Moigénie. Folgo de o vêr da minha opinião. Mas sabe de quem é a culpa?

—Dos governos... dos homens...

—Ilude-se. E' das mulheres.

—Não me parece, Candida.

—Vai ver. A mulher portuguêsa vê, todos os dias, no palco, cinicas afrontas á sua serena virtude. Insinuam que ella é falsa, corruta, leviana e a pobresinha ri, aplaude e prepara assim o seu proprio inferno domestico.

—Não lhe dão melhor teatro...

—Mas que o regeite. Nenhum marido podia obrigar a mulher a ir a um espetaculo imoral. Nenhum pai, pelo menos, obrigava as filhas. Porque as levam lá? Porque ellas gostam, e pedem que lhes dêm esses divertimentos.

—Sim, isso é verdade, Candida.

—Se ellas, brandamente, mas com firmeza, se recusassem a ir assistir a representações imoraes, os empresarios, faltando-lhes o melhor e mais sensivel do seu publico, não corrigiriam os reportorios?

—Decerto.

—E aqui tem, sr. de Moigénie, já uma obra valiosa da mulher, pela brandura firme que esta obra exige e pelo alcance de tal resolução. Depois, é facil de ver as consequencias. A moralidade regressaria ao lar, donde ella foge tão cedo e tantas vezes. A verdadeira instrução e a verdadeira educação reinariam, pouco a pouco, desenvenenadas assim da influencia revoltante duma arte sem arte, que se diz realista e não passa de cinica.

—Tem muita razão, Candida. Mas...

—Bem o compreendo, sr. de Moigénie. Como levar as mulheres a isso? Como? Fazendo uma campanha habil e tenaz contra todo o mau teatro, e declarando bem alto, com bem coragem e bem justiça, que quem frequentar obscenidades é pobre da virtude mais inata na mulher —o pudor.

—Que bela ideia! Mas acredita, Candida, que a ouviriam?

—Decerto: hoje entre risadas, amanhã meditativas, pensando mais nas suas filhas do que nellas proprias. O pudor resuscita-se depressa, quando o coração e a razão falam livres um ao pé do outro.

—Mas o teatro...

—Bem sei que está exausto. Os velhos temas exgotaram-se. O adulterio está explorado até á fancaria. Fala-me para ahi de teses e o que se vê é o *arranjo* disto ou aquillo que vem no Dumas, no Augier, no Scribe, no Feuillet ou no Ennery. *A forma* é que varia, e ás vezes, para peor. A ideia é raquitica. O sentimento é nulo. Quando muito, impa-se da mania de grande originalidade de estilo. Mas esse, é fácil ver, apenas diverge em ser bárbaro, pedante de tecnologias, fingindo-se simples, sendo maçador quando fóge de emfático...

—Já vê portanto, Candida...

—Pois nem assim me dou por vencida. Amanhã lhe direi como penso sobre o assunto.

Por hoje, porque a noite desce velozmente, peço-lhe que vá meditar nesta questão importante.

Valeu? Amanhã discutimos como dois deputados de partidos contrarios.

—Aceito, Candida. O caso interessa-me.

E, muito silenciosos, lá fomos a caminho do Hotel.

Pelo caminho ranchadas de populares cantavam. Que bela a inocente simplicidade deste povo! Que indole de singeleza e pureza!

Adeus. Saudades de Candida. Mil saudades do teu

VI

No Estoril — O seu ar puro — Estoril e Lisboa — Um monte de chalets e pinheiros — O Clima superior ao de Nice — A natureza — A dualidade do belo e do feio — A saude da Arte — A nudez da Grecia e a castidade — Uma creança núa e um anjo — A mulher de seio nú, amamentando o filho e a grande dama decotada — Como o semi-nú é mais afrodisíaco do que o completamente nú — A Povoa de Varzim e Villa do Conde — As poveiras de perna núa até ao joelho — As damas no Chiado, rua do Ouro, Avenida, Campo Grande e Aterro — O mesmo em Paris, Madrid, Vienna e Berlim — A chuva e a lama pretextos para exibição preparada da plastica — Assim o teatro nacional — A Bôca do Inferno e o mundo.

Estoril, 18 de setembro de 1906.

Minha bela Mariette:

Cá estou emfim no decantado Estoril, delicia, paraiso, que o Eden não se dedignaria de ter como retrato. Feito o tratamento das Caldas, Candida quer tonificar os nervos nestas aguas de prata.

Eu acompanho-a, como um amigo leal, e, se não tomo todos os dias banho, aspiro este ar balsamico e admiravel, como não ha melhor em toda a Europa. Candida tinha razão: o Estoril está para Lisboa, como a aurora está para o dia.

Não ha praia similhante em parte alguma. Não é uma cidade, como a velha e triste Cascaes o é em ponto pequenino: é um monte belo com *Chalets* que lembram sonhos de poeta a mirarem o Oceano. Alamedas de pinheiros, visos deliciosos, panoramas inefaveis de magestade e como que ternura ao mesmo tempo. E o clima? Já deves ter lido, que Nice ao pé do Estoril é aspera e doentia. Aqui, no maior inverno, o termometro marca 9 a 10 graus. Queres melhor simile do paraiso? Arrabalde de Lisboa, aonde se vae por uma linha ferrea que não tem igual, toda á beira mar, a capital parece agreste á vista desta doçura incomparavel.

Para o ano proximo aqui has-de vir, Mariette —tenho essa esperança.

E' neste ceu azul do Estoril, que has-de compreender melhor a grande alma de Candida.

Mal nos instalámos, o que foi facil—eu arranjei aposento num chalet visinho do della—fomos de longada até Cascaes pela grande Avenida que desfecha deante dum verdadeiro abismo.—*A Bôca do Inferno.*

Logo no caminho, antes de admirarmos toda a encantadora bahia, voltamos á conversa cortada em Monchique.

—Então a questão do teatro portuguez, Candida?

—Ia a pensar nisso. E sabe porquê?

—Não.

—Porque vejo deante de mim a fonte da sua resurreição.

—Na Natureza?

—Acertou. Como tudo é belo! Ha ali, na toca, uma cobra, um sapo, um reptil, um lagarto, mas tambem ha aves, flores, torrentes, perfumes. Isto é que é a Natureza. Porque não ha-de o teatro inspirar-se nella?

—Ella é toda a Arte...

—Sim, é toda a Arte. Nem tudo é feio, como nem tudo é belo. Ha luz e trevas.

A verdade está nisto. Porque fogem dela?

—Mas então a nudez da Grecia...

—Mas é que a nudez não é que constitue o mal. Dispa uma creança inocente, e não lhe envenene o olhar e o sorriso, e não lhe ponha nos labios puros palavras torpes e ajoelhará deante dela como deante dum anjo.

—Bem compreendo, Candida.

—Ora o teatro moderno expõe tudo nú, mas não como a natureza o deu e sim como a torpeza dos sentimentos que, contra a Natureza, dão ao Belo. Contra isto deve reagir a mulher...

—Como seria sublime!

—Uma mulher de seio nú, dando de mamar ao filhinho, inspira respeito. E não ha uma nudez? Porque não inspira ela torpezas? E' porque o sentimento faz belo o nú quando este vive em plena natureza. Agora veja aquela outra, decotada, mal se adivinhando o seio, peralvilha, leviana, á luz do gaz, com sorrisos estudados, com olhares lascivos. Não está muito menos nua do que a mãe que amamenta o filho?

—Admiravel, Candida, admiravel!

—E, contudo, o semi-nú é, neste caso, mais afrodisiaco do que o castamente nú.

E' então porque o mal vem da nudez ou é da perversão do Sentimento?

—Isso é irrespondivel, porque já está respondido.

—O snr. de Moigénie tem viajado por Portugal todo. Lembra-se daquella deliciosa e grande praia da Povoa de Varzim?

—Se me lembro, como da aristocratica Villa do Conde...

—Tambem reparou decerto naquellas valentes mulheres...

—Pareciam da Normandia ..

—Nuas de perna até ao joelho, perna forte, modelar, nuas de braços quasi até aos hombros, braço musculoso e perfeito...

—Sim, Candida, esculturaes.

—E diga-me: que maus desejos inspira aquela carne cheia de vida e castidade, apezar de completamente núa?

—Nenhuns. Inspira a admiração honesta por boas estatuas.

—Ora agora vá o snr. de Moigénie a Lisboa, á Avenida, ao Chiado, á rua do Ouro, ao Campo Grande, ao Aterro.

Peça a Deus que chova. Repare nas mulheres. Arregaçam-se provocantes. Mostram só o fundo da perna e bem calçada.

Porque é que esta exibição, que nem chega a ser nudez, lhe dá máus apetites? Confesse.

—E' pelo significado daquella desenvoltura, daquella...

—E' pela perversão daquelles meneios, diga tudo. Em Lisboa, em Paris, em Madrid, em Vien-

na, em Berlim, onde ha mundo que se diz civilisado, a dama, em geral, não livra as saias da chuva ou da lama, exibe plastica, a provocar o desejo, offerece-a com leviandade, com despejo, com impudor...

—E' talvez excessiva, Candida.

—Ah! eu sou mulher. Mas, voltando ao caso, o teatro faz assim. E' mau não tanto pelo que desnuda, mas pela triste perversidade com que sensualisa a nudez... Ora a mulher deve lutar contra isto que a degrada mais do que a ninguem... Mas vamos. Espera-nos o jantar. Viu bem a *Bôca do Inferno?*

Que lhe parece?

—Uma imagem do mundo: ondas, golpes de penedia, cachões, pavor, ruido...

—Aceito a comparação.

E, de braço dado, regressámos ao Estoril, olhando á roda com o enternecimento de quem vive na simplicidade da natureza.

Adeus. Candida faz votos por que não te enfades na Provença. Egualmente os faz

O teu do coração

VII

Uma fabrica.—Recursos para isso em Portugal.—Dieppe, Trouville e Estoril.—Ibsen e o teatro naturalista.—O teatro da natureza.—Shakespeare, Schiller e Hugo.—Hugo e a sua emfase e romantismo.—O teatro e a alma de Victor Hugo e as mulheres.—«Roi s'amuse, Lucrecia Borgia, Cromwel, etc.»—Shakèspeare e as mulheres, Schiller e as mães, Hugo e as esposas.—As crianças e João de Deus.—João de Deus e Lamartine e Musset.—João de Deus e Victor Hugo.—Portugal e Italia.

Estoril, 27 de Setembro de 1906.

Gentil Mariette:

Muito gostei de saber que regressaste a Paris com saúde. Então os *boulevards* já estão cheios de gente?

Bem te entendo, querida: o teu Victor deve partir depressa ao teu encontro, não é isso? Mas tem paciencia. Ainda tenho de me demorar até Dezembro ou mais. E' excessivo? Será, mas outros negocios, e bem imprevistos, me demoram em Portugal. Imagina tu que estou tratando de fundar aqui uma grande fabrica, mandando, para

a dirigir, teu irmão, que é um habil engenheiro. Ora em Portugal abunda a agua, excelente motor. Além disso, os recursos são magnificos. Trato de os estudar e valorisar. Depois te descreverei a empreza toda. Vou estudando o país e vou estudando a maneira de ampliar a nossa modesta fortuna.

Logo no dia seguinte áquelle em que te escrevi, fui eu com Candida a pé até Parede, logar onde as edificações se multiplicam como por encanto. O passeio é belo e variado.

Tudo convida á atividade do espirito e do coração. Não penses que isto se parece com Dieppe ou Trouville. E' uma joia original, como só o Sul a podia criar á beira das ondas mais brancas e brilhantes que tenho visto.

Pelo caminho, já se vê, a conversa voltou ao seu fio, como uma consequencia lógica.

Candida, maliciosa e jovial, interpela-me:

—Prometeu-me discutir sobre teatro e vejo que só sabe concordar comigo.

—Que quer? A Candida diz tudo...

—Ora, não seja trocista. Algo lá vive seu, muito seu, sobre o assunto.

—Que hei-de acrescentar? Que Ibsen veio fazer uma revolução mal compreendida? Que o teatro naturalista, como o romance, fracassaram depressa? Que tudo isto vem da mania da originalidade que substitue a verdadeira consciencia? Mas a Candida aceita decerto tudo isto.

—Na verdade, aceito. Mas, sob o ponto de vista, admitindo que não se produz mais nenhum drama ou comedia, qual o teatro que julga melhor para a Mulher?

—Penso como a Candida: o Teatro da Natureza.

—E Shakespeare, e Schiller, e Hugo?

—Shakespeare! Esse tem o maior realismo, a bárbara nudez, e todavia a virtude, a castidade.

—Já Schiller, snr. de Moigenie...

—Já Schiller tem, dentro de muito mais primor, menos profundidade e mais enervamento.

—E Hugo?

—Hugo? Deverei dizer delle o que qualquer pobre homem diz a cada passo: que tem emfase, que é excessivamente romantico, etc., etc.? Mas quem pede contas ao orador João por ter voz de baritono, quando o orador Tomé tem voz de tenor, e o orador Marcos voz de baixo? Questão de fórma, de timbre, de laringe. Falam elles bem, com ideias e com sentimento? E' tudo. Alguem, que pouco sabe da Arte e fala della com despejo, diz que os *Miseraveis* deviam ter menos emfase. Lê-se o tal alguem e o que elle recomenda é tudo emfatico, chôcho, sem ideias claras, o que é peor, sem sinceridade, o que é abominavel. O teatro de Hugo não é todo de primeira ordem, mas contém obras primas de psicologia, tem dramas imortaes, verdadeira e forte moralidade...

—Entende então que Hugo deve ser lido pelas mulheres?

—Decerto. Victor Hugo era o artista das mulheres e das crianças. Não como os que as corrompem e pervertem, mas como um patrono que as ama e respeita.

—Então, o *Roi s'amuse*, *Lucrecia Borgia*, *Cromwel*...

—Podem ser lidos por mulheres? Decerto, pelo menos, apezar das suas falsidades, melhor do que tantas *teses* dramatisadas desastradamente.

—Pois bem! snr. de Moigénie, vou fazer res-

trições ao seu juizo...

=Diga, Candida; eu não sou infalivel.

—Daria Shakespeare a todas as mulheres; Schiller a todas as mães; Hugo a todas as esposas.

—E ás creanças, Candida?

—A's creanças um poeta nosso: João de Deus.

—Dramaturgo?

—Não, mas os seus versos muito simples teem vida como pequeninos dramas dum coração.

—Um Lamartine?

—Mais singelo e menos vago...

—Um Musset?

—Menos veneno e mais ternura.

—Então é o Hugo da *Arte de ser Avô*, da *Fantina* e da *Coseta* nos *Miseraveis*...

—Sim, Hugo traduzido por uma borboleta com voz, e voz de rouxinol...

—Só em Portugal póde haver assim um poeta...

—E admira-se? Conhece tambem um clima que lembre isto?

—Talvez a Italia, parte da Italia...

—Napoles?

—E' linda, mas vulcanica em tudo—no sol, nos olhos da raça...

—Messina?

—E' uma chaga de fogo.

—Florença?

—E' uma sepultura desalentadora.

—Roma? Bolonha? Milão? Genova? Veneza?

—E' toda a Italia onde ha vales, onde ha qualquer coisa de Cápua dentro de qualquer coisa de Reggio...

—Mas então as italianas parecem-se comnosco?

—Di-lo-ei amanhã, Candida. Não é verdade que anoitece?

—Sim, snr. de Moigénie, anoitece. E a noite pede evocações de espiritos, e não palavras cantantes. O senhor é um crente da Nova Religião. Eu, velha católica, não o sigo, mas respeito-o. E' que o meu catolicismo vem todo de Jesus-Cristo, como a sua fé vem do Positivismo.

—Sempre generosa, Candida.

—Não. Sempre tolerante, sempre justa.

E fomos para o Estoril. As perguntas embaraçavam-me e eu comtudo, nas respostas, dera da minha sinceridade um reflexo bem puro e insuspeito.

Até breve, Mariette. Com as saudades de Candida vão as muito profundas do teu

VIII

Uns versos de Victor Hugo — A atração de Lisboa — O Music-Hall e o coliseu dos Recreios — O Music-Hall e o comerciante Grandela — As indoles e os climas; na Inglaterra, em França, na Espanha, em Portugal e na Italia — Diferença da mulher italiana — A pedagogia na Italia — A obra de Amicis — Compreensão da missão da mulher na Italia — A visinhança da França e da Allemanha — Como se deve aproveitar o que ha no estrangeiro — A França no seculo XVIII, instruindo-se na Inglaterra — Voltaire e Adisson e Pope — Termina a comparação entre as mulheres de Portugal e as de Italia — Portugal não conhece a Espanha literaria — Traduções espanholas das obras de Trindade Coelho, Simões Dias, Eça de Queiroz, Camilo, etc. — Carro eletrico para o Jardim Zoologico.

Estoril, 3 de Outubro de 1906.

Querida Mariette:

O Estoril é um paraiso, é uma delicia constante, é um berço de flores sobre as ondas, como o de Moisés, quando abandonado no Nilo, inspi-

rando ao poeta da *Legenda* estes versos—recordas-te?—:

Mortels, vous dont l'orgueil méconnait l'Eternel,
Fléchissez; un berceau va sauver Israel;
Un berceau doit sauver le monde!

E' tudo isso Estoril, mas estar ás portas de Lisboa é tambem muito. Atrái-nos não sei o quê, aqui o burlesco duma rua burguêsa, capitalista, velha, pretenciosa; além o pitoresco da ermida do Monte ou do Castelo de S. Jorge; depois, a pompa da Avenida, a elegancia pautada da Baixa, as novas avenidas, os teatros, esta fisionomia original da capital portuguêsa, tão desconhecida em todos os seus bairros por tantos filhos de Portugal...

Não te admires, pois, de que eu, Candida e a familia, resolvessemos ir a Lisboa, com tenções de visitarmos o *Music-Hall* da Avenida e o grande *Coliseu dos Recreios*, tão grande como o que, no genero, ha de gigante na nossa querida Paris.

Afinal ficámos no *Music-Hall*, propriedade dum comerciante célebre Francisco Grandela que parece ter costela de *yankée* pela atividade, pelo fogo, pela inventiva.

Depois, assistindo á sessão de musica e animatografo apenas por 60 réis, viémos para a grande varanda de mármore que dá para o principio da Avenida.

Ali, apezar dos frequentes gritos do desconforme *Sinfonion*, eu e Candida, estimulados pela presença de tantas damas, voltámos á nossa conversa prediléta.

—Hoje, disse ella, olhando ao longo da gran-

de arteria de Lisboa, tem a palavra o snr. de Moigénie.

—Recordo-me perfeitamente...

—Desejo saber se na Italia as mulheres se parecem comnosco. Como acha o clima quasi egual...

—Vou começar, Candida. Primeiro que tudo, permita-me uma especie de prefacio...

—Pois não, snr. de Moigénie.

—Eu tenho a mania de classificar as indoles segundo os climas. Já Montesquieu assim o pensou no seu *Espirito das Leis*. Se concorda, o clima de Inglaterra, bruma, frio, humidade, dá a secura, a rijesa, o sangue vivo em mármore solido.

—Concordo...

—O clima seco e ativo da França dá á francêsa: elasticidade, graça, alegria, leviandade talvês...

—Concordo.

—O clima de Espanha, de Portugal e da Italia, dôce, claro, fagueiro, dão á portuguêsa, á espanhola, á italiana, bondade, ternura, paixão, simplicidade e alguma ignorancia.

—Concordo ainda.

—Mas isto, em geral, porque ha exceções e ha diferenças de raça.

—Sempre d'acordo. Mas diga essas diferenças...

—A italiana, Candida, é mais ardente, mais apaixonada, mais energica talvês...

—Ha-de ser das visinhanças do Vesuvio e do Etna...

—E' talvês um tanto. Mas, ao mesmo tempo, perdôe, é hoje mais ilustrada.

—Tambem o sei. Mas dir-me-á porquê?

—E' simples. A pedagogia italiana, ha anos,

foi haurir na Alemanha uma sciencia, que, depois, o talento dos filhos da Italia ainda mais desenvolveu e fez brilhar. A Italia era preguiçosa. A Italia era indolentemente artistica. Que fez lá o filosofo? Interessou-se pela Siencia. Como? Falando ao Coração, ás Mulheres. E a italiana, lendo, por exemplo, Amicis, compreendeu de golpe a sua missão. Fez-se evangelista, foi alma da sua Pátria, renovou a familia, ampliou o lar até á Humanidáde!

—Admiravel! divino!

—E' o que deve fazer a portuguêsa. Ha, porém, uma dificuldade grande.

—Qual?

—Estar a grande distancia da França, o que não acontece á Italia.

—Mas, snr. de Moigénie, não diz que Portugal peca por imitar o estrangeiro?

—Decerto, porque o vê de longe, porque não sabe nem póde estudá-lo, adaptando com senso o que lhe convém, como o faz a Italia, como o fazem todos os povos progressivos que vivem de paredes meias com a França e com a Alemanha.

—Acho logico o que me diz, snr. de Moigénie.

—Sim, não se trata, por fórma alguma, de desprezar o estrangeiro; mas, sim, de colher dele o que nós convém deveras, como o trabalho, o estudo, a perseverança, o método. Ir buscar o que repugna á nossa indole é fazer obra esteril: o principal é colher impulsos para aproveitarmos bem o que é nosso.

—Aceito isso plenamente.

—A propria França o tem feito...

—Dir-me-á quando, snr. de Moigénie?

—Basta vêr a obra de Voltaire. O snr. de Ferney foi orientar-se e muito á Inglaterra.

—Sim, creio que Addison e Pope...

—Ah! a Candida então sabe. Neles estudou. Houve até uma certa anglomania. Mas o bom senso dos francêses protestou a tempo e o que era exagero foi posto de parte saudavelmente.

—De maneira que as italianas...

—A meu vêr, têm um temperamento parecido ao das portuguêsas, embora mais ardente. O que as faz, porém, superiores, é a instrução e educação que a Italia tão bem assimilou da Alemanha e França, mas dando-lhes uma feição exclusivamente sua.

—Obrigado, snr. de Moigénie. Ignorava isso. Já vê como somos ignorantes. A Italia, uma nossa irmã latina, desconhecêmo-la! Mas que admira? Acontece-nos outro tanto com a Espanha, apezar de ella nos traduzir as melhores joias, porque, ainda ha pouco, o grande literato espanhol Altamira verteu em excelente castelhano *Os meus Amores,* obra prima dum nosso grande contista, Trindade Coelho, como foi traduzido em espanhol o melhor de Simões Dias, Eça de Queiroz, Camilo, etc. E, no fim de tudo, vivemos com a Espanha de paredes meias? Quer descer a escada comnosco?

—Pois não, adoravel Candida...

No dia seguinte, deante deste *Music-Hall,* tomavamos nós o eletrico para Bemfica. Iamos vêr o Jardim Zoologico, onde a conversa, como te direi noutra carta, tomou um rumo muito interessante, sempre rapida e sempre sincera, como tudo o que vem da pureza da consciencia.

Adeus. Saudades da Candida. Não esqueças o teu

IX

Carta prometida — Um desgosto profundo — Candida fala das mantilhas portuguêsas, dos chapéos de Paris, das viagens — A sua febre — Uma surpreza dolorosa — Morte de Candida — Um velho pai estoico — Quarenta annos de desgostos — A filosofia do velho — Ultima homenagem — Viajando pelo Norte.

Lisboa, 12 de Outubro de 1906.

Minha Mariette:

Prometêra-te eu uma carta que dissésse das minhas impressões sobre a conversa com Candida no «Jardim Zoologico» desta bela capital. Ah! Mariette, tanto quando segui da Avenida para o grande parque das Laranjeiras, como depois lá, sob as copas das lindas arvores, tudo foi delicioso e puro como de costume. A 3 do corrente, escrevi-te debaixo ainda dessa impressão dôce. Mas, no dia seguinte — Mariette, minha santa! — as lagrimas, as angustias, a dôr mais pungente, vieram embotar-me o cérebro, lancetar-me talvês para todo o sempre o coração.

Que imaginas tu, Mariette?... Sem rodeios..

Toma nota destas notas e verás que sofrimentos tenho tido em tão poucos dias.

Candida dissertára com a sua eloquencia viva, meridional, sobre a monomania do estrangeiro. Sempre original, singela, vivacíssima. Sempre franca, modesta, sincera. Disséra-me que lhe custava muito o esquecerem-se as portuguêsas da sua graciosa mantilha, substituida pelo caprichoso chapéo de Paris. Lamentára o fanatismo excessivo por tudo que vem de França e afirmou-me que muitos seus compatriotas conhecem Paris, Leão, Bordeus, Lourdes, Dieppe, Havre, Marselha, Nice, a Suissa, etc., e nunca visitaram a Beira Baixa, a Beira Alta, o Minho, o Algarve, toda a Lisboa, todo o Porto, toda a Coimbra, toda a Setubal.

Defronte do restaurante, instalação pitoresca e simples, a sua palavra tomou, de subito, uma energia desconhecida. A bela portuguêsa, vibrante de justiça, evocou grandes e gloriosas mulheres do seu país. Notei-lhe até uma nova emfase, palavras de timbre metalico, ásperas, estranhas. Estava com febre, a gentil Candida! Só depois o soube.

No dia 3 escrevi-te, não tendo noticias della. Horas depois, procurei-a. A casa estava fechada, triste. Toquei a campainha. Veio uma velha creada. Estava toda de preto.—Morreu alguem? perguntei, consternado. E a creada, na doçura melancolica da lingua portuguêsa, volveu-me:—Ah! senhor de Moigénie! A menina... de repente... foi uma congestão cerebral...

—A menina?!

—Sim, D. Candida! E desatou a chorar.

Entrei, d'olhos enxutos. Ha desgraçados que choram mais sem lagrimas do que os que vertem ondas de pranto. Devia ir livido. Acharam-me ro-

sado. Devia ir de face sumida. Acharam-me gordo, sadio.

A camara ardente era simples. A linda morta parecia dormir congestionada de paixão. Aos pés dela uma onda negra soluçava, quasi gemia, estorcia-se. Um odor cruel 'a cirios. Sentiam-se correr as lágrimas, como levadas. Eu via, ouvia, tinha o olfáto excitado, e julgava sonhar. Dei uns passos timidos e incertos. Conheci que estava gelado até á medula. Por vêses, tudo aquilo me pareceu uma catacumba cheia de fantasmas. Cortou-me a angustia o clarão de neve duma grande fronte, núa, nimbada de agonia e magestade.

Veio para mim o pai da morta. Velho de barbas imaculadas, duma alvura de geleira, sorria com amargura, agradecendo-me a presença.

Fitei-o nos olhos: estava calmo. Não lhe tremia a voz. A dôr dava-lhe ás palavras uma melodia nova, irresistivel.

—Que catastrofe! disse-lhe eu, embaraçado.

—Que destino! murmurou o belo velho. E convidou-me a sentar-me, com um gesto sereno, o gesto das resignações estoicas.

Depois, d'olhos febris, mas fixos:

—Tenho oitenta annos. Desde os quarenta, vejo morrer a esposa amada, os pais, amigos, irmãos. A ultima perda foi duma filha gentil. Já lá vão dez annos. Hoje morre Candida. Não tenho já lagrimas. Quem morre nela sou eu, e a morte aos 80 annos é uma felicidade.

—Mas...

—Dispenso-o de consolações vulgares. Candida era a minha alma. Vou com ela, verá. E nós, as almas puras, descemos depois á Terra a amparar os que ficam. Creia nisto. Assim o creio desde

que sôfro. Morrer é mudar de corpo. Deus é eterno. A alma é eterna.

Emudeci. Neste meu pasmo, o velho saiu de fronte pendida. Acompanharam-no com piedade. E assim tive um novo espetáculo. Fiquei só um instante. Fitei a morta. Sorria, evidentemente. Acerquei-me alucinado. Disse o seu nome com doçura. Candida pareceu sorrir mais, plácida, angelica.

Então, de joelhos, irresistivelmente, soltei palavras duma ternura dolente de saudade e beijei-lhe as mãos em cruz, brancas e puras como a sua alma.

E aquelas mãos pareceram-me mornas e plácidas. E julguei ouvir-lhe um suspiro profundo, suave como a casta alegria dos seus ólhos, quando viva.

Nisto, entraram algumas senhoras.

— Vai tão linda! disse uma fidalga de olhar acerado e tez morena.

— Um anjo! concordaram as outras.

E mais nada, Mariette. Candida está sepultada. Depuz-lhe hoje, de manhã, ao romper do sol, um ramo de flores sobre a campa. Quando o fiz, auscultei, por momentos, aquella pedra gelada. Julgo ter ouvido o pulsar dum grande coração. Tenho a certeza de que a vi ao meu lado, por um instante, de fumo, deslumbrante, vaporosa, e agradecer-me com um beijo de irmã...

Não escrevas para Lisboa. Sigo para o Norte, parando um dia apenas em cada povoação. Impuz-me esta romagem curiosa. Ir-te-ei escrevendo, quando possa. Adeus. Reza pela grande alma de Candida. Lembra-te sempre do amor leal do teu

X

Coimbra, exterior e interiormente — O Mondego — Monumentos e arrabaldes — A Universidade — As mulheres — O povo — A fala — O estudante de Coimbra — Três dias de demora — A causa — Impressões do Penedo da Saudade, da Meditação, Choupal, etc. — Entrevista com Amelia Janny — Opinião da Madame Pailhé — A Sé Velha — Visita á Figueira da Foz — Em caminho de Vizeu.

Coimbra, 15 de Outubro de 1906.

Minha querida Mariette:

Cheguei a esta cidade hontem. Coimbra é um trono lindo, olhada de longe. E' um amfiteatro ridente como um altar. Linhas suaves, horisonte amplo, poesia mágica nos como que ademanes de sonhadora. A sua ponte sobre o Mondego tem arte e, principalmente, graciosidade. Parece feita por poetas que desejem conversar d'alto com as ninfas das águas.

A torre da Universidade domina como um dogma de pedra. E' austera, talvês triste, mas interessante.

No mais, casaria de neve, muitas árvores, e um azul tão lindo, que parece enternecido. Dentro, porém, é uma cidade antiga, acanhada, com um bairro novo e uma cinta de flores. Cheia de ladeiras e ruelas, mas tambem rica de velhos e grandes monumentos. Um ar antigo, devéras catedratico. Ha locaes que lembram velhas escólas ao ar livre, escuros, graves, pesados. Mas não faltam eminencias donde a vista é grande, desabafada, originalmente bela.

Não escasseiam tambem largos pitorescos, embora desertos quando os academicos os não movimentam.

O Mondego é um rio belo, triste, sereno. Depois das ultimas chuvas, vai corpulento, mais irado e fero do que cantante. No verão parte-se em riachos, alvos, encantadores, que os salgueiros namoram.

Tem muitos passeios e arrabaldes melancólicos, duma poesía extrema, a poesia das flores na solidão profunda, só cortada de cantigas longinquas... A unica Universidade de Portugal faz, de toda a Coimbra, um extranho *Bairro Latino*, enorme.

As mulheres são alegres, lindas, pitorescas de trajo. O povo é urbano, afavel, expansivo. Em parte nenhuma a lingua portuguêsa é tão doce, tão elegante, tão pura, tão carinhosa.

Gósto de Coimbra, como de Veneza, para meditar, chorar, viver em paz comigo. Não ha nada nas ruas. Não ha festas. Escasseiam espetáculos. A força de Coimbra está na poesia do Mondego e dos arrabaldes, na historia e no sonho.

A nota animada do estudante sofre desta melancolia, desta ternura religiosa.

O estudante aqui é grave, triste, embora, ás vêses, heroico mosqueteiro, tagarela. Passa dum extremo ao outro, como todos os sentimentaes. E' audaz e é contemplativo. Corre ás armas pela Pátria e é genial de comoção, empunhando a guitarra, cantando os belos *fados* inolvidaveis. Hilario, um dos grandes repentistas da Academia de Coimbra, morreu, improvisando *fados* que são primores de poesia e musica.

Os seus *fados* são cantados por todo o Portugal com paixão e delicia. Na verdade só por causa dos *fados* a vida em Coimbra é empolgante, encantadora, unica.

Assim, tencionava demorar-me um dia e já aqui estou ha tres dias. *O Penedo da Saudade, o Penedo da Meditação, o Choupal, Olivaes, Quinta das Lágrimas, Lapa dos Esteios, Jardim Botanico,* joias ora pitorescas, ora de estranha originalidade na sua monotonia, são tambem culpados desta demora.

Imagina tu, Mariette, um caminho torcicoloso por um vale, cheio de robustas e fecundas oliveiras. O horisonte, vasto, sereno, indefinido tem unções de tristeza inexplicavel. Parece que tudo chora baixinho. Julgamos ouvir soluçar uma criança e vemos uma levada. Os matises são simples, profusos sim, mas duma suavidade quási ascetica. Nada de gigantismos. Tudo chão, insinuante, desabafado. Terás talvês o *Penedo da Saudade.* O *Penedo da Meditação* é mais e menos do que isto: é uma fraga ao topo dum abismo, como uma degolada cabeça de profeta póde estar no topo dum misterio. O *Choupal* é um silvestre *Bosque de Bolonha.* Parque de arancarias, com a sua capelinha poetica, é *Santo Antonio dos Olivaes*, logar

aprazivel e triste, sadio e melancólico. Um paradoxo, não é? Pois assim mesmo. A alma tem saude pelo muito que ali se esquece do corpo. Na *Quinta das Lágrimas* se diz que foi morta a linda Inêz de Castro. Lá se mostra a *Fonte* célebre, de que fala o divino Camões. Pretende-se, numas pedras barrentas, ver vestigios do sangue da formosa mártir. *A Lapa dos Esteios* é uma quinta pitoresca onde, por muitos anos, os poetas coimbrões celebraram a famosa *Festa de Maio* em que ficava coroado e consagrado o maior deles. Nos troncos das árvores estão entalhados versos deliciosos de Castilho, João de Lemos, João de Deus, e muitos outros grandes poetas portuguêses. O *Jardim Botanico*, grande, suntuoso, riquissimo de preciosidades botanicas, é o maior e melhor de Portugal, é um dos melhores da Europa. De lá se disfruta um panorama esplendido, só excedido pela paz e perfumada sombra das suas grandes alamêdas, onde parece que só cantam rouxinoes e cotovias.

Já vês que Coimbra, tendo pouco mais de 20:000 habitantes, póde atraír e namorar quem vem de Lisbôa, de Cintra, do Estoril.

Procurei hontem, por conselho dúm amigo aqui residente, uma ilustre poetisa—Amelia Janny. A's minhas primeiras palavras, a inteligente senhora teve um riso de seticismo. Não crê ella demais na realisação das generosas utopias de Candida. Adóra o Ideal, mas não o crê viavel na sua Pátria. Para ella tudo o que é *novo* é em Portugal *incompreendido.*

—Mas, minha senhora, ainda, comecei...

Cortou-me a palavra com uma delicadeza perfeitamente gentil.

—Que não discutia. O progresso é incontes-

tavel para o feminismo como para tudo. Mas a mulher portuguêsa tem, como nenhuma, a hostilidade do Preconceito. Ha-de levar seculos talvês a luta.

—Seculos?!

—Sim, snr. de Moigénie. Portugal desperta tarde para tudo. As ideias penetram com esforço. Dir-se-ia que a alma portuguêsa é uma densa floresta que custa a trespassar de sol...

—Mas, desbravando...

—Bem sei, desbravando a floresta. Eis o erro. A floresta desbravada é, muitas vêses, a floresta desvalorisada.

E a conversa descaiu depressa sobre impressões geraes, notas de viagem, écos de Paris e Viena d'Austria...

Deixei a notavel poetisa com grande tristeza e procurei a nossa querida amiga Madame Pailhé que veio, de Lisboa, assistir a uma conferencia politiça com aquele fanatismo histerico que a entrega a uma ideia como a um algoz.

As impressões da audaz propagandista eram outras, muito mais consoladoras.

—A mulher portuguêsa—disse-me—tem qualidades admiraveis.

Não lhe falta coragem, amor da justiça. Mas ólhe para aquelle edificio...

—E' a Universidade.

—Pois bem! *voilá l'ennemi!*

—A Universidade... o inimigo?

—Sim, o templo da Luz tem altar de trevas!

—Madame Pailhé faz decerto um paradoxo...

—Vá ouvi-lo, mais devagar, á minha amiga Maria Genoveva que vive em Vizeu. E' uma criança ainda. Ninguem a conhece. Vai nesse cartão a

sua morada. Mas converse com essa gentil portuguêsa, mesmo antes de falar com Beatriz Pinheiro, distinta poetisa e pensadora. Verá se tenho razão: Verá se a Universidade é, ou não, o inimigo.

—Não deixarei de o fazer.

—Quando parte?

—Amanhã.

—Adeus. Saudades á Mariette.

E Madame Pailhé, sempre elegante e viva, desapareceu.

Estive pouco depois na *Sé Velha,* catedral imponente de vetustês e, cortando a cidade como que ao acaso, lembrei-me de ir á Figueira da Foz, desembocadouro do Mondego que ali morre no Atlantico. Não perdi o tempo. E' uma linda cidade. Dir-se-ia uma pequena Lisbôa. A praia esplendida. Belas avenidas, ruas e chalets. *Casinos* grandiosos. Os habitantes, duma urbanidade perfeitamente meridional.

Hoje, sigo para a capital da Beira Alta.

Até breve.

Mil saudades do teu

XI

A Beira Alta e a Suissa — Vizeu e Coimbra — Arrabaldes, monumentos, cafés, clubs — Aspéto exterior — As senhoras — Vizeu e o bairro de Buenos-Ayres em Lisbôa — Os beirões — Algo de Tartarin e D. Juan — A imprensa — A politica — O riso em Vizeu — A critica e a má-lingua — A indole — Provincianismo de pronuncia — Maria Genoveva — A sua prima Maria do Rosario — Como Madame Pailhé tem razão — A Universidade fóco de sebentas — *A lei do divorcio — O despotismo exclusivista das leis — O adulterio — Argumentos da Lei — O papel do Estado — O sexo — O sexo forte — A eguaes deveres correspondem eguaes direitos — A Universidade é um compendio, e não um principio — Vencido... retirando como Fabius Cunctator — D. Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos — Uma camarada psiquista — A Aurora desponta... — A caminho da Regoa.*

Vizeu, 18 de Outubro de 1906.

Minha Mariette:

Chego encantado. A Beira Alta é um trecho da Suissa. Menos gêlo, mais flores, mais torrentes serenas, menos pincaros infinitos: mas

egual saude no ar, nas faces, nos ólhos, na alma. Paizagem deliciosa: ora serras ásperas, ora veigas, muitas vinhas, muitos prados, grandes alcantis severos. Aldeias em todos os vales, em quasi todas as escarpas. O horisonte cortado de cumiadas e logo aberto num planalto esplendido. Gente simples, robusta, cortez, embora um pouco altiva. Mulheres honestas, fecundas, ativissimas. Bandos de caçadores pelas montanhas. Agua magnifica. Vinho generoso, saltitante, tonico.

Vizeu tem uns arrabaldes esplendidos. Tem monumentos notaveis. A *cava de Viriato* é sugestiva. O *Hospital*, a *Sé*, o *Seminario*, dignos de apreço. Alguns cafés. Clubs muito frequentados. O seu exterior é devéras curioso. Parece cercada de jardins. A cidade, velha como Coimbra, é mais plana, mais suave de piso. Tem melhoramentos importantes. E', comtudo, menor, menos populosa do que Coimbra. E, todavia, ainda mais triste e não tão poetica.

Logo que cheguei, procurei hotel. Encontrei-o razoavel. Alimentação abundante e sadia. Frequentadores loquazes, pimpões, um tanto curiosos.

A' meza conversei com alegres beirões. São vivos, fortes, generosos. Alguns, têm o seu quê de Tartarins de mistura com maniacos *D. Juans*. Outros, muitos cultos, passam a vida a fazer troça da sua terra. Em minoria, um punhado de contemplativos, cheios de tédio e nostalgia do grande mundo.

Muitos jornaes. Alguns excelentes para provincia. As senhoras, elegantes, sociaveis, cortezãs ás vezes, quando não distintas, primorosas. Uma miniatura do bairro de Buenos-Ayres em Lisboa.

Encontrei por acaso alguns homens de nome. A politica entretem-nos apaixonadamente, mas não os leva a vilanias. As maiores paixões expiram ao som duma risada. E que risadas as da gente de Vizeu! São homericas, sadías.

Têm um teatro sofrivel e bons *clubs*. Estes, porém, são demasiadamente ricos de *má-lingua*, como em todas as terras pequenas.

Assim em Vizeu ha *critica* literaria e artistica, e das melhores. Mas a tal *lingua* colabora demais, fere, transtorna, alucina.

No fundo, porém, sinceridade e até generosidade, bastante estudo e muito talento ignorado.

Abundam provincianismos curiosos: *dix* em vez de *disse, xanto* em vez de *santo, Beira i Alta* em vez de *Beira-Alta,* etc. Mas isto mesmo é original e até eufónico.

Hontem de tarde, procurei Maria Genoveva, a amiga de Madame Pailhé. Mora na Avenida Navarro. E' uma menina de 18 annos apenas. Linda, meiga, de belas côres, d'olhos amoraveis.

Recebeu-me em presença duma prima, Maria do Rosario, um pouco mais velha, alta, morena, muito inteligente, creio que distinta poetisa. Que surpreza! Madame Pailhé já anunciara a minha visita. Fomos pois, conversando sem constrangimento até uma grande varanda.

Maria Genoveva, a principio, muito timida, falava agora com vivacidade e entusiasmo.

—Diz, pois, a menina...

—Digo que Madame Pailhé tem razão. A Universidade de Coimbra, como ella está, é o maior inimigo da mulher portuguêsa. A Universidade é um fóco de *sebentas*. O estudante sái de lá com a mania da *lei* e sem a noção do verdadeiro direito.

Depois, dá o legislador feroz. Veja se a *lei do divorcio*, já foi votada por esses legisladores. Que têm elles feito para defender a mulher ignorante, e luzida pelos Lovelaces de escada?

—Em França...

—Sei o que vai dizer, sr. de Moigénie. Tambem lá houve dificuldade para se conseguir isso, mas conseguiu-se. Aqui, perdem, dia a dia, terreno as ideias mais altas.

A mulher portuguêsa vale muito, mas é escrava como poucas. De quê? Das leis. E porquê? Porque são monstruosamente exclusivistas. O homem póde ser adultero, logo que respeite o lar; a mulher, não. A honra é toda convencional. A mãe de filhos ilegitimos é desprezada ou perseguida: o pai desses filhos é aplaudido como *conquistador* de belezas. E a lei olha para Mulher pelo criterio desta injustiça. Que argumenta a lei? O adulterio da mulher tem outras consequencias: os filhos. E não as póde ter o adulterio do homem? Porque é mais respeitavel a mulher, casada tantas vezes por conveniencias, do que a amante ingenua, mas sincera, dum velhaco sedutor? Mas então como é que a França logrou ver próspera e aclamada pela pratica a lei do divorcio?

—Sim, Maria Genoveva...

—E—atalhou então com energia Maria do Rosario, até ahi muito calada—que faz o Estado? Só cobrar impostos? Só sustentar preconceitos? Só mal governar o que é de todos? Quem o impede de estabelecer a Justiça pura? Quem obsta a que elle faça a lei egual para o homem e para a mulher?

—Minha senhora, ha uma certa diferença. O sexo...

— O sexo! o sexo! Para não termos tantos di-

reitos? Como, se temos mais terriveis e até naturaes deveres? Porque nos faz fracas? Como, se a estatistica diz que somos mais fortes?

E Maria do Rosario proseguiu, vibrátil, esplendida de alma:

—Ha dois sexos, sim: mas ha só o Homem. O Homem tem dois elementos da existencia: o masculino e o feminino. Exatamente como as flores. Temos diversos deveres, homem e mulher? Não. São os mesmos dentro do organismo especial dum e doutro. Como hão-de ser os direitos? Os mesmos, dentro das mesmas diferenças. Mas estas são só as naturaes. Quem autorisa a Lei a impor as convencionaes?

O homem estuda. Porque não ha-de a mulher estudar? O homem vota. Porque não ha-de votar a mulher? Porque sofre a maternidade? E o homem não sofre o encargo da paternidade, não trabalha, não luta? Apezar dos seus misteres, deixa de ser jurado, soldado, doutor? A mulher tem a crise mensal. E o homem? Tem a crise de todos os dias de luta pela existencia. E não tem elle tempo de ir á urna, ao tribunal, ao campo da batalha, se é preciso? A Universidade ri-se disto. Mas que é a Universidade? E' um compendio, não é um principio.

Maria Genoveva sorriu e apoiou. Eu estava admirado de ouvir taes teorias em duas meninas tão novas, tão lindas, de faces e almas tão puras.

Quiz ainda objetar. Num repente vivo, exclamei:

—Mas isso é destruir a familia.

—Destrui-la?! volveu logo Rosario. Mas que familia? A do passado? Concórdo. Está gasta. Mas, em compensação, vem a do Futuro.

—Reflita. Seria uma enorme e perigosa perturbação.

—Assim diziam, sr. de Moigénie, no Brazil os partidarios da escravatura aos clamores imortaes de José do Patrocinio, e Bocayuva. E o escravo fez-se cidadão... sem que o cidadão ficasse escravo!

—Estou vencido, gentil adversaria. Peço licença. Retiro-me.

—Já?

— Vou curar feridas tão profundas.

—Ou não fosse de Paris...

—Entre filhas de Viriato...

E, agradecendo-lhes tanta franqueza, bati em retirada como... *Fabius Cunctator*...

A' noite vi, Beatriz Pinheiro e seu marido o nervoso poeta Carlos de Lemos. São estremamente simpaticos, duma lhaneza adoravel. Disse-lhes o que ouvira. A distinta poetisa teve um sorriso de espiritual alegria e disse-me gentilmente depois de substanciosas ponderações, cheias de eloquente simplicidade:

—Caminhe, sr. de Moigénie. Viaje. Verá que Portugal não é um velho feudo do Preconceito, logo que haja a Escola em verdadeiro triunfo. A Aurora desperta.

E, fitando seu belo filho Ruy:

—A Aurora desponta...

E, Mariette, vou deixar Vizeu. Pararei em S. Pedro do Sul, a Cintra da Beira Alta, verei Castro Daire, que me dizem ser uma vila curiosa e, passando por Lamego, irei á Regoa tomar o comboio para Braga, a capital do Minho.

Adeus. Beija-te em espirito o teu

XII

Ainda a Beira-Alta — S. Pedro do Sul — As Caldas — O Vouga — Castro-Daire — Uma egreja e um cemiterio — A serra até Lamego — Aspéto da cidade — O Santuario dos Remedios: a capela, as torres, os obeliscos, as estátuas, as fontes, a escadaria, o parque — Os habitantes — Teimosos — A Sé, o Paço Episcopal, o Seminario — As escolas — Opinião dum capitão sobre o feminismo — Encontro duma senhora catalã — Juizo de D. Izabel Muñoz — Em caminho de Braga.

Lamêgo, 25 de Outubro de 1906.

Querida Mariette:

Decididamente a Beira Alta é uma bela sintese de Portugal: campo e serra, vales e choupanas, jardins e desfiladeiros, tudo surde neste trecho pequeno, mas pitoresco, animado de vento do Norte, oxigenado, mordente.

S. Pedro do Sul é um encanto. Muita agua, bela sombra, campos serenos e fecundos. As célebres Caldas ficam a curta distancia da vila, que é progressiva como poucas pequenas terras. São

frequentadas até pela Côrte, principalmente, quando algum membro da Casa Real nelas se demora. Não sei do valor terapeutico das águas. Quanto a mim, o bom ar não deve valer menos aqui do que as termas. S. Pedro do Sul tem uma ponte gentil sobre o Vouga, rio não menos gentil, que vai morrer em Aveiro, depois de cantar doçuras entre salgueiros. Castro-Daire é uma rocha altiva a sorrir, grande, cheia de casas, a um abismo. Tem uma matriz graciosa e um cemiterio alegre como um jardim.

Depois, vem a serra triste, fria, áspera. A'rida nos têsos, os contrafortes são cheios de hortas, pinhaes, aldeias negras. Ha torrentes como nos Alpes. O vento é penetrante, embalsamado, vivo. Os panoramas, entre selváticos e imponentes.

A estrada, em *zig-zags,* chega a ser unica de imprevisto, ao pé de barrancos e logo ao pé de lameiros de verdura sintilante. Ouvem-se lobos a uivar de noite, perto do *omnibus*. Não ha via ferrea senão na Regoa.

Mezio, Bigorne, Penude, são aldeias montesinhas, de casaria escura, com bastantes tétos de côlmo. Come-se e bebe-se com apetite em tabernas onde nos dão o vinho, o pão e o presunto, saudando-nos com rude amizade.

Lamego aparece de repente numa cóva. Está cercada de montes negros, altos. A cidade tem um castelo quadrado e pardo e vai, em serpente, desde um vale até um abismo. E' curiosa, vista de longe. A' direita, ao descer-se, fica um Santuario, chamado dos Remedios. Tem boas obras d'arte este local: capela de granito, com duas lindas torres, esbelta, alegre; obeliscos de pedra bem lavrada; estátuas de reis biblicos; fontes monumentaes;

escadaria sólida e artistica; um parque incipiente, já belo.

Lamego é alegre, apezar dos montes muito proximos. Tem algumas ruas espaçosas. O tipo dos habitantes, porém, é mais trasmontano do que beirão. Traz-os-Montes, que fica alguns kilómetros ao norte daqui, é uma provincia de costumes rudes, francos. O transmontano tem só um defeito: excessivamente teimoso.

Em Lamego todos teimam tambem. Não só em politica, como em Vizeu. Não só em não aproveitar regatos e torrentes para motores de fabricas de que precisam. Não só em não conseguirem uma via ferrea. No que todos teimam é em ser gentis para todos os forasteiros.

Fui para o Hotel Central, defronte da Sé, grande edificio com um pórtico de estilo antigo, grandes naves e claustros e desafogado no seu largo como nenhuma catedral portuguêsa, pela parte do Norte.

O grande largo chama-se Rocio e nelle ficam tres edificios vastos e pesados: o Paço Episcopal, o Seminario, com uma pontesinha sobre um riacho, e a grande casa do antigo Hospital.

O Hotel é mediocre de serviço. O pessoal, porém, amavel e alegre, a ponto de nos fazer esquecer a modestia do cosinheiro, pelo menos, como *artista*.

Perguntei pelas escolas a alguns convivas. Ha duas, oficiaes, um liceu e um grande colegio, lá num alto pitoresco, dirigido por um gracioso sacerdote de sorriso constante e voz dôce.

Falei do feminismo a um capitão de infanteria. Desatou-se a rir.

Depois, procurei politicos, jornalistas. A im-

prensa é pequena. Dois hebdomadarios: a *Semana* (o mais popular) e o *Progresso*. Os politicos tratam das vinhas e das searas. Alguns são advogados. Outros são negociantes e lavradores.

Hoje, ao descer da colina dos Remedios, julguei ver pessoa conhecida. Não me enganei. Descia a escada de pedra a nossa amiga de Barcelona Isabel Muñoz, a linda loira.

—Por aqui, minha amiga?

—Oh! que surpreza!

Isabel veio a esta cidade visitar alguns restos de monumentos!

Sabe como ella é fanatica pela arqueologia. Disse-me que Lamego tem curiosidades historicas: egreja d'Almacave, a Sé, o Castelo, mas nada como a *Cava de Viriato* de Vizeu, embora haja uma Cisterna no Castelo, que Vizeu não tem —nem cisterna nem castelo. Gostou muito, como eu, do *Hospital Novo*, digno duma grande cidade e do passeio do *Relogio do Sol*, esplendido de vistas. Achou interessantes a *Alamèda* e o *Passeio Publico*, mas teve grande decéção com o célebre *presunto*... porque não lh'o déram a comer. Verdade seja que, pedindo *champagne* estrangeiro lh'o déram fabricado em Lamêgo, e se iludiu julgando-o de França... Quem tal esperaria numa terra pequena, sem industria?

—E as mulheres, D. Isabel?

—Belas, snr. de Moigénie, mas analfabetas ainda. Os colegios são inferiores aos de Vizeu. Ensinam alguns lavores e leitura. Pouco mais... ou pouco menos.

—E são inteligentes?

—Muito, mas cheias de preconceitos, todas aristocratas. Algumas tocam mais piano com aca-

beça, em meneios altivos, do que com as mãosinhas carnudas.

—Em Vizeu, porém...

—Vizeu é democratica, eis tudo. Teve velhos fidalgos, mas tornou-se artista, ainda mais do que burguês. E Lamego é mais burguês e esse mesmo, fidalgo, bastante castelhano de orgulho, de altaneria medieval.

—Portanto, as mulheres...

—Muito senhoris, mas geralmente ignorantes, embora duma virtude e beleza notaveis. Todavia, faladoras como provençaes.

—Demora-se, D. Isabel?

—Não. Sigo amanhã para o Porto.

—E eu para Braga. Iremos no mesmo comboio.

De Braga, pois, te escrevo, Mariette. Até lá. Mil saudades do teu

XIII

A terapeutica do ar bom — Os regoenses — O português, meio catalão e meio polaco — A villa de peso da Regoa — Beira-Alta e Traz-os-Montes — Comercio, embora decaído — Cafés, jornaes, homens célebres — Os escritos de Bernardino Zagalo — Ironia e altruismo — As senhoras — Os arrabaldes da vila — Em passeio ás Caldas do Moledo — Um sotaque original de pronuncia — Conversa com Isabel: A mulher portuguêsa apoia a causa da Instrucção — Vida intima de escritoras portuguêsas — O governo não é o que o Povo escolheu — Os professores primarios.

Regoa, 14 de Dezembro de 1906.

Minha Mariette:

A minha saude, pódes crer, está perfeitamente restabelecida. Curou-me o ar, a Natureza, esta opulencia que Deus dispensou tanto a Portugal.

Neurastenico, as minhas doenças são assim, como sabes — rebates fortes, assustadores, que se vencem com o repoiso, com a abstenção de toda a vida intelectual. Por isso o meu silencio te não

afligiu tanto que te désse crueis presentimentos, não é verdade? Assim o espero. Assim o devo esperar.

Na Regoa—Peso da Regoa é o nome desta linda vila—encontrei uma hospitalidade fidalga. O regoense tem todas as qualidades do transmontano: franqueza, energia, sinceridade. E' português de lei, isto é, qualquer coisa de provençal com a gravidade melancolica dum velho polaco, exilado num jardim.

Quanto á vila, imagina tu uma povoação branca, estirada em serpente, sobre uma planura fertil, mansa de relevos marginaes, á direita dum rio forte e caprichoso, o Douro. E este rio é aqui tão largo e magestoso, que parece perto da sua foz. Sobre elle uma grande ponte, de estilo pesado e solido, ligando a Regoa com a estrada que vem, de Lamego, a descer, de escarpa em escarpa, como uma cobra enorme, aqui e ali ladeada de casas, sebes, pinhaes, tojeiras, penedias.

Depois, um horisonte estranho, não muito grande, mas nunca banal. A Beira-Alta a expirar em quebradas de serra, e Traz-os-Montes, mais fragoso ainda de alcantis, a começar com a vila em outeiros, cheios de pomares e vinhas, até se levantar o Marão, branco de neve, que é o maior relevo orografico desta região, o mais austero e imponente.

A vila, animada, pitoresca cheia de comercio, embora decaída na antiga importancia de centro vinhateiro, ha dois seculos, porem, a simples choupana do pescador *Cabana*.

Alguns cafés. Bastantes jornaes. Cavaqueadores vivos. Advogados célebres, Antão Fernandes. Bernardino Zagalo, Poncio Martins, Adolfo Mota-

Espiritos ativos. Julio Vasques, um politico audaz e sincero, é digno duma grande cidade. Amor das letras. Os artigos e contos de Bernardino Zagalo, fino literato, são lidos e discutidos como se estivessemos no Chiado de Lisboa. Uma miniatura de cidade inteletual.

Principalmente muita graça em todas as palestras. O ridiculo é nota que o portuguez fere com arte. Os ricos sardinheiros compostelanos da Regoa andam constantemente zargunchados, destacados e frigidos. Mas a ironia cede depressa á consternação, quando ha alguma grande desgraça. O altruismo português é simplesmente encantador: na Regoa é fidalgo. Ama-se o proximo, embora a rir.

Aqui, pois, vive-se em ponto pequeno, mas profundamente. Não faltam damas instruidas e elegantes. A leitura é o seu passatempo favorito, embora predomine nellas o espirito romanesco tão favorito dos portuguêses e, porisso, menos propicio á leitura do que ao devaneio.

Ha arrabaldes belos: Salgueiral, Remostias, etc. Um passeio ás Caldas do Molêdo, entre serras, água e pomares, é delicioso. As senhoras adoram esta diversão, quando faz bom tempo.

O inverno tem sido esplendido: parece a melhor primavera de França. Raras vezes, chuva ou nevoeiro. Sol de Portugal. Um ar vivo e rejubilador, que dá apetite e convida ao exercicio.

Ante hontem, já livre da *hipoteca* da hipocondria, dei esse passeio com duas familias alegres e distintas, que muito me têm estimado.

Pelo caminho, entre torrentes de luz, de tudo se falou — principalmente de politica, dos comicios republicanos em todo o paiz, dum grande ban-

quete republicano em Lisboa, da terrivel crise do *Douro*—chamam assim á região vinhateira de que a Regoa é centro—da vinda de Loubet á capital portuguêsa, e, por fim, dos ultimos versos, das ultimas modas, dos ultimos écos da vida de Portugal.

A pronuncia dos regoenses é pitoresca. Tem alguma coisa de estrangeirado os ditongos *en, em*. Pensamento, pronunciam elles, como se fosse *pensameinto*. Mas a sua vivacidade não exclue nelles a propriedade de linguagem, predominante na gente culta.

Uma das senhoras que iam no bando, e, por sinal, lindissima, duma elegancia absoluta, havia muito que me distinguia com observações intencionaes de curiosidade, com uma especie de galanteio honesto.

—Não é verdade, sr. de Moigénie, que tem encontrado só senhoras ignorantes?

—Mas não, minha senhora... Pelo contrario...

—Ora! ora! Diga tudo. A mulher portugueza, quando muito, fala de figurinos. O peor é que só conhece os de ha 10 annos em Paris.

—Minha senhora...

—Não tem que objetar. Isto é assim. Mas tambem ha-de deixar de o ser.

—Ah! v. ex.ª crê...

—Creio que a mulher em Portugal se dispõe a ser digna da Humanidade. Por isso, sr. de Moigénie, a minha Patria não está perdida.

—Que profunda filosofia nas suas palavras, minha senhora!

—Chame-me simplesmente Isabel. E' o meu nome. E, voltando ao assunto, isto não é filosofia, isto é verdade, isto é observação.

Não temos outro mal que não seja a falta de instrucção e de educação.

Nós, as mulheres, somos nisso ainda mais pobres do que os homens.

Mas, muito mais ricas do que elles em amor, torturamo-nos a pensar na causa da nossa decadencia nacional e achamo-la e, achada, tudo em nós é vontade de darmos cidadãos másculos, positivos, bons, dignos da felicidade humana.

—Admiravel alma a sua, Isabel!

—A minha? Aí está o engano. A nossa. Com as differenças naturaes do temperamento e ambiente, a mulher portuguêsa tem tudo no caráter que póde definir se com estas palavras: ternura, abnegação, paciencia.

Ha entre nós, na verdade, histericas, muitas histericas. Mas veja o sr. de Moigénie que pendem mais para Tereza de Jesus do que para Catarina de Médicis ou para Joana de Nápoles. O que nós pedimos para ser honestas não é dinheiro, joias, sedas: é amor, um amor exclusivo, ardente, dedicado, puro. Gostamos de mandar. Mas sabe onde? Nos corações.

—São mulheres do Lar...

—Mesmo as masculinisadas por exagêros desculpaveis. Saiba que Angelina Vidal, escrevendo belos poemas, comedias e artigos, faz os seus vestidos, os seus chapéos e até a sua cosinha. Beatriz Pinheiro, que me diz ter conhecido em Vizeu, senhora de face tão pura, cabeça tão escultural, poetisa e filósofa dum espiritismo tão santo, é adoravelmente a mais candida e sensata das donas de casa, repartindo-se entre o amor de seu marido Carlos e a ternura de seu filho Ruy com uma lim-

pidez d'alma tão sem mácula, que parece um modelo divino.

Anna de Castro Osorio, a esposa estremosa de Paulino d'Oliveira, Carolina Michaëlis e Maria Pinto Figueirinhas, Maria Amalia, Emilia Patacho, e tantas, oferecem egual exemplo. Maria Vellêda, professora e escritora, é de lendaria abnegação familial.

Ora isto vem das qualidades da raça. Que seriamos nós, pois, se o Estado nos auxiliasse a instrução e a educação? Aonde não chegariamos nós?

—Diz bem, Isabel...

—Mas, se o estado nos despreza, se nos ridiculisa até as aspirações mais santas, nós saberemos conquistar a posse plena dos nossos direitos, assumindo a compreensão melhor dos nossos deveres, elevando-a até ao seu horisonte condigno, ampliando-a e iluminando-a.

—Tem, pois, esperanças?

—As maiores. Vamos propangadisar entre as as familias a causa da Instrução. Todas tacitamente d'acordo, nós seremos, sr. de Moigénie, o apoio certo, constante, apaixonado, dos anélos do nosso Povo que pede a luz do espirito, o pão da inteligencia, a vida da alma. Creia que sem nós, fracas como somos, não ha força possivel.

—Encantam-me as suas palavras. Mas ha algum sinal de propaganda?

—Pois não vê? O professor primario não pede a justa melhoria dos seus vencimentos? E crê que elle, tantos annos resignado, heroicamente imolado, teria a força precisa para reclamação tão unanime, se não contasse com a simpatia das familias e, portanto, com a inteligente solidariedade das mulheres? Julga porventura que sem a mulher ha opinião duradoira?

—Comtudo, o Governo...

—Nega-lhes justiça? Não sei nada de politica; mas, sr. de Moigénie, governo que fere um direito assim integrado nos corações femininos, assim patriota e humano, é Governo morto, por mais que pareça vivo. Não governa sempre quem manda. Governa quem pensa, governa quem ama.

Refléte, Mariette, sobre estas palavras. De regresso á Regoa, avivei com a bela Isabel a interessante conversa e hoje, prestes a seguir para o Porto, depois de me despedir de tanta boa gente, creio que tudo me vai confirmar as eloquentes esperanças desta encantadora dama do Peso da Regoa. Não achas cada vez mais interessante a mulher portugueza?

Anceio por noticias tuas. Porisso, chegando ao Porto, onde me demoro, te direi logo a direção.

Mil saudades do teu

XIV

Primeiros aspétos do Porto.—A cidade vista de Vila Nova de Gaia.—Lisboa e Porto.—Tres grandes monumentos.—O movimento das ruas.—A nota portuguêsa.—Arrabaldes esplendidos.—Defeitos.—Falta de escolas.—O clima.—A saúde publica.—A fé e o amor do trabalho.— Dito dum francês.—D. Emilia da Gloria, uma senhora portuense.—Camilo Castelo Branco.—Poesia em prosa.—Voltaire, Feuillet, Shakespeare, Chateaubriand.—A perfeição de Racine.—As desegualdades de Gomes Leal.—O histerismo.—A força dos histericos.—A superioridade altruista dos histericos.

Porto, 15 de Dezembro de 1906.

Minha Mariette:

Escreverás para o *Hotel de Paris*. Este hotel fica numa rua triste, rua da Fabrica. Visto assim, pela humidade gelada deste bairro, o Porto é uma cidade velha, acanhada, desconsoladora. Mas o Porto não é este bairro. Como as pessoas, as cidades não podem ser avaliadas só pelos defeitos.

Vêr o Porto, de Villa Nova de Gaia, dalém Douro, é diferente. Não ha a magestade constantinopolitana de Lisboa, o seu ar de emporio, de fada, de rainha, de colosso de mármore a procurar as flores dos arrabaldes distantes: ha, porém, um pitoresco mais campesino, uma nota de grandeza sólida e fecunda, muita poesia e muito encanto tambem.

Por tudo e em tudo, vê-se que está aqui a *segunda cidade*, o mesmo que Lião para Paris, o mesmo que Manchester para Londres. A cidade é grande, embora menor do que parece á primeira vista, irregular, muito acidentada, de arterias estreitas com pavimento incomodo, mas com otimos monumentos, muito comercio e industria e arrabaldes esplendidos que valem de certo mais do que ela.

Tres monumentos encontro aqui dignos não só de Lisboa como de qualquer capital europeia: o Palacio de Cristal (pela beleza do parque), e as pontes de D. Luiz e Maria Pia. Ha vastos edificios, o Hospital de Santo Antonio, a Academia Politecnica, a Bolsa. Algumas ruas belas e amplas. Uma vida de café que imita Madrid, tanto como a vida da rua em Lisboa lembra Paris e Bruxelas.

Mas a animação da vida do Porto é totalmente diversa da de Lisboa. No Porto ha o movimento das cidades laboriosas e, afinal, sedentarias. Muitos carros de bois, muita gente de pé descalço, mas isto em meia duzia de vias principaes. No resto, um deserto, vida quasi de aldeia, uma especie de concentração de labor pacifico e humilde.

Os transeuntes olham-se como quem se conhece de perto. O aspéto geral da multidão é

o mesmo, aparecendo, por sinal, lindas mulheres de campo, de trajos curiosos, vivas, fortes, pitorescas, cheias de alegria.

Ao passo que Lisboa é cosmopolita, parecendo pertencer claramente á grande vida da Europa, o Porto é retintamente português, com um ar de intransigencia com modernismos, económico, solido, grave, sem loucuras, sem brilhos, talvez sem rasgos artisticos.

Muito menor, muito menos europeu do que Lisboa, o viajante, porém, acha-lhe um ar original que o cativa. E' esse ar de perfeito portuguesismo. E, pensando nisso e na beleza peregrina dos seus arrabaldes — a Foz, Matosinhos, Leça, Vila Nova, S. Mamede — desculpa-se-lhe que as suas ruas não obedeçam ao mais simples plano; que as mais novas sejam, por vezes, dum acanhamento intoleravel; que, á noite, pareça uma grande aldeia desconfortante; que não tenha vida de teatro, limitando-se a um barracão de operetas-bufas, a um circo e a um teatro lirico; que um certo amor-proprio o cegue contra Lisboa, esquecendo-se de a imitar em grandes avenidas e projetos grandiosos; finalmente, que, em proporção, leia muito menos do que Coimbra ou Setubal e que até aparente um pouco demais o trabalho e a energia que todo o país lhe atribue.

Se Lisboa é Madrid, e superior a Madrid dentro em pouco, o Porto, apezar da sua laboriosidade e beleza regional, não é, nem será tão cêdo, Barcelona.

Além disso, não tem o numero de escólas de que tanto precisa e, se não tem sabido conseguil-las, é porque está muito longe ainda de comprender todo o alcance da Instrução. Com uma im-

prensa excelente e forte, a opinião no Porto é ainda menos vigorosa do que consciente. O mercantilismo tradicional esbulha-a do melhor do seu prestigio.

O clima não é o de Lisboa, deliciosamente temperado, varrido de ventos maritimos para ser sadio, e livre de nortadas de gelo para ser caricioso. Mas, humido, rico de nevoeiros londrinos, é saudavel e tanto, que, apezar dum deploravel despreso da higiene, que, dia a dia, felizmente vai desaparecendo, a saude publica é normal.

Mas ha coisas encantadoras no Porto: é a fé e o amor do trabalho. O portuense crê sempre em si, tanto como na sua cidade. Póde vêr Paris ou Viena: a Praça Nova, apezar de pequena, parece-lhe o centro da Europa. Pode conhecer um parisiense, um lisbonense, um berlinez, capazes de actividade; o que não admite é que o excedam em trabalho.

E isto faz lhe bem, dá-lhe dignidade, iniciativa, coragem. Ao mesmo tempo, se o torna um tanto esquivo, valorisa-o com uma tal gravidade britanica que, se Lisboa é uma lembrança de Paris, o Porto dá muitas ideias de Manchester.

Mas sair do Porto para os seus arrabaldes é vêr algo de novo e lindo. A região é esplendida. Perto, pela linha ferrea, ha duas praias elegantes — a Povoa e Vila do Conde. Ficam-lhe perto Guimarães e Braga. E tudo isto é povoado pelas mulheres mais fecundas, mais formosas, mais graciosas de vestuario e ademanes.

Um francês espirituoso dizia-me hontem ao jantar:

— Não gosto deste aranhão; gosto da sua teia.

A *teia* são os arrabaldes. O *aranhão* é a cidade.

Logo no dia em que cheguei, tive a conversa duma senhora portuense muito distinta. Já não é nova, mas o seu olhar ainda resplandece. D. Emilia da Gloria, além disso, é fanatica pelo que nunca envelhece, pelo Ideal.

Logo ás primeiras palavras, comprendi que é uma romantica. Camilo Castelo Branco ainda a namorou, já velho, doente, desalentado. O grande espirito amou até á agonia, se é que a estas horas ainda não ama as lindas mulheres que viu na sua peregrinação por Portugal, pela Terra.

Era então Emilia da Gloria menina de dezoito annos e lia as novelas do Gigante com toda a alma. Na sua casa, donde se vê o Douro a banhar os pés da cidade e a fazer curvas largas até ao mar, folheou ella Madame Staël, Lamartine, Chateaubriand, Hugo, Castilho, Herculano, Garret e sorriu á simplicidade perfumada de Julio Diniz, que chamam o Dickens de Portugal, mas dando sempre a Camilo um logar eleito de todo o coração. Foi sobre Camilo que ella logo me falou.

—Já o leu, sr. de Moigénie?

—Sim, minha senhora. Li algumas novelas, li algumas polemicas...

—E versos?

—Oh! esses nunca.

—Dizem para aí que Camilo não era poeta, apezar do seu *Um livro*. E, que poeta elle não era se em prósa tinha sempre da melhor poesia?!

—Sim, da melhor, D. Gloria. O seu Camilo tinha muito de Voltaire dentro de Feuillet.

—Talvês se engane. Camilo era Voltaire dentro de Schopenhauer, não acha? e tudo isto ainda mais dentro de Chateaubriand do que de Feuillet. Sabe que não gosto de Feuillet?

—Tambem eu não, D. Gloria, e acho-o primoroso.

—Ora é isso mesmo. Ha um primor que é um desgosto. Primoroso é Racine, genial de primor, e desgosta-me aquela perfeição tão constante, que parece mediocridade. Irregular é Gomes Leal, como Shakespeare, como Hugo, e aqueles vôos elevam-me, ainda que pouco depois tenha de vêr a aguia de azas descaídas como que gastas. Oh! snr. de Moigénie, só ha grande o histerismo...

—Perdão, minha senhora, penso...

—Desculpe-me. Sei o que vai dizer. Mas o histerismo é o heroismo, o genio, a novidade superior. Faça, dum corpo completamente equilibrado, um vidente. Não o tem. A materia é inimiga do espirito. Dê a Santa Tereza mais saude e tira-lhe a *dupla vista.* E' nosso dever zelar a saude do corpo; mas, quando nos preocupa só o egoismo, nós pensamos no corpo até esquecer o espirito. Se olhamos para a vida do espirito, temos de desprezar um pouco a vida do corpo e, então, vem um desequilibrio salutar que é caminho certo e belo das ideias. Pensamos, isto é, abnegamo-nos, porque pensar e sentir é dedicarmo-nos ao proximo e, portanto, a Deus.

—Portanto, todos os sabios, todos os poetas...

—São fatalmente histericos. Veja os grandes sonambulos, os videntes. Os materialistas práticos não podem ter ideias vivas, generosas, altruistas. Pesam os alimentos, garantem de sofrimentos as digestões, dormem sem pesadelos, não abalam o coração, têm saude, força, utilitarismo, robustez de musculos, ausencia de paixões. Mas que deixam elles? Quando muito, dinheiro e muitos filhos.

—Mas a missão humana é...

—Perpetuar a especie? Decerto. Mas como? Fazendo-a feliz. A questão não é deixar muitos filhos, e todos expostos a um mundo cruel, injusto, acanhado. A questão é deixar fruto e ambiente onde elle seja belo, fecundo e digno de Deus. Semear ideias e sentimentos é mais que semear existencias. Porisso o histerico vale mais do que o epicurista. O segundo tem mais comodidades, cumpre deveres mais bestiaes; o primeiro valorisa a sua actividade corporal com o melhor, mais heroico e forte da atividade mental e moral, sofre por todos, é mais dos outros do que de si, solidario com a Humanidade em todas as desgraças e alegrias.

—Admiro-a, minha senhora.

D. Gloria sorriu com tristeza e disse-me timidamente.

—Pois não me lamenta?

Amanhã vamos a Aguas Santas, arrabalde que me dizem ser lindissimo. Gloria e a familia dum amigo do consul vão tambem. Dir-te-ei a nossa conversa. Por hoje basta.

XV

Spleen — A caminho da Foz — Massarelos e o Douro — A paizagem — A Outra-Banda de Lisboa e a Outra-Banda do Porto — O que exige a margem esquerda do Tejo — A estrada da Foz — S. João da Foz e o Passeio Alegre — Um domingo neste jardim — Os bancos — Os soldados e as sopeiras — O namoro ao ar livre — A menina do Porto e a menina de Lisboa — A lambisgoia — A alta roda portuense — Precetoras inglezas — Os janotas — As noites de verão no Passeio Alegre — As fontes luminosas — Matosinhos e o Santuario — A ponte do Leça — Leça da Palmeira — Aspéto e impressões — Paralelo entre a Foz, Matosinhos e Leça — A bela praia — Nostalgia — Sentimentalismo — Aparece um homem gordo — Ridicula conversa do recem-chegado — Maneira de lhe fugir de vês — Alguns traços do homem gordo.

Porto, 16 de Dezembro de 1906.

Minha querida Mariette:

Hontem, cheio de tristeza, indisposto mais comigo do que com os outros, não procurei nin-

guem, evitei conversas, sepultei-me dentro de mim proprio, e cortei a cidade para o ocidente. Sem saber como, tomei o eletrico da *Foz* e deixei-me ir, tão resolvido a não pensar como até a não ver, a não ouvir, a não sentir.

Mas depressa a melancolia poetica do caminho me excitou a atividade do cérebro. Descida uma rampa ou calçada, chamada da *Restauração,* e atravessado um bairro fabril, Massarelos, vi que o Douro se estorcia á esquerda, rugindo numa curva que parecia cheia de sofrimento, á maneira duma larga cobra a rastejar aos pés da grande serra florida, polvilhada de casaes, que o contém ao sul. Era sugestivo. Era principalmente inopinado.

E a paizagem é unica, mas cativante. A Outra-Banda de Lisboa tem magestade, muita luz, verdadeira grandeza, vista da margem direita do Tejo; mas este amplissimo rio não impede vêr que, defronte da formosa Lisboa, ha pouca verdura, poucas arvores, a falta de parques e avenidas ha muito projetadas, porque ha muito são pedidas pelo condigno debrum meridional do rio mais magnificiente da Peninsula. Não é assim na margem esquerda do Douro, em frente do Porto. Vila Nova de Gaia, antiga e um tanto triste, mas com uma cinta de ruas novas, e com hortas, chalets e jardins pitorescos,—um armazem colossal recamado de flôres—estende-se e braceja, ao longo da recortada margem, em povoações dum belo ar campesino, e dando tudo um panorama tão proximo, que chega a esquecer-se o intervalo caudaloso do rio. E' menor, muito menor e mais sombrio o horisonte, incomparavelmente mais acanhado, do que a bacia magestosa do Tejo: mas torna-se como que mais tangivel e dum pitoresco mais direto.

A estrada da Foz corre por vezes monotona, com a altura da pequena serra fronteira em oposição a uma luz plenamente livre; mas tem curvas cheias de imprevisto, animadas pelo desembocadoiro de ruas, que despejam os mais belos aldeões do Norte. Quasi de subito, S. João da Foz aparece risonha, banhada com gula pelo Mar. Então vê-se á esquerda o Douro a alargar-se, como um peito que incha para soltar o derradeiro grito vigoroso. E' a foz ali. A vila tem ares de cidade, em janeiro deserta, mas no verão alegre e ruidosa. Abre-a, como um preludio de ruas, o *Passeio Alegre*. E' um esplendido e vasto jardim, cortado de lindas avenidas e, ao oriente, com bons palacetes e chalets, cheio de luz, de relva, de flores mesmo no inverno. E lá se vê, inolvidavel, o traço azul do Douro a morrer, num impeto de Prometeu, na agua tempestuosa do Atlantico.

Como era domingo, o magnifico recinto estava coalhado de gente. Sentada nos bancos, ou passeando, ou caminhando para os paredões que entram pelo mar, como miradoiros colossaes, se podia dizer que estava metade da população do Porto. Familias de grande tom, um pouco ostentosas, fraternisavam, comtudo, singelamente, com outras, encantadoramente burguesas, mais de laçarias e arrebiques, satisfeitas pelo seu luxo e pela sua grande verbosidade. Internatos de colegios iam passando com os prefeitos, e as burguesinhas sorriam-lhes, como bonitas lavradeiras a um alfobre ambulante de esperanças. E tudo palrava, ria e analisava — porque na Foz, como em toda a parte, ninguem gosa sem criticar o seu proximo.

A cada passo, as mais graves damas, rechonchudas como hortaliça veneranda, esqueciam os

anos, olhavam de alto para os passeantes e falavam em voz alta, entre risadas. Os velhos sorriam, fumavam e refestelavam-se. Ranchos de soldadesca imberbe, bastante gorda, cruzavam as avenidas. Não vás imaginar, Mariette, que eram *patrulhas*: eram apenas, muito gloriosamente, ataques habeis de militares ás graças carnudas dumas criadinhas (aqui chamam-lhes *sopeiras*) que, de meia branca, chinela aberta, córadas, fortes de quadris, passeavam os *bébés* e espreitavam os D. Juans com uma seriedade cómica, revirando de subito. Entretanto, de banco para banco, namorava-se com energia. As meninas portuenses, porém não namoram como as de Lisboa, a não ser em casa, ouvindo egualmente, do alto de dois ou tres andares, um *martir* que alonga o pescoço lá do fundo, do abismo da rua. Ao ar livre, a lisboeta é viva, desenvolta, cortezã. Póde ser um osso, que se impõe como Venus. Póde ser uma foca, que sabe passar por silfide. Póde ser pedra bruta, que parece fluido.

A portuense é geralmente ou muito sólida, vermelhaça e grave, ou então alva, nervosa, mas pueril, mas timida. A primeira namora como quem sabe comer, mastigando bem e... ás vezes... engulindo ainda melhor o (*pato*, como aqui chamam aos apaixonadiços). A segunda, sem ter toda a malicia da lisboeta, tem o seu quê de gata na eletricidade sugestiva do seu nervosismo. Verdade seja que tambem vi no *Passeio Alegre* o tipo da *lambisgoia*, vulgar em Lisboa: olhos baixos, côres desbotadas, suspiros á flôr da boca, e, comtudo, mãe muito provavel de varios e desditosos engeitados, de muitos orfãosinhos mendigos, amarelos como tochas.

A alta roda do Porto estava ali, pelo que o

Passeio Alegre tinha um belo ar de festa, ostentação de trens, uma nota viva de grande cidade que difilmente se encontra no Porto. O luxo das damas muito mais farfalhudo do que em Lisboa, acusa, porém, já um razoavel bom gosto. Inglesas, precetoras de grandes pés, alvas e hirtas, simples de vestes, se destacavam ainda, embora frias e automáticas, tão de gelo que parecem brancas estatuas muito vaporosas entre tantas sêdas, pelucias e anquinhas postiças. Todavia, que pobres ciprestes entre tantas roseiras! O janota do Porto, com ar exageradamente britanico, nem todo é hirto e por vezes ridiculo. Ha já muitissimo do belo e elegante homem de Lisboa na Lião portuguesa. O Porto ama já a capital, e porisso copia-a, por vezes.

Neste *Passeio Algre* me dizem passar-se noites deliciosas em epoca de banhos. O jardim da Foz mata evidentemente o Palacio de Crystal, aliás um dos mais belos parques no genero, que tenho visto. O Porto janota vai, no verão, e em dias lindos de inverno, aos domingos, a S. João da Foz com uma ardente simpatia que muito contradiz os habitos pacatos de todo o bom portuense. E o *Passeio Alegre* recebe-o com certo ar de Paris, com grandes *fontes luminosas*, no estio, que valorisam ainda mais a habitual illuminação já superior á de qualquer local da cidade, porque é uma iluminação profusa e veidadeiramente artistica.

Percorrida a avenida de Carreiros, esplendida de palacetes e *chalets,* atravessa-se um pouco de deserto, a facha arida que conduz a Matosinhos. Mas, antes de ali entrar, destacam-se a meus olhos dois edificios colossaes: a Real Fabrica de Conservas de Matosinhos, de Lopes Coelho Dias & C.ª

Lim.[da] e a Companhia Vinicola Portuguêsa, de Meneres & C.ª. Fiquei consolado de ver a Fabrica cujas consérvas tantas vezes me teem deliciado, mundo em fóra, e a Companhia Vinicola cujos vinhos, quasi divinos, tu tanto aprecias.

A Real Fabrica de Conservas em 1905, na exposição agricola do Palacio de Cristal Portuense, alcançou a medalha d'Ouro — a maior recompensa dessa exposição.

Na exposição de Osaka (Japão) conquistou uma *menção honrosa,* a maior victoria concedida a expositores estrangeiros e finalmente, em 1904, na Exposição Universal de S[t]. Louis, nos Estados-Unidos da America do Norte, no World's Fair, obteve, essa magestosa Fabrica, o unico *Grand-Prix* do certamen, o maior triunfo alcançado por todos os expositores. Imagina, pois, Mariette, a pena que tive de ser domingo e não visitar a Fabrica. Matosinhos é moderna de aspéto, embora o não seja devéras pela edade. Tem ruas novas, espaçosas, quasi todas de grande pitoresco e o *Santuario do Senhor de Matosinhos,* se não tem nada de monumental, está num recinto tão poetico, que sugere com facilidade a oração e a singeleza, o alheamento das preocupações da vida.

Depois, por uma pequena ponte sobre o rio Leça, um rio lindo e pequenino, se entra em Leça da Palmeira, vila placida, com muito de burguesa, d'ares muito puros, e com uma praia excelente, defronte da qual se rasga o trabalhoso porto de Leixões, cheio de obras, de blocos, de guindastes.

Entrando em Leça, senti-me mais calmo e mais feliz. S. João da Foz lembrara-me uma revolta de civilisação janota contra o burgo severo que defronta Vila Nova; Matosinhos deu-me a

ideia duma rival audaz que promete galgar o pequenino deserto que a separa da Foz para ir ensinar ao Porto o que é alegria, luz e espaço: mas Leça da Palmeira empolgou-me, pela modestia e pela saude, pela limpeza e pelo desarrebique, pela monotonia dos simples e pela poesia dos tranquilos. A Foz tem febre; Matosinhos tem aspirações; Leça tem saude.

Aproximei-me só ali do Atlantico. Que saudades! Como lembra a França á beira destas aguas que me parecem as de Trouville! Depois, ha uma serenidade de céo nesta tarde, que eleva o espirito e acalma o sangue!...

Meditabundo, nostalgico como poucas vezes, via subir as ondas e tinha mil ciumes delas, como se as visse partir ao longo da costa em vôos alvos de espuma até ás praias da Patria! Como me sentia poeta ali!...

Nisto, porém, um homem gordo apareceu. Cumprimentou-me e fez o gesto de se relacionar. Sorri-lhe. O homem gordo sorriu. Como eu nada dissesse, o recem-chegado suspirou e ouvi-lhe gemer: — Que linda tarde!

— Muito linda, apoiei eu.

— V. ex.ª é estrangeiro? rompeu logo elle, pressuroso.

— Francês, meu caro senhor.

Então o homem gordo, fechando um enorme guarda-chuva, desatou a linguagem sem mais preparo:

— Francês?! E está de boca aberta para isto?! V. ex.ª ilude-se. *Isto* é um povo de barbaros. Não ha educação. Tudo casca grossa. Depois, que vale isto — Leça, a Foz, o Porto, Lisboa, Cintra, o Estoril, ao pé duma só aldeia de França?

—Não é tanto assim cavalheiro...

—Ora! ora! delicadezas!... Eu conheço o estrangeiro. Tenho viajado. Nunca fui a Lisboa nem a Cintra e Mafra, vou á Foz de fugida—embirro com o cheiro do marisco de lá—mas já estive em Santiago de Compostella, Vigo, Madrid, Barcelona e Paris. Aquillo é que são terras!...

—Mas o senhor...

—Perdão! e a delicadeza? Aqui um homem com 25$000 reis por dia de rendimento é tratado como um galêgo!... Lá fóra, ao menos a gente nos hoteis é adorada, curvam-se diante de nós, chamam-nos lindos, ricos, sabios, simpaticos, divinos, se fôr preciso, logo que a gente lhes pague bem.

—Mas...

—Desculpe. Que eu não tenho razão de queixa. Trago aqui no bolso uma lista de pessoas que me têm cumprimentado com respeito, e dalgumas que tremem só de me vêr franzir o sobr'olho, (que é o meu fraco isto de ter caprichos). Um amigo tem de me aturar como sou. Estou alegre? Prepare-se para uma trovoada de mau humor. Estou triste? Esteja calado e tremulo. E' que eu, como já disse a V. ex.ª, tenho 25$000 reis por dia de rendimento ..

—V. ex.ª dá licença?

—Pois não. Queira agora dizer...

—Digo, cavalheiro, digo... Com licença. Vou apanhar o *eletrico*.

E, Mariette, então odiei Leça. Como póde vegetar em terra tão linda um ridiculo e ignorante maçador como aquele! Que seria de Portugal, se todos os seus filhos o *amassem* com aquela justiça! Oh! o gordo homem do guarda-chuva! Porisso

Deus o fez bexigoso, com nariz de arára, e de pernas tão tortas, que pareciam dois arcos de violoncelo. Mas esta vai longa. O mau humor só o venci escrevendo-te. Amanhã furto-me tambem a conversas eruditas e vou, dum pulo, á Granja e Espinho, duas praias proximas desta boa e pacata cidade. Que tenha paciencia o feminismo. O *Spleen* tambem... é gente.

Lembra-te sempre do teu — *V. M.*

XVI

Na Granja — A Granja e o Estoril — Tristeza e frieza — Espinho e a Granja — Arruamentos e construcções — O plano das obras — Duelo homerico com o mar — A teima heroica de Espinho — A ingratidão do Atlantico — O Mar parece querer transigir — Surpreza no meio da praia — Outra vez o homem gordo de Leça da Palmeira — O verdadeiro homem gordo — Resuscita a mania do fisionismo — *Lembra-se uma visita a Lombroso — Um ser completamente grotesco — Um feio que se julga simpatico — Um D. Juan — Franquezas — Amante da lingua portuguêsa e inimigo de Portugal — D'acordo — Odio a palavrões — Um viajante... que nunca viajou — Prosodia pura — Crisântemo e não crisantémo — Bacalhau com batatas e favas — O homem gordo, poeta — Uma quintilha em versos esdrúxulos — Retirada irónica do homem gordo — Ponderações.*

Porto, 18 de Dezembro de 1906.

Minha Mariette:

Procedo como disse, e não me arrependo. Na verdade o valor do Porto, como cidade, está bem

mais no seu arrabalde, proximo ou distante, porque —tem graça—é raro o arrabalde que lhe não dá vitoriosas lições de grandeza, limpeza e até arte.

Fui emfim á Granja, arremêdo do Estoril, mas —diga-se tudo—arremêdo infeliz, não tanto pela Natureza, porque a região é esplendida de arvoredo, como pela vida semsaborosa daquelle punhado de *chalets* que parecem construidos todos no meio duma grande quinta, e até pelo ar pretencioso, frio e convencionalissimo, portanto, duma ou outra familia que por ali se me deparou.

Cheguei a pensar que tinha chegado a uma florida necrópole. Nada dos risos francos da Foz, ou do riso fino e mordaz do Estoril. O proprio sol, aliás esplendido, parece-nos vestido de sobrecasaca, empertigado, mal humorado, *snob*. Tem, comtudo, alamêdasinhas belas e alguns *chalets* de certo gosto. A praia, mediocre e mesmo no verão pouco concorrida, não me atraiu. Segui para Espinho sem excessivas saudades.

Espinho é uma linda vila, progressiva, alegre, moderna. A Granja é uma quinta cercada de muros: Espinho é um grande jardim sem grades, suspenso á beira da agua. Na Granja no tempo dos banhos, dizem-me haver um pedantismo soléne: em Espinho uma alegria cortez e quente, que dá bem estar, cordealidade e saude. A Granja parece feita de *spleen:* Espinho é feito de sol, arte e trabalho.

Gostei muito dos arruamentos. São espaçosos e têm algumas construções elegantes. Ha, como no Porto não acontece, um evidente e harmonioso plano d'obras que nem o Mar, figadal inimigo de Espinho, é capaz de destruir. Porque,

Mariette, travou-se ha muito um duelo homerico entre Espinho e o Mar. Estende a vila ruas e casas, avenidas e praças até quasi ao lume d'agua. Pelo inverno, o Mar, muito socegado no verão, chega, ergue-se furioso, ruge, e lambe tudo, inundando, devorando. E Espinho? Magoa-se, lamenta vitimas, prejuizos materiaes, contrariedades tão calamitosas, mas teima. Cada ruina é de novo um alicerce. Cada fosso um fundamento. Julgava o Mar que fazia de tudo, um deserto, areia, aridez, silencio? Engana-se. Espinho quer alastrar até ás ondas. E novas edificações, novas ruas, novas praças, até novos jardins.

Finge o Oceano aceitar mais uma prova de tanto amor. Espinho chega a crer ser correspondido na sua paixão de vida estreita com as ondas. Que alegria de gente, ao ver-se perto das espumas, mirando-as de varadins artisticos, alguns já embalsamados pelas passifloras e glicinias! Pois bem! ao primeiro sacão do menor temporal de inverno, o perfido volta agressivo, ri-se, aos uivos, duma paixão assim teimosa e operosa, e casas, ruas, praças, jardins, são inundados de golpe, destruidos, arrazados! Ah! Espinho vai desistir. E' logico. Como hão-de vencer o Mar? Vence Lisboa o Tejo com um Aterro colossal, mas o Tejo não é o Atlantico. Espinho, de resto, deve de estar escandalisado com tanta ingratidão. Pensas assim, Mariette? Tambem o pensei, mas enganei-me como tu. Passado o impeto das aguas, morta a epoca dos temporaes, Espinho volta, e cada vez mais febril, ao seu teimoso proposito.

E o que é certo é que o Mar já se vai *comovendo* em alguns pontos, já poupa algumas edificações.

Despreocupado e feliz notava eu isto tudo, parado ao meio da praia, que é magnifica, quando uma especie de ciclóne me sacudiu o braço direito. Ora, num dia de sol claro, dia sereno, que ventania irrompêra? Nada mais nem nada menos do que... o homem gordo, o mau patriota de Leça de Palmeira!

Fitei-o com modos hostis, mas, reparando nele melhor do que da ourta vez, não pude conter um grande acesso de hilaridade. Dava-lhe de chapa o sol muito vivo e era impossivel perder-lhe a menos caracteristica das feições. Era quasi como se fôra uma transfiguração. O homem gordo suava e os pequeninos olhos chispavam-lhe atravez duns oculos com aros d'oiro. Já em Leça notara que o seu rosto era chumbadissimo pelas bexigas, mas, como agora tiraia o alto chapéo de coco, de abas largas como um sombreiro engomado, só agora lhe pude ver a carapinha grisalha da cabeça, malhada, ao alto da testa convexa e simiana, por uma estravagante pluma de cãs. E, atentando melhor nele, resuscitou-se-me a mania do *fisionismo* que, ha dois anos, tanto estudámos na nossa vilegiatura pela Italia, quando visitámos o grande Lombroso, animados por apressadas leituras de Lavater e Gall.

Corrigi, pois, logo o desabrimento e, emquanto elle limpava o suor com ar de martirio, fui-lhe analisando a cicatriz escrofulosa — parecia um golpe de navalha — no queixo ao pé da orelha, e o recorte, em forma de giba de camelo, do naris, que já em Leça me lembrou ser de arára. Depois admirei-lhe o ventre empinado, e, entretanto, um berloque onde fulgiam uns brilhantes, e correndo a vista pelas suas pernas arqueadas, descobri as

montanhas dos pés de soldado veterano, dois enormes joanetes... purificadores.

O homem notou o meu exame, percebeu a minha ironia, mas já repoisado e com ares facetos, disse-me com a sua voz cheia de catarro cronico:

—Sou feio, hein?!... Mas sou simpatico.

—Sem duvida.

—Sabe que estimei encontrá-lo?

—Muito obrigado.

—Hontem desapareceu tão depressa...

—Lembrou-me de repente...

—Não ponha mais na carta. Alguma conquista. Sei o que isso é. A cada passo interrompo não só conversas, mas até jantares, por causa duma entrevista aprazada. E' o meu *fraco*. Mas nada mais me podem lançar em rosto.

—Creio, senhor.

—E póde crê-lo. Eu já fui pobre. Passei fome. Fui cabo de esquadra. Depois, fui bedel. Depois vendi porcos. Depois fui para as terras de Santa Cruz. Lá fiz obra de funilaria. De lá vim. Aqui estou.

—Sim, senhor.

—Sei bem a lingua portugueza.

—E não conhece Portugal!

—Quem o disse a v. ex.ª?

—V. ex.ª mesmo.

—Eu?!...

—O cavalheiro pode crer que nada desgosta mais um espirito justo do que o desamor pela Patria de qualquér seu filho, por mais illustre...

—Favores de v. ex.ª...

—Mas quando essa Patria é, como Portugal, um lindo jardim, com cidades alegres, algumas

grandes e originaes de arte, com um clima digno do Paraiso, com habitantes polidos, bravos e intelligentes, esse desgosto chega a ser revolta, indignação...

— D'acordo.

— Porque não viaja v. ex.ª pelo seu bello paiz?

— Está claro.

— Porque não estuda os seus conterraneos, os seus monumentos?

— Está visto.

— Porque ha-de ter essa má vontade pelo que é tão digno de admiração e apreço?

— Diz bem.

— Mas então está d'acordo e achava hontem o seu paiz um paiz de barbaros? Dignar-se-á responder?

— Direi a v. ex.ª que detesto palavrões. Que querem dizer, por exemplo, *nevróse, idiosincrasia, lapidar* e outros vocabulos?... Posto isto, que tem a maior relação com a minha resposta, principio. Aqui para nós, eu nunca fui a Paris, nem a Barcelona, nem a Madride, nem sequer a Vigo. Eu sou duma aldeia, chamada Ortigosa, embarquei em Leixões para a America, de lá vim rico e fui viver para uma quinta ao pé de Leça. E' o que conheço do mundo.

Mas é que eu sou sem artificios. Isto de ver terras exige *imposturas* e despeza e a gente, para inculcar de viajante, basta-lhe ler dois ou tres livros de viagens. Depois, não quero perder esta pronuncia portugueza de lei, porque eu falo o portuguez puro. Odeio tanto os palavrões como a prosodia estrangeirada. Por exemplo: em Portugal todos dizem *crisantémo* á franceza: pois, estu-

dando o caso mais de seis dias, sei que se deve dizer *crisântemo*.

—Isso é admiravel...

—Sou assim em tudo. Que pensa v. ex.ª que eu cômo todos os dias? Um prato de batatas com bacalhau e, quando ha favas, é favas ao almoço, favas ao jantar, favas á ceia.
Entretanto, digno estrangeiro, eu sou poeta...

—V. ex.ª?!

—Admira-se?

—E' que, pelo seu desamor para com a Patria...

—Bem sei: julgou-me sem alma. Pois, em versos exdruxulos...

E, Mariette, o homem gordo tirou um papel grande e leu, escritos em cursivo, os seguintes versos que copio, porque me fez presente delles á força:

«Nas regiões da vida sorumbatica,
Ou, se querem, da vida quasi ascética,
Os que julgam ter senso e boa pratica
Ignoram mesmo as regras da Fonética;
Ignoram tudo: ignoram a gramatica!

E, metendo-me o papel na algibeira, poz o chapeu, fez uma venia e retirou-se com o ginguismo duma baleia que dança, rindo sarcastico.

Que ficas tu julgando deste homem original? Devia ser interessante uma conversa com elle sobre feminismo. Mas o dia findava. Eram horas de tomar o tramway para o Porto. Não perdera o meu tempo. Tomara conhecimento com duas praias, uma delas magnifica, e ficava conhecendo melhor o homem gordo que em Leça de Palmeira me enchera de mau humor e asco. Adeus.

XVII

Saudades do lar — Triste Noite de Natal — Regresso em Maio — Em Aguas Santas — O concelho da Maia — A aparição de Mirable — Gloria cede o uso da palavra — Uma professora oficial que fala do ensino normalista — Verdades corajosas — O individno e o Estado — Lembra-se Herbert Spencer — Lutar, batendo ou sofrendo, é hoje morrer — Converter o Estado — Remodelação e responsabilidade — Lembra-se Virgilio e a sibila de Cumas.

Porto, 20 de Dezembro de 1906.

Adorada Mariette:

Fês-me bem a tua carta. Vejo que a nossa casa no *boulevard* continua a ser o teu ninho querido. Amas como eu esse pequenino templo tão cheio de saudades puras, de pedaços da nossa alma, da nossa vida, da Eternidade talvês.

Tambem a mim, Mariette, tambem a mim começa já a falar-me a saudade dentro duma infinita nostalgia. Daqui a dias é a Noite de Natal, a noite dos nossos jubilos delicados e santos, encantadora de religiosidade intima, perfumosa do

mais doce e sincero sentimento. E passa-la-ás tu sem mim, e passa-la-ei eu sem ti, d'olhos humidos e coração ferido, viuvos por algum tempo, d'alma convulsa como um passarinho encarcerado numa gaiola de gelo, a piar em vês de gorgear, a sofrer em vês de voar.

Mas, Mariette, sabes que tenho de sofrer resignado. Os nossos proprios interesses o exigem. Ainda peregrinarei por aqui alguns mêses, embora nos deva confortar a esperança de que assim consolidamos o que ha-de dar-nos o repoiso na velhice, o repoiso e uma pequena abastança.

A fabrica deve ficar instalada em Lisboa no mês de Maio e, então, nesse mês que é da França, que é da Virgem, que é da Vida renascida, eu voltarei ao Lar, a colher as flores do nosso jardim, a beija-las nos teus cabelos, se é que precisa de flores quem tem uns labios como os teus.

Triste, mas confortado por esta grande esperança em Deus que dá a tranquilidade e a sinceridade, lá fui hontem ao passeio de Aguas Santas. Fica no concelho da Maia, limitrofe do Porto. Quer isto dizer que é um jardim estranho, como todo o arrabalde desta cidade. Panoramas tranquilos, aguas, verduras, casaes. Nada das grandezas alpinas da Beira ou de Traz-os-Montes. Nem uma catadupa. Nem um abismo. Humidade, frescura, planura. Se algum monte incha o sólo, cobre-se de verduras e não mostra uma fraga. Se alguma ladeira oferece um despenhadeiro, é tão recamada de giestas, rosmaninhos e gramas, que parece um leito inclinado, um despenhadeiro de veludo e violetas.

A cada passo, o noivado da era com os troncos e com as pedras. Muitas aves alegres, como na

primavera da Provença. Foi um encanto a diversão. O sol veio magnifico: e o ligeiro vento, que gemia nos pinhaes e nas carvalheiras, mais parecia uma canção d'amor do que um fremito de desespero, como no inverno de Paris, quando as arvores estão sinistramente nuas.

A poucos metros da povoação, saudou-nos uma senhora alta, robusta, d'olhos magnificos, aparentando trinta annos.

Uma dama do nosso grupo reconheceu-a. Com grande alegria correu para ella e disse, erguendo os braços:

— Pois quê! Tu aqui Mirable?

— E' franceza? perguntei, interessado.

Mas a bela senhora, graciosa e magestosa, volveu logo:

— Portugueza, portugueza de lei. Mirable foi o nome que me pozeram no colegio, não é verdade, Virginia?

A amiga disse que sim e, voltando-se para todos com solenidade cómica, bradou:

— Proponho que Mirable seja da nossa expedição!

— Apoiado! conclamámos alegremente.

E proseguimos. Gloria, Mirable e Virginia fizeram logo um grupo encantador, de que me aproximei deliciado, guloso.

Gloria então, visivelmente satisfeita, tomou a palavra com aquella vivacidade romantica que tanto a distingue, que lhe dá relampagos de eterna mocidade.

— Ouviu-me, sr. de Moigénie, teorias intrepidas, talvês estranhas. Ha-de julgar tudo paradoxo de dama delambida. Pois bem, estas minhas amigas pensam e sentem como eu e, se divergem

de mim em alguma coisa, é na grande verdade, para ellas insuperavel, de que o Preconceito é o inimigo unico e cruel da felicidade humana, Portugal é talvês o rincão mais sombrio espiritualmente, mas tambem a vistosa luz de Paris ou Nova-York, dizem-no ellas, ainda tem claro-escuros sinistros que mais parecem trevas de inferno do que fogachos d'alvorada que romoe... Oiça-as, que falam muito melhor do que eu.

— Assim mesmo, declarou Virginia, fitando-me.

— Assim mesmo, repetiu Mirable, num éco harmonioso e, grave, soberba de contornos, a saia apanhada com uma graça toda grega, proseguiu logo:

—Eu sou uma professora oficial. Sabem o que é isto em Portugal? Vou dizer-lh'o. Frequenta a gente uma Escola Normal. No Porto é um edificio magestoso, admiravelmente situado, magnifico.

O corpo docente é inteligente em geral. Ha professores que merecem elogios desde o zelo até á sinceridade. ¡E, todavia, nada ou muito pouco se aprende. As lições mais uteis, mais concretas, mais positivas, têm de ser, pelos programas, simples esboços de noções, catalogos monótonos de nomes. A anatomia e a fisiologia, porque o Preconceito fala no Pudor com toda a hipocrisia, mal são apresentadas em conhecimentos banaes, despidos de lição real e viva.

E de vida pratica, nem uma noção. Querem-nos pedantes, frivolas, inuteis? Assim parece. Os lavores que aprendemos nem têm utilidade nem verdadeira arte. Somos incapazes de fazer uma camisa, como somos incapazes de conhecer a hi-

giene completa que faz, de cada pessoa, um enfermeiro e até um medico seguro.

Vimos cheias de pequenas vaidades e de teorias confusas, desdenhosas da lide domestica, com horror á maternidade, á vida de familia, a tudo que nos parece incompativel com o que julgamos ser grande sciencia. Economisar, governar a casa afigura-se-nos indigno do nosso diploma e, portanto, se assim somos, assim formamos o espirito das nossas discipulas, infelicitando-as sob o pretexto duma sólida instrucção que, afinal, só é aparatosa e ligeira.

—Mas, minha senhora, penso que a Escola Normal não pode invadir as atribuições das mães...

—Décerto que não, snr. de Moigénie, mas onde é que o Estado sabe formar verdadeiras mães? Importa-se elle com isso?

—Talvês isso não seja de competencia dele...

—Bem sei. O snr. de Moigénie está com Spencer: o individuo deve exterminar o Estado. Temos então a Acracia. Mas este Ideal tem contra si tantos preconceitos, que o Estado nunca poderá ser exterminado pelo individuo. O preconceito defende o Existente e inutilisa o Futuro. Como, pois, vencer a Verdade? Como ha de ella triunfar, se a Mentira tem nas mãos a rêde de arterias da vida moderna? A conclusão é, pois, que devemos desistir, resignarmo-nos, deixar apodrecer tudo...

—Não julgo assim, Mirable. O individuo luta, pensando alto, falando e escrevendo, dando constantes e honestos exemplos de justiça e amor...

—Luta? Não, sofre. Sofrer é decerto lutar, mas no atual regimen capitalista, lutar, sofrendo

ou batendo, é sempre morrer. Matam-no todos — até o primeiro desgraçado que, de subito, se vê feliz e logo é um esquecido das injustiças que sofreu, porque sente agora o desconforme e monstruoso prazer de ser tambem injusto. E o aniquilamento dum apostolo é, hoje mais do que nunca, a desvalorisação duma ideia. Resta-nos, portanto, muito pouco, snr. de Moigénie...

— O quê, gentil Mirable?

—Esta utopia: Converter o Estado! Esta tentativa doida...

—Mas como?

—Remodelando o, e, ao mesmo tempo, aliviando-o. Que o individuo o dispense o mais possivel e que exija a maxima responsabilidade em tudo que elle pratique. Creia que ha só isto.

—Mesmo em Portugal, Mirable?

—Mesmo aqui.

Calei-me, Mirable tinha um fogo siciliano nos olhos negros e rasgados. A sua fronte dum marmore de estatua tinha relampagos sobre-naturaes. Parecia mais luminosa ainda a sêda cariciosa dos seus cabelos de ebano. Parecia mais alta, mais escultural, mais hipnotica.

—E então? remoqueou Gloria, d'olhos humidos de febre.

—Então, volvi eu, lentamente, *nascitur ordo*, como dizia Virgilio. Estamos num tempo de remodelação geral. Que virá? Digam-no as sibilas. Qual de V. Ex.as póde ser a pitonisa de Cumas?

— A Gloria!

—A Virginia!

—A Mirable!

E, rindo perdidamente, as tres bellas senhoras desataram a correr como creanças atravez dum

grande pinhal que iamos atravessando. Entretanto o Sol subia, escaldava os seres, embebedava o o azul, as aves, as flores, as almas...

Mas o correio está a partir. Amanhã escrevo nova carta. Bom Natal, Mariette.

XVIII

A noite de Jesus — Como um irlandês ou como um polaco — Saudade! — Garrett e Schubert, Chopin e Palestrina — Portugal, um povo de saudosos — A mulher portuguêsa — O português e o espanhol — A cosinha em Espanha e em Portugal — Recuerdos, souvenirs, regrets, remembrance — *O contagio da saudade — Portugal, a Grecia e a Turquia — Lingua e costumes francêses — Livros francêses — Berlioz. Saint-Saëns, Massenet, Bizet, Gounod — Porto e Paris, Lisboa e Victor Hugo — A França no Brazil — O paraizo de Portugal — O Minho ou o Algarve? Beleza classica e beleza romantica — Espanholas e Portuguêsas.*

Porto, 21 de Dezembro de 1906.

Minha querida Mariette:

Quanto mais se aproxima a noite de Jesus, mais eu sinto a dilacerante nostalgia. Julgo-me um irlandês que não póde viver sem a sua dôce Erin, ou um pobre homem da Cracovia, saudoso do castello roqueiro por estar agora proscrito, exposto ao sol da Numidia onde vagabundeia entre

leões e árabes, onde sofre d'alma e corpo. Mal compàrado, sinto-me num esgotamento repentino que lembra os de Spencer, tantas vêses julgando a morte á cabeceira e pouco depois redivivo, forte, homerico, para a luta, para o sofrimento, para o pensamento...

Ah! saudade! saudade! Que linda palavra esta, genuinamente portuguêsa, tão maviosa que fês, dum verso de Garrett, uma serenata de Schubert, um devaneio de Chopin, um gemido de Palestrina!

Porque Portugal é um povo de saudosos. A mulher mais rica, mais bela, mais adorada, tem nos olhos uma penumbra, uma agonia intima. Chora sem saber porquê, ou porque demais o sabe, e isto quando a sua carne é de jaspe, de fogo o seu olhar, de coral a sua bôca. Chora por um fado soluçante que ouviu no alto duma serra, pela dôr gemida dum marinheiro que parte, pelo grito angustiado duma ave que viu caír na torrente, quando devaneava pelo campo...

Tem saudades de tudo: duma velha mendiga que rezava no portal, duma criança que brincou e adormeceu para sempre, queimada de febre, dum cão meigo que lhe lambia as mãos e morreu chumbado pelo caçador na lombada da montanha...

As suas lagrimas derrama-lh'as, copiosas, vivas, indominaveis, o *Angelus* na aldeia, quando a noite chega e o vento crispa as arvores em murmurios d'almas insensiveis. O luar, o proprio sol vivo e grande, a flôr, o regato, a estrela, o fumo, a onda, o perfume, o éco dum trinado, tudo aviva uma saudade dentro da alma portuguêsa.

O português é sentimental por indole e por

educação. Nada da pompa insultante do visinho espanhol. O homem de Espanha é toireiro por sanguinarismo: o de Portugal tem os toiros por tradição e por pretexto á galanteria. O de Espanha é fanatico, violento, sonoro; o de Portugal é tolerante, bravo e melodioso. A cosinha do primeiro é de pimenta, colorau, excitações, produz extasis no sangue, escalda o cérebro, corrompe o sangue; a cosinha do segundo é substanciosa, simples, delicada por vezes, amiga do estomago, do figado, do sangue arterial.

O espanhol é histerico nos impulsos, destemido e covarde, grande e miseravel, segundo os lances; o português é sempre bom, d'alma saudavel, paciente, sofredor, justo e, quando irritado, inflexivel porque é sincero, dum histerismo superior e fecundo.

Por isto o espanhol tem *recuerdos,* não tem *saudades,* como nós temos *souvenirs,* ou *regrets,* como os inglêses têm *remembrance.* Ter saudades como os portuguêses só quem, como elles, se recorda a chorar dentro d'alma, de alguem ou d'alguma coisa que floresceu e viveu mas que, morrendo, ainda floresce e vive dentro do coração que deixou cheio de luto.

E a *saudade,* Mariette, é contagiosa, como o panico, como a alegria, como a febre. Basta um fio de luar para a transmitir. Uma florinha murcha no-la depõe no coração. Uma gotasinha d'orvalho no-la espelha a dentro d'alma.

Trepa por nós acima, insensivelmente, como a sombra duma flôr e, depois, a gente ao vê-la, vê quem a projéta, aproxima-se della, sorve o perfume que a cerca, vive a sua vida, sofre o seu sofrimento. Mas que é isto? Acaso eu te escrevo de

Pondicheri ou do Haiti? Não. Portugal é o extremo sudoeste da Europa, porem mais perto de Paris do que as ruinas de Atenas ou do que os minaretes de Constantinopla.

A nossa bela lingua fala-se aqui com uma facilidade encantadora e, principalmente em Lisboa, até os costumes teem um cunho parisiense admiravel. Nas estantes dos livreiros os nossos melhores poetas e romancistas. Nas praças e nos museus grandes reminiscencias da nossa arte. A cada passo, o nome de França numa auréola de carinho e prestigio.

Nos teatros a nossa musica, a nossa alegria, a nossa *verve*. Berlioz, Saint-Saëns, Massenet, Bizet, Gounod, são tão queridos em Lisboa como em Paris. O Porto dedicou á nossa capital uma Galeria. Lisboa vai erguer uma estátua a Victor Hugo.

Portugal é um prolongamento da França, prolongamento cortado bruscamente pelos Pirinéos, mas continuado, depois da grande mancha da Espanha, por um paralelogramo delicioso, maior do que a Belgica, a Holanda, a Suissa, ou a Grecia. E, daqui, apezar do lençol enorme do Atlantico, lá vai continuar ainda no Brazil, principalmente no Rio de Janeiro, onde tudo é parisiense quanto possivel, desde a imprensa á vida da rua.

E', pois, mais facil dominar a nostalgia...

Vou hoje talvês a Braga. Lá me demorarei alguns dias. E' a capital do Minho, provincia que os portuguêses chamam o *paraiso de Portugal*. Sabes a minha opinião. Até hoje esse paraiso lusitano é o Algarve, pelo que vi, pela variedade esplendida de visos, planaltos, vegetação.

Do Minho, pelo que conheço, tenho a impressão duma beleza *classica* como a das *Eclogas* de Virgilio. Uniformidade deliciosa, planura, silencio, sombra, aguas limpidas, folhagens verdes, horisontes vastos, doces, tranquilos.

Do Algarve, pelo que contemplei, a impressão é duma beleza *romantica* como as ódes de Victor Hugo. Alcatifas de verdura e golpes de serra toda em flôr, antiteses grandiosas de monte e campo, lençóes de mar esplendido, penedias vestidas, vegetações quasi dos tropicos, calor, brisa maritima, perfume vivo e são, gorgeios, efluvios quentes de fecundidade, amor, paixão, devaneio, variedade.

Vai comigo D. Gloria que parece vir substituir a querida D. Candida, tão subitamente morta em Lisboa.

Tambem vão Mirable e Virginia, que hontem me fusilaram num verdadeiro duelo sobre principios de filosofia moderna. Indubitavelmente, a vivacidade das portuguêsas é terrivel. A espanhola é mais audaz, mas muito menos espiritual. Em tudo põe sempre a vaidade plastica, qualquer coisa que afirme o fogo dos seus olhos, a pequenez do seu pé, a redondeza marmórea da sua anca. Conversa e namora. Raciocina e tem *salero.*

A portuguêsa, acima de tudo, é meiga, piedosa, terna. Gosta, como todas as mulheres, de encantar, mas seduz mais por se julgar mediocre, quando é sempre simpática, o que não acontece a todas as formosuras.

E' maliciosa, finamente irónica, ao passo que a espanhola, ao desfechar a ironia, chega ao despejo ou, pelo menos, é cruel como se tivesse em cada homem um toiro.

Na espanhola tudo é combate: na portuguêsa tudo é doçura. A primeira julga-se num trono: a segunda sonha-se sempre num jardim.

Mas as brisas deste jardim são volteiras, mordentes, ásperas, ás vêses. A portuguêsa é mulher e, portanto, Mariette, as suas unhas côr de rosa entram na pele masculina quando menos se espera. Verdade seja que, se a nossa pele verte sangue, ella, compadecida, é capaz de a curar com beijos, o que a espanhola só sabe fazer com felinas dentadas...

Não tenho hoje tempo de te narrar o grande duelo a que estas damas me sujeitaram, se póde chamar-se duelo á luta com tres lindas adversarias terriveis.

Por hoje basta que saibas que fiquei completamente derrotado, primeiro em combate singular e depois batido pelas tres com uma força, uma tática e uma energia, que desarmariam o genio do nosso Napoleão I...

As damas de Paris, quanto a mim, tinham muito que a aprender com estes demonios de pele côr de créme e d'olhos lindos, tão lindos, que a gente nem sabe se são joias se são estrêlas...

Se a mulher portuguêsa fôr, um dia, instruida e educada, como precisa, eu creio que não ha *cercle* parisiense que não se honre com o brilho, originalidade e graça da sua verdadeira e espiritual beleza. Podem excedê-la em tudo, mas em coração nenhuma mulher europeia talvez a eguale.

E tu sabes, Mariette, da onïpotencia do coração. Quem sente devéras, pensa com vigor. Quem ama, vê. Quem possue um sentimento perfeito, nobre, devéras puro, está a caminho do mais fecundo, do mais amplo e do mais santo pensa-

mento. Tem toda a singeleza. Tem a melhor vontade. Dispõe da força dum verdadeiro caráter.

Mas basta por hoje. Na proxima carta te direi do duelo a que me venho referindo para, em outras cartas, te falar de Braga, que me dizem ser uma cidade curiosa e notavel.

XIX

A ceia do Natal em Braga — Saudades incoerciveis — O que é Braga — A' entrada, ideia de Montpelier — Ruelas, praças amplas — O Campo de Santana — O teatro de S. Geraldo — Fabricas — Gelosias verdes, varandas de madeira, o Passeio Publico — Muitos eclesiasticos — Comercio, ruas novas, mulheres lindas e fortes — Damas e homens — A pronuncia — O Bom Jesus do Monte — A montanha: o elevador, a vegetação, um parque esplendido — O templo — O panorama do adro — Impressões — A escadaria: capelinhas, fontes, etc. — O Sameiro — Braga e os sinos — A voz de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga — Uma cidade eclesiastica, A Roma Portuguêsa — A Maria da Fonte — Braga e Minho, a Vendeia e a Bretanha — As principaes cidades de Portugal.

Braga, 24 de Dezembro de 1906.

Querida Mariette:

Acaba agora mesmo, ás dez da noite, a ceia do Natal em casa duns parentes da D. Gloria. Ire-

mos daqui á *Missa do Galo,* á velha catedral da chamada *cidade dos Arcebispos,* talvês fundada pelos celtas perto de 300 anos de Cristo.

Suavisaram-me todos, quanto possivel, as fundas saudades. O portuguęs é um excelente enfermeiro d'alma.

Todavia, não conseguiram varrer-me do coração as lembranças agri-dôces do Natal passado, ao pé de ti, ao pé dos nossos, á chama sagrada do nosso lar adorado. Devorei muitas lágrimas e com ellas misturei o vinho generoso, espumante, quasi divino, que doirava as taças. Vivi a vida do desterro entre muita gente, essa nova especie de exilio triste no meio duma multidão amavel que nos conforta, que nos acompanha, que nos beneficia, deixando-nos, porém, sempre rigorosamente sós, porque o nosso espirito voou e foi viver com paixão na alma saudosa dos nossos queridos ausentes.

Basta, Mariette. Não devo agravar a tua dor. Tambem tu, pálida e triste, has-de ter sofrido nesta noite de festa intima.

Antes de cumprir o prometido sobre o *duelo* com as minhas amiguinhas no Porto, vou falar-te de Braga.

Não é uma cidade moderna. Pelo contrario, é um arcaismo de pedra. A entrada, com um arco original e simbolico, dá-lhe ares de Montpelier em miniatura. Depois, abundam as ruélas semi-judias e semi-mouriscas, verdadeiros corredores de granito escuro. A espaços, uma grande praça, morta, triste — com bons edificios, algumas tentativas de modernisação.

Abundancia de templos, e alguns magestosos. Locaes pitorescos, como o Campo de Santana, cercado de arcadas.

Um teatro elegante, o S. Geraldo.

Bastantes fábricas. Muitas gelosias verdes. Muitas casas antigas, de varanda de madeira pintada. Um pequeno Passeio Publico, decente e pautado, ligeiramente monótono.

Diluvios de sacerdotes gordos, graves, sorridentes. O movimento das ruas pequeno, moroso, sólido de passos. Mas um comércio regular, firme, bem tratado. Ruas novas em projéto, algumas já rasgadas sob o plano vulgar no Porto.

Bonitas e robustas mulheres. Damas sadias, pudibundas, ainda refratarias ao passeio, embora menos do que outrora, segundo me dizem. Os homens, fortes, átivos, mas tudo com fleugma.

A pronuncia como a do Porto, mas mais cerradamente minhota, quasi galaica. Ninguem diz *multidão*, mas sim *multidom*. *Treato*, *probe*, *sordado, ardeia, cardo,* eis como elles dizem *teatro, pobre, soldado*, *aldeia, caldo.*

Todo o português diz: Eu *fiz* um cigarro. O bracarense dirá: Eu *fês* um cigarro.

Mas Braga tem um arrabalde que vale todo o arcebispado: é o Bom-Jesus do Monte. A cidade aproxima-se do célebre Santuario numa gentileza de melancolia florida—uma rua de bela arborisação que vai por um vale, como larga arteria.

Ha uma via americana que vem desde a estação do caminho de ferro. Braga vive do Bom-Jesus. Assim se explica este arrojo de transporte num povoado de 25:000 almas, secularmente rotineiras.

Depois, isto é, finda a linda rua, temos defronte a pitoresca montanha cuja verdura nos encanta ha minutos em visão pomposa.

Um elevador, singularmente arrojado, mas

muito bem construido, nos leva pelo monte acima entre vegetação forte, atravez dum dos mais belos parques que tenho visto, o melhor depois de Cintra, quanto a mim. E lá cima o templo do Bom-Jesus é duma elegancia grave que nos subjuga. Do adro, a vista é larga, cheia de flores, de hortas viçosas, limitada por uma serra melancólica.

Braga, plana e limpa, vê-se em baixo, modesta de aspéto, mas auspiciosa de progresso. O panorama é amplo e suave. Ha ondas de matizes, a luz especial das terras fecundas e muito amadas. Dá vontade de amar e de orar, de ser bom, de ter familia, de ter sonhos placidos á beira dum lago azul. Não nos alucina aquela monomania da grandeza que, á beira do Cómo ou nas quebradas duras da Suissa, faz, de cada viajante, um candidato certo a principe expedicionario. Bondade, simplicidade, aspirações comesinhas, um romantismo vago e pacifico.

E então é o dôce encanto da descida a pé, depois de visitado o parque, cheio de alamêdas, de fontes rusticas, de pequenas catadupas, artisticamente fingidas.

Uma magestosa escadaria, de granito, com corrimão cheio d'arte e solidez, e devorada quási pelo melhor arvoredo, vai-nos mostrando largos pitorescos, capelinhas da Paixão do Senhor, com grandes figuras de judeus membrudos, alguns duma plastica muito sofrivel. Aqui e ali, simbolos originaes. Os *cinco sentidos* são representados em fontes de pedra duma arte curiosa.

O bosque todo com uma religiosidade de templo. Sombras dôces e profundas, a cada flanco. O ar sadio, puro, livre, mas carinhoso como os olhos vivos duma minhôta.

Porém, mais alto que o Bom-Jesus, temos ainda o grande pináculo do Sameiro, onde a Virgem impéra sobre a colina que lembra a dum farol classico.

O panorama gigantisa-se até ao assombro. O que já se vira admiravel, de nota estranha, algo de Auvergne com o que ha de vasto nas campinas de Roma, é agora um kaleidóscopio singular, confuso de pormenores, mas esplendido de contrastes.

Mas, em Braga, nada ha de belo e de grande, de passional e de tocante, que não tenha a voz dum sino. Até naquelle alto ouvimos um grande carrilhão, longinquo e solene, a voz real da Roma Portuguêsa. Lisboa tem por voz um constante pregão de comercio ambulante; o Porto um bater de ferros na bigorna; Coimbra, uma risada de estudante ou uma cantiga de tricana; Braga tem por voz um sino.

Cidade eclesiastica por excelencia, o proprio creado de hotel tem algo de sacristão. O moço mais esbelto e vistoso tem qualquer coisa dum modesto andador das almas.

Em outro ponto do mundo, um homem de cara escanhoada e sem bigode passa tanto por padre como por átor. Em Braga, é um abade ou um seminarista, pelo menos.

Braga é tudo quanto a Egreja Catolica tem de tipico e sincero em Portugal. Peçam á bela cidade uma revolução. Perguntará logo: respeita-se a Egreja? Se a resposta é negativa, póde falar o Direito mais puro, póde clamar a urgencia mais sagrada, que Braga não se moverá. E assim quási todo o Minho. Quando rebentou a *Maria da Fonte*, ninguem se ergueu pelo liberalismo: levantou-se o

Minho porque amava em D. Miguel a religião tradicional dos portuguêses.

Compreendes, pois, Mariette que Braga e o Minho nos lembram a nossa bela e ingenua Vendeia, toda a Bretanha.

Compreendes ainda que é esta uma cidade que, por tudo, só lembra o Porto na superficie dalguns aspétos. Comparando psicologicamente Braga e Porto, eu sou pela primeira. Ambas cidades de firme caráter, a primeira é a devoção austera; a segunda é o mercantilismo átivo.

E, récapitulando notas geraes, poderei talvês classificar as principaes cidades portuguêsas com estas notas: Lisboa é o cosmopolitismo, o luar, a arte, a mentalidade, a grandeza, a febre; o Porto é o trabalho, o orgulho, o conservantismo, o trafico, a severidade, a sisudez; Coimbra é o sonho, o cantico, a preguiça, o estudo, o fado, o perfume; Braga é a religião, a ordem, a rotina, a paz, a saúde, a fleugma.

Lisboa enfeitiça até pelo clima, empolga, mas tambem fortifica. Coimbra embala, seduz, entorpece e enerva. Braga oprime, mas tambem dá sangue e fé, saudades do passado, o aconchego dum templo sempre povoado.

Mas agora reparo eu em que não te falei ainda, como prometi, do terrivel duelo com Gloria, Mirable e Virginia.

Para a proxima carta será. Braga é tão original, que temi perder a frescura das minhas notas ligeiras e vividas. Sabes como gosto de fisionomias originaes...

Anceio pela tua carta de natal saudoso. Vou á *Missa do Galo* que me dizem ser aqui duma poesia cultual bem superior. Na minha carta de

amanhã te falarei, pois, do batidissimo duelo com as tres damas e te direi depois como é a *Missa do Galo* na velha Sé catedral desta Roma Portuguêsa, Roma na devoção, Roma nos monumentos e até Roma na copia de Marosias e Lucrecias Borgias... de via reduzida.

XX

A consoada — Os pinhões e o rapa *— Que é consoar? — Ceia-se na cosinha — A lareira, a mêsa, os pratos cobertos — A coive escoada — As sarduniscas — As rabanadas — As fritas — Estomago á prova — Vinho e brindes — Fr. João de Neiva, D. Miguel II, Falliéres, D. Carlos I — A Sé de Braga — Nem Notre-Dame, nem Beauvais, nem os Jerónimos, nem a Batalha, nem os Paulistas — Côro admiravel — O devoto de Braga — A missa do Galo — Sinos e alegria — Vivas a Jesus — Jogo de pinhões — Par ou pernão? — Põe e deixa! — Infeliz ao jogo, feliz aos amores...*

Braga, 25 de Dezembro de 1906.

Minha Mariette:

Só hoje me lembro de que te falei na ceia de natal e que te descrevi apenas o meu estado intimo. Que queres? Os amantes são sempre egoistas! Falar de si é a sua preocupação deveras obsidiante.

A ceia de Natal tem neste país geralmente o nome de *consoada.* Ricos e pobres festejam esta

noite em convivio alegre, comendo gulodices, bebendo copiosamente, jogando os pinhões e os confeitos, com um pião chamado *rapa*, pião de quatro faces vendo-se em cada uma dellas uma das letras — *D*, *P*, *R* e *T*, isto é, *Deixa*, *Põe*, *Rapa*, e *Tira*.

Mas volto á noite da consoada, bem noite de Portugal, muito pitoresca e cheia de nobres tradições, muito alegre, o mais pagã possivel.

A's 8 horas da noite vieram chamar-nos para a consoada. Ia eu a caminhar muito lampeiro para a casa de jantar. Conteve-me a dona da casa com a sua voz de prata:

— Então hoje para aí?...

— Mas não vamos comer?

— Não, vamos consoar.

— Não é a mesma coisa?

— Consoar é comer... mas pensando no Nascimento de Cristo.

— Ah!

E deixei-me conduzir a uma vasta cosinha. Uma grande lareira resplandecia a um lado, cheia de lenha em chamas.

A mêsa, ao centro, alvissima de linho estendido, impava debaixo de pratos cobertos, frutas e algumas flores de campo.

O vinho em canecas de barro parecia ferver de jubilo.

Sentados todos, não veio a sôpa, o *cardo*, como dizem em Braga.

Veio o que chamam *coive escoada*, scintilante de azeite, olorosa, dôce, apetitosa de bacalhau em filetes, grosseiros mas sadios.

E todos, entusiasmados, febris, encheram o seu prato a trasbordar, comendo, devorando, re-

gando tudo com largos tragos de vinho côr de sangue vivo. Depois, veio um arroz substancioso tambem de azeite finissimo e com a côr do barro humido. E' um excelente arroz de polvo. A esta altura já havia risos, ditos, chalaças ingenuas e simples. Os convivas animavam-se. Parentes, desavindos ha muito, reconciliavam-se. Lembravam, como nunca — os velhos ágapes cristãos, patriarcaes, rutilos de bondade.

Porfiava-se em encontrar tentáculos de polvo, a que chamam pitorescamente *sardaniscas*. Mastigava-se com valentia e alegria, e as canecas eram enchidas com fervor.

Mas, no meio da minha tristeza intima que todos pretendiam debelar, estalou um grito de jubilo intenso. As rabanadas! ouvi eu. Olhei com curiosidade. Pão dôce em calda muito grossa, de mel, loirejou num grande prato fundo.

A voracidade de todos foi extrema. Eu mesmo me regalei devéras com aquelle tão simples como saboroso acepipe.

E depois vieram as *fritas*, pasteis de toda a casta, de bacalhau, de abóbora, de arroz, eu sei! prodigios de azeite, salsa e óvos e alguma pimenta!

E era preciso comer de tudo, beber sempre, dilatar o estomago como uma borracha de vinho. A seguir, nozes, maçãs, uvas de dependura, laranjas, e tudo isto sobre um arroz dôce, um crême, um *manjar*, acompanhado já a vinho do Porto, delicioso, tónico, cheio de espirito.

E então brindes, brindes curiosos. Um barbeiro, que estava radiante, fez uma saúde a Fr. João de Neiva. Respondeu-lhe um comerciante de barbas loiras, brindando aos *futuros filhos* duns namorados que assistiam. Mas, a um canto, uma ve-

lha senhora não esmoreceu e, erguendo o cális, soltou um viva ao sr. D. Miguel II. Entretanto, um rapaz, atentando em mim, saudou por delicadeza Mr. de Falliéres.

Agradeci, brindando a D. Carlos I, o que desagradou bastante ao miguelismo de quasi todos e, depois, os brindes fusilaram, gritaram, trovejaram, alucinaram os convivas. Ausentes e presentes, preteritos e futuros faziam despejar os cálices com entusiasmo.

E, dali me levantei, aproveitando o geral tumulto, para te escrever.

Uma hora depois, chamavam-me com ruido! Missa do Gallo! gritavam.

—E' longe?

—Ali adiante, na Sé.

—Vamos todos?

—Todos! todos!

Olhei á roda. Raro era o conviva que não tinha calor nas faces. Alguns cambaleavam conscienciosamente. Mas eram esses os mais entusiastas.

A Sé de Braga não é Notre-Dame, não é a catedral de Beauvais, não é nada do que aí pódes supor. Não tem sombras dos Jerónimos, da Batalha, ou dos Paulistas, para te citar os generos dos templos portuguêses que conheces pelas fotografias enviadas. Proxima parente da Sé Velha de Coimbra, o seu estilo é grave, pesado, arcaico, em extremo.

O côro é um primor de obra de talha. No mais, tem o caráter das grandes egrejas portuguesas, tristeza monastica, preciosidades massiças, altares cheios de grandes imagens, bastantes pratas, muitos cirios.

O publico é que se não parece com o outro de

Portugal. O bracarense na Egreja não reza, curva-se, sofre, sente.

Não ajoelha, humilha-se. Não pede, chora.

Com elle estão a fé, o ardor, a penitencia, a humildade. Não se namora senão a furto. Não se distrái o espirito senão por excéção.

Nesta noite, os moços esquecem-se mais, os velhos sorriem mais confiados na clemencia divina, mas, no conjunto, o respeito é grande, puro, dignificante da Religião. Um vendeano não seria mais austero, mais simples, mais firme.

A missa foi celebrada pelo conego João da Cunha Guimarães.

Depois, o Menino-Deus surge no altar, risonho, anafado, delicioso.

Bateu a meia-noite. Repicam festivos os sinos. A multidão galvanisada, devora com beijos espirituaes Jesus Cristo recem-nascido, agora patente, depois de descerrada uma grande cortina de damasco. Ouvem-se cantar os galos. Os fieis esquecem-se da compostura habitual e levantam-se radiosos. Ha clamores de alegria infantil.

—Nasceu, nasceu Nosso Senhor!

—Viva Jesus! clama ao meu lado um velho simpatico.

E saímos aos impulsos entre hálitos quentes e pulsações fortes de coração. Ha cheiro do incenso, o olor das turbas festivas, não sei que de espiritual que vem do sangue agitado.

Cá fóra todos vão á pressa para casa. Ainda vão jogar os pinhões. Quero deitar-me. Não m'o consentem. Um monte negro de pinhões enche uma mesa. O *rapa* gira vertiginoso ao pé das creanças. D. Gloria, alegre, infantilissima, aperta muitos pinhões na mão direita, e pergunta-me:

— Par ou pernão?

— Pares ou nunes? explica, erudito, um homem.

E eu, perplexo, respondo:

— Pernão!

— Pernão! Ganhou! diz-me ella com alguma malicia.

E vejo-me senhor de dezenas de pinhões olorosos.

Depois sou obrigado a dar tres pares dos ditos para o centro da mesa. Chega-me o *rapa* ás mãos. Faço-o girar, òlho com anciedade e vejo esta letra — P — Põe.

Tenho de dar mais um par.

Grande apupada. As creanças querem-me para parceiro. Os demonicos tinham esperança de se encherem de pinhões á minha custa. E eu, estupido, faço girar de novo o *rapa*. O maldito gira como um catavento, mas ao parar, mostra esta letra cruel *D* — Deixa!

Estou contrariado. Sinto-me córado, encavacado.

Virginia acóde com piedade.

— Infeliz ao jogo, feliz aos amores...

— A uns e outros, rósno eu, puerilmente.

— Tem em França quem o âme? volve Mirable.

— E' verdade.

E, logo que pude, fugi para o quarto.

Afinal — isto já é escandaloso — mais uma vez fica adiado o relato do duelo com as tres damas. Mas, na proxima carta, haja o que houver, o farei. A *consoada* portuguêsa é tão original, que não houve meio de evitar esta tagarelice. Castiga-me com egual verbosidade. Dá-me muitas noticias

vossas. Como estás tu hoje, depois da festa? Apósto que estás pensando em te desforrares para o ano que vem? Assim o espero de Deus e, comtudo, estes costumes interessam, encantam, balsamisam as maiores e mais pungentes saudades.

XXI

O campo dum duelo — Os tres lindos inimigos — Condições de combate — A inferioridade da filosofia moderna — S. Thomaz e Santo Agostinho, Spencer e Montaigne, Comte, Littré, Bichat — Mais factos e eguaes duvidas — O Visivel e o Invisivel — A vaidade humana — Lembram-se Milo, Miguel-Angelo e Puget — O psiquismo — Modestia ou vaidade? — As colunas de Hercules e o Cabo das Tormentas — Que é utopia? — Os principios da Siencia — O radium *— A pedra filosofal — O* Orbis vetus *de Ptolomeu — O reino mineral — Os sentidos corporaes — Victor Hugo e Pedro II do Brazil — Materialismo e espiritualismo — O ecletismo e Comte e Spencer — A causa do mal — A reabilitação da Mulher.*

Braga, 27 de Dezembro de 1906.

Minha Mariette:

Sem mais preambulos, vou cumprir emfim a minha palavra.

Nada de digressões. Entra já em scêna o duelo.

Imagina tu uma sala quadrangular, com mêsa

pé-de-galo ao centro. Dois grandes espelhos. Mobilia estofada. Reposteiros côr de rosa sêca. Sobre as mezas lateraes, grandes jarras de porcelana.

Eu enterrado nos coxins dum divan. Ao pé, Gloria numa preguiçosa, Mirable num sofá e Virginia recostada numa poltrona.

Um gato cinzento sobre um tapete com o desdem dos gatos em Portugal, porque são respeitados aqui e em toda a parte como penates.

Mirable está sorridente e é deveras deslumbrante na rijeza muito destacada das fórmas. Virginia baloiça-se. Gloria está seria, quasi agressiva.

Um triplice fluido feminino me enerva. Presinto luta. Anceio pelos primeiros tiros.

—Espero, minhas senhoras, o ataque...

—Vaidoso! diz Mirable.

—Infeliz! ironisa Gloria.

—Vaidoso, infeliz e... guloso, acrescenta Virginia.

—Como quizerem. A força numerica é consideravel.

—Bater-nos-êmos, um a um, replica Gloria.

—E' mais leal.

—Já principío. Começo por este bóte: nego a superioridade da filosofia moderna. Spencer não vai além de S. Tomaz d'Aquino.

—Discordo.

—Porquê? Porque S. Tomaz vem de Santo Agostinho? E Spencer não vem de Montaigue?

—Ora essa, D. Gloria!

—Ora essa?! Mas que tem estudado o sr. Moigénie? Montaigne foi o individualista. Scético e pratico, utilitario. Que outra coisa é Herbert Spencer?

—Mas Comte, Littré...

—Sciencia, método da Sciencia. Nada da solução dum problema.

Bichat assombra. Spencer brilha. Os problemas da vida e da sociedade nem porisso deixam de ser os mesmos, porém...

—Na verdade...

—Porque se move o seu corpo? Porque cessa o movimento da sua lingua? Que quer dizer *nervoso*, sugestão, alucinação? Não o sabemos. O saber de hoje traz mais factos. As causas permanecem nas mesmas trevas. Mas o bem não é ter muitos conhecimentos, é ter muitas provas de conhecimento, embora dum sô objéto.

—Sim, e d'aí?

—D'aí, meu caro senhor, nasce o estudo do fracasso. Porque é que a filosofia moderna é muito rica materialmente e pobre de criterio? Porque é que as hipóteses são tão tenebrosas, tão nubladas, tão vagas sempre?

—Porque lá diz o positivista que não devemos pretender ver o invisivel.

—E quem marca os limites do visivel?

—O bom-senso.

—Engana-se, é a propria vaidade humana.

—Não compreendo.

—Eu tomo a palavra, acudiu Mirable.

—V. Ex.ª é uma escultura. Ai de mim, se o espirito tem essa força olimpica!

—Não tratamos de estatuária, sr. de Moigénie. Milo, Miguel Angelo, Puget, merecem outra oportunidade.

—O que não quer dizer que não seja ilicito um parentesis de idolatria numa batalha de ideias...

—O sr. de Moigénie tem o seu templo *ortodoxo* em Paris...

—Estou vencido, minha senhora.

—Espantou-se o cavalheiro de que Gloria atribuisse o limite do visivel á vaidade humana. Assim é. Augusto Comte foi um sabio prodigioso. Estudou tudo e tudo classificou. Quando foi preciso subir acima do palpavel, pôs um limite e gritou: Parêmos aqui! Porquê? Porque não vejo! Mas ha fenómenos psiquicos. Mas ha prodigiosas manifestações espiritistas. O psiquismo tudo explica. Responde a ancias de seculos. Destróe erros grosseiros. Completa e dignifica a Sciencia. A tudo isto respondia Comte:

Não quero saber do que não é evidente! Comtudo, ha annos, veio o esteroscópio que elle nem sonhava...

—Modestia, Mirable...

—Não, vaidade. Entrado no psiquismo, Comte via que era um ignorante. O Supra-Mundo encerra biliões de mundos.

E essa ignorancia, rudemente denunciada, vexava-o. E' mais facil erguer as colunas de Hercules do que atravessar o Cabo Tormentoso e descobrir novos mundos...

—Mas, minha senhora, as utopias...

—E que é utopia? Hoje é a visão: amanhã é a realidade. Nenhum pensamento de cérebro normal é vão, frivolo, irrealisavel. A vida não produz nada de ficticio. A fantasia mais ardente é um dia a verdade mais positiva.

—O que é certo é que a Sciencia tem principios definidos.

—E depois?

—Toda a verdade tem de referir-se a esses principios.

—E, apezar disso, a Sciencia, caminhando ha

seculos, sofre desmentidos formidaveis ás vezes de chofre...

— Desmentidos?!

— Que significa o *radium*, sr. de Moigénie? Não será elle a célebre pedra filosofal tão ridiculisada por dezenas de gerações?

— Sim, o *radium*...

— E o mais que ha-de descobrir-se. Descobriram-se novos continentes. Estão todos descobertos? Porque? Não se julgou durante seculos que a Terra era só o *Orbis vetus* de Ptolomeu?

— Efetivamente.

— E só no reino mineral quantos corpos ainda desconhecidos?

— Decerto.

— Não é hoje assente que temos seis sentidos em vês de cinco?

— Sem duvida.

— E agora tomo eu a palavra, clamou Virginia.

— Por piedade! Vem ao menos defender-me?

— Não, batê-lo, se Deus quizer.

— Querem então matar-me?

— Longe de mim tal prazer...

— Exatamente como disse Victor Hugo a Pedro II do Brazil.

— Não, mas como diz uma mulher portuguêsa a um cidadão de Paris...

— Oiçâmos, pois, resignados.

— O fracasso da filosofia moderna é evidente. O que temos hoje é mais factos. O estudo da casualidade está tão adiantado hoje como 500 anos antes de Cristo. Os modernos oscilam constantemento entre Epicuro e Sócrates. Mais nada. Buda, Cristo, Sócrates desse lado, e do outro, Epicuro,

Lucrecio e Aristóteles. E' o eterno antagonismo. Como solução eclética veio, nisto, Comte. Littré aperfeiçoou esse ecletismo. Spencer enriqueceu-o e valorisou-o. Mas nada de novo para a vida espiritual. O pensamento, o sentimento, a vontade, ficaram nas mesmas trevas genésicas.

—E' porque é imposivel...

—Impossivel o quê? Ver, estudar, subir acima do que nós só queremos admitir? Porque é que nos sujeitamos afinal a um limite cruelmente estreito? Mas isso já não é comigo. O que vou dizer-lhe é à causa unica dessa impotencia vaidosa que teme procurar o Desconhecido com medo de ver mudadas as bases que atribúe ao Conhecido.

—Que causa é essa, D. Virginia?

—E' simples e clara, é a absurda hostilidade do homem contra o homem na pessôa da Mulher...

—Como?

—Pois não vê? A Mulher escrava é o sentimento humano ferido no coração. Ora que pensameuto póde haver sem sentimento? Onde estão a pureza e a elevação das ideias, a modesta abnegação, o santo entusiasmo que descobre mundos, continentes, estrelas?

—Ora, na época das descobertas maritimas...

—A mulher era escrava, mas tambem era rainha. A gentil cavalaria ainda a divinisava. Veja Camões. Lá tem Natercia. Veja o Tasso. Lá tem Laura. Veja o Dante. Lá tem Beatriz, e elle vive ainda bem na Idade-Média.

—Então, D. Virginia, a sua opinião...

—E' que a reabilitação da Mulher é o segrêdo duma filosofia nova e gloriosa. O espiritualismo vence o materialismo, porque o amor dá a

mão á Justiça. O homem sem a Mulher póde cavar a Terra, mas não lhe vê as entranhas.

E, Mariette, eu não soube que responder. Que dizes tu a estas paladinas portuguêsas tão longe de Paris e tão proximas do futuro da Humanidade? Conseguirias esgrimir com estes pulsos d'aço, com estas linguas de prata fina?

XXII

Fim do ano de 1906 — Viana do Castelo, um Eden — Barcelos e a ponte sobre o Cávado, Vizela e o seu vale, Guimarães e o seu castelo, Santo Tirso e o seu clima, Famalicão e a sua paz — Viana com ares de grande cidade — A alegria unica do seu Sol — Caminha, a açucena — As mulheres de Viana — O rio Lima — Diogo Bernardes — Gesner e Tompson — A foz do Lima — O monte de Santa Luzia — Panorama esplendido — Viana, rival de Braga — Jornalistas — Ana de Darque — Lourdes, Roma, Jerusalem — Chateaubriand e Lacordaire — Um misterio — O dia de S. Silvestre em Viana — A portuguêsa sempre saudosa — Camilo Castelo Branco e o seu paradoxo — O cicerone *do castelo de Guimarães — A Historia de Portugal e os seus Froissarts — Lição eloquente duma senhora ignorante.*

Viana do Castelo, 31 de Dezembro de 1906.

Querida Mariette:

Morre hoje um ano, o de 1906. Vê-lo-ei morrer num verdadeiro Eden. Porque esta cidadesi-

nha é um Eden: a luz mais clara sobre as flôres mais capitosas. Estou no Alto Moinho. Venho de contemplar trechos deliciosos da Natureza. Vi Barcellos, vila curiosa, com uma ponte de pedra sobre o Cávado, rio largo, forte, de margens pitorescas. Vi Vizela, termas duma poesia discreta, joia sepultada num vale onde a vegetação sorri regada por torrentes. Vi Guimarães, antiga, ruelosa, mas de cintura de flôres, com um castelo historico a defrontar o horisonte engalanado sempre de florescencias exuberantes. Gozei a paz, a doçura e o extasis do clima de Santo Tirso, vila modesta e limpa, uma especie de minhota abastada a pentear e a lavar os filhos nédios.

Famalicão, calma e sádia, tambem me demorou umas horas.

Depois, tomei o comboio para Viana. Nunca supuz isto. Viana é uma cidade pequena mas com molduras de grande. A ponte elegante sobre o Lima, os caes, a amplidão das estradas — e a de Ponte do Lima, muito povoada, é uma verdadeira avenida — dão-lhe um aspéto lisboêta, qualquer coisa do que vai de Algés a Cascaes.

A alegria do sol nesta cidade é unica de fulgor. Em parte nenhuma a luz fulge tanto. Nem em Caminha, vila encantadora que dá ideia duma açucena poisada á beira do caudal rispido do rio Minho que ali, mostrando defronte La Guardia, na Galiza, vai desfechar com energia no azul do Atlantico.

Depois do sol, o que ha em Viana de incomparavel são as mulheres.

Fortes e esbeltas, de vestuario pitoresco, carregadas d'oiro e de saúde, a gente sente-se namorado dellas sem querer, não podendo dominar-se

no entusiasmo por aquela carne firme e sanguinea, por aquelles ólhos dum veludo magnetico, por aquela pompa de esposas dum rajah indiano.

Não tenhas ciumes, Mariette, mas as mulheres de Viana são todas assim e, pela impossibilidade de as amarmos todas ao mesmo tempo, a gente acaba sempre por não amar duradoiramente nenhuma.

O rio Lima é um desses rios da lenda que ficam dentro de nós com as suas águas, como um santuario com as suas pratas.

Duma serenidade divina, largo, limpido, de margens edenicas, nada me admira que um grande poeta português, Diogo Bernardes, lhe consagrasse um livro que dizem exceder os de Gesner e Tompson.

Beijando amorosamente Viana, que se alteia em suave amfiteatro, o lindo rio vai ao mar pouco adiante numa curva tão lasciva, que lembra o flanco duma deusa que vai dar á luz ondas, pérolas, espumas...

Mas donde tudo isto é magico, é do alto de Santa Luzia, embrião dum Santuario que, a meu vêr, ha de pôr de parte o proprio Bom Jesus de Braga.

Imagina tu um monte bastante alto e ingreme, por onde trepa, torcicolosa e já marginada de *chalets*, uma estrada muito pitoresca. O ar vivo e liberrimo é acompanhado, na subida, por um progressivo resplendor luminoso, porque o sol parece clarificar-se em Viana, sempre que a gente sóbe a uma elevação. A subida, assim grata, dános um grande planalto onde se ergue um hotel belo e onde fica o pequenino Santuario.

Depois, é olhar para a cidade e ficar exta-

siado. Viana lá está em baixo, muito branca, muito gentil, muito serena. Até ella vai um trono de flôres, de folhas, de perfumados troncos generosos. O Lima, vasto, claro, magnifico, scintila deante della e a nossa vista segue-o com amor e vê-o chegar á foz onde o Mar, colossal e rutilo, o recebe como um avô secular ao netinho galhardo que vem de cantar pelos prados e pelos bosques.

Quando este local tiver um parque, e esse parque fica esplendido, Braga terá em Viana uma rival poderosa. E' que o Bom Jesus com todas as suas maravilhas nunca pode ter este encanto: o contraste delicioso dum rio e do mar com a pompa em flôr da terra do Alto Minho.

Ha aqui jornalistas de valor. Um delles, de nome Trigueiros, quiz ir para Lisboa onde tem um logar distinto, e, antes de partir, recomendou-me a varias pessoas gradas.

Entre estas, ha uma dama. Chama-se Ana de Darque. E' formosa, mas muito grave, quasi triste. Frequenta os templos com paixão, acompanhada sempre por uma creada velha, bondosa como a Baba de Voltaire.

Conversamos muito, mas, se pretendo abordar o feminismo, Ana de Darque sorri e muda de conversa. O seu prazer diléto é falar-me em Lourdes, em Roma, em Jerusalem. Conhece o itinerario de Chateaubriand. E' fanática pelo nosso grande Lacordaire.

Amanhã vamos a Valença, Ana quer ser da companhia. Espero resolver aquelle misterio dolorido da sua vida. Suspeito que ha um grande drama naquelle olhar húmido e acerado.

Tenho visto por aqui muitos portuguêses do sul e do centro do país. Viana é uma cidade ado-

rada em todo o Portugal. A estas horas estraleja uma sinalhada que lembra os vibrantes carrilhões de Braga. E' o *Te-Deum* do fim do ano. O dia de S. Silvestre leva os vianenses á egreja numa prece de *boas entradas*. Passam já as familias solenes cheias de compostura e desenxovalho. Mais uma vez: que lindas mulheres estas!

Entretanto, á minha esquerda, numa casinha de neve, á varanda, entre verduras de vasos de madeira, uma rapariga d'olhos enormes e seio de marmore canta com uma doçura apaixonada de napolitana.

Se não me engano, chora. As pérolas das lágrimas refulgem ao sol quente e meigo. Que terá ella?

Não lh'o pergunto, mas já o adivinho. A portuguêsa é um sacrario de saudades. O ano de 1906 que morre, talvês ferindo-a com deceções e desgostos, faz-lhe pena de tão moribundo que está. E a linda rapariga não esconde os seus sentimentos. Pura e sincera como a bela Natureza do seu país, desentranha e desabafa a sua dôr.

Oh! feliz, tres vezes feliz ella que não conhece as praxes e hipocrisias da vida civilisada! Só agora desculpo aquele paradoxo estranho de Camilo Castelo Branco em ver a felicidade na extrema ignorancia, no analfabetismo.

Em Guimarães conheci eu uma linda senhora ignorante que me bateu em simples conversa, olhando ambos para o campo, hoje cultivado, de S. Mamede onde Afonso Henriques derrotou sua mãe, a bela Tareja.

Eu ouvia ao *cicerone* a sua arenga monotona e notava, por ella, que a Historia de Portugal, se tem o seu Carlos Magno e os seus Pares de durin-

dana olimpica, tambem possue Froissarts lendarios, cheios d'alma pitoresca e até anacronica.

Sorria-me, pois, ironico á viva torrente da eloquencia do cicerone. Neste lance a linda vimaranense, que estava perto com seu pai, um ancião herculeo, perguntou-me com desassombro:

— O senhor sabe lêr?

— Sim, minha senhora.

— Pois não o parece.

— Minha senhora!

— Não se ofenda. Eu não sei ler. Mas, se não leio nos livros, leio um pouco nos corações.

— Não comprendo...

— Não vê a magua que fica no olhar do pobre homem, ao vêr-se escarnecido pela sua ironia irreverente? E porque se sorri o senhor? Porque elle troca datas e nomes? Mas que importa isso?

— Perdão, é importante.

— Importante? Que lhe importa mais — saber que teve, ou tem mãe, lembrar-se dos seus beijos, palavras e canticos, ou conhecer á certa o ano, o mês, o dia, a hora, em que ella nasceu?

— Mas decerto que o segundo ponto é somenos...

— Pois o *cicerone* é a voz dum amor, duma paixão de seculos.

— E V. Ex.ª não sabe lêr?!...

— Mas sei ouvir ler.

E retirou-se com o pai.

Que portuguêsas!... Mas esta vai longa. Até breve.

XXIII

Valença: parte antiga e parte moderna — Valença como fortaleza — Portugal combatido, mas nunca vencido — Se o exemplo da Suissa e da Holanda fosse aproveitado... — A bravura portugueza — Uma orografia estrategica — A ponte internacional — A Galiza e o Minho — Contrastes — Conversa com Ana de Darque — Doença d'alma e saude do corpo — Duvida incoercivel — Rigorismo e não pessimismo — A verdade só no Imaterial — Misticismo? Beatismo? — O melhor noivo espiritual — Sentimento e tormento — Os desgraçados — A lição da meditação — A sinceridade — Deus e a Luz, o Éter, o Movimento — O amor trivial — A velhice triste — A familia ideal.

Valença, 2 de Janeiro de 1907.

Minha Mariette:

Chegados aqui, logo depois d'almoço, fomos ver a vila, parte antiga, porque o hotel é na parte moderna, que é bastante ampla e limpa.

A velha Valença é, como todas as praças de guerra em Portugal, um pequeno labirinto de ruasinhas negras e tortas.

Mas não é uma fortaleza real. Com os progressos terriveis da guerra, Valença, por mais bem guarnecida que fôsse, rendia-se, desmantelada, poucas horas depois do primeiro fogo.

Não o pensam assim os valencianos que contemplam com confiança absoluta os velhos canhões da praça. O português do Norte tem uma crença fanatica na sua invencibilidade.

E' aforismo corrente este: *Portugal combatido, mas nunca vencido.*

E, apezar de Toro, do dominio dos Filipes, das invasões francezas, o português tem razão. Se este povo tivesse uma guarda nacional como a Suissa e uma progressiva e forte marinha como a Holanda, seria devéras inexpugnavel. A bravura portuguêsa, muito mais firme do que a espanhola, tão brilhante como a francêsa e tão sofredora como a alemã, encheu de grandes prodigios a Historia Universal.

Depois, este trecho de terra tem uma orografia verdadeiramente estrategica. A cada passo, uma fortaleza natural. Excelentes abrigos para terriveis guerrilhas. Muitos pequenos portos d'abrigo. Se os governos favorecessem as condições naturaes, Portugal seria uma especie de Suissa maritima.

O que ha em Valença de grande é a ponte internacional sobre o forte rio Minho. Do lado de Espanha, negrejam os logarejos da Galiza, tão linda e tão suja. Tuy, cidade velha, ingreme, cinzenta, afronta-nos como um escandalo de pez. E' que a Galiza, tendo a mesma paizagem do Minho, não tem a neve, a graça, a alegria dos casaes portuguêses. No rápido passeio que dei a Tuy, vi que até as máquinas dos comboios são mais negras,

parecendo não ter os brilhantes metaes dos comboios portuguêses.

Tudo, mais pesado, mais sujo, mais baço.

Na ponte conversei afinal muito com Ana de Barque. Tinhamos parado todos a admirar o panorama. Ella, por acaso afastada, notou que eu me aproximava e sorriu.

Quanto a mim, enleiado, fitava-a sem saber como dar começo ao meu inquerito.

—Foge muito da companhia, sr. de Moigénie, disse ella afinal.

—Exatamente como v. ex.ª

—Mas é que eu sou assim. Não tenho alegria, não tenho saúde.

—Saúde? Mas tudo em v. ex.ª diz o contrario. E, sendo sádia, porque ha-de ser triste?

—Sabe que a saúde do corpo nem sempre é acompanhada pela da alma.

—Talvês.

—Decerto. Póde haver um bom estómago e um pessimo coração.

—Está v. ex.ª nesse caso?

—Provavelmente.

—Pois não tem a certeza?

—Não, não—acudiu ella com vivacidade. De que temos nós a certeza no mundo? Amam-nos? Quem? Não é tudo egoista e mesquinho? Onde está a abnegação? Encha d'amor uma existencia e sujeite-a depois á fóme. Verá que ódio nasce da miseria, que traição brota da angustia. Quem me diz que minha mãe não me teria vendido por um trono de rainha?

—Oh! que pessimismo!

—Diga antes, rigorismo. A vida humana é uma contingencia fundamental. Dependemos do

ar, da luz, da agua, do sangue. A nossa consciencia governa só depois do nosso temperamento, e assim o nosso coração. Que sabemos, emfim, nós dos outros, se não nos conhecemos a nós mesmos?

—Mas v. ex.ª é devota...

—Porisso mesmo, sr. de Moigénie. A verdade só póde estar no imaterial, no que não depende do sol, da agua, do sangue, da carne, da terra. Alguma coisa vive dentro de nós que se ergue acima do temperamento. Esse algo, quando livre, faz-nos esquecer toda a dor, toda a vergonha intima, toda a angustia do coração. Porque não nos elevaremos assim á paz infinita, sofrendo e rezando, pedindo a ruina da carne para sermos como um fumo branco e puro a flutuar sobre o pavoroso incendio de tantas paixões?

—Mas isso é o misticismo!

—Que importa o nome? Chame-lhe até beatismo. Não é o farisaismo, a ostentação de virtude e fé. Oh! não! E' a dor, é a duvida, a ancia, o esforço de ver o Invisivel, de tocar o Intangivel, de sermos dignos de Deus, do Perfeito, do Absoluto.

—Onde aprendeu isso, minha senhora?

—No coração dum seminarista.

—Já o supunha. Algum ingenuo teólogo...

—Como se engana! Esse moço não é um bonzo, é um mártir. Vou dizer-lhe tudo. Amamonos. Saiba tudo: nunca nos possuimos. Ouvi-o prégar um dia. Chorei de o ouvir. Porquê? Porque elle não impunha dogmas; desabafava torturas. Compreendi-o e amei-o. E, de então por deante, somos dois noivos espirituaes. Sabemos ambos que neste mundo não ha templo onde seja possivel o nosso casamento. Se elle não fosse seminarista, ainda mais impossiveis eram os nossos desposorios.

Porque o é, é que elle melhor póde amar-me, porque mais perto está do sacerdote que ha-de casar-nos —Deus. E onde? Na Eternidade.

—Minha senhora, que estranho sentimento!

—Diga antes que estranho tormento! Escandalisa-os devotos e faz sorrir os impios. Só nos compreendem os desgraçados.

—E são tantos, D. Ana!

—São quasi todos os que vivem. A desgraça é a vida terrena. Vimos da vida inferior, constantemente subindo para a mais perfeita. Neste progresso paramos na Terra e quantas vezes aqui, em vez de progredirmos, retrogradamos!

—Mas, minha senhora, quem lhe ensinou tudo isso?

—A meditação.

—Como?

—Dentro da sinceridade.

—Ah! minha senhora, despertou uma voz intima, que ha bem anos, me chama dentro do coração...

—A voz de Deus.

—Crê em Deus?

—Como na Luz, como no Eter, como no Movimento.

—Estudou muito?

—Meditei sempre o que leio.

—Sofreu algum grande desgosto?

—O maior de todos, nunca amar como toda a gente. O amor trivial, fecundo, humano, sereno, é a unica felicidade na Terra. Mentiroso e efemero, incompleto e até ridiculo, comtudo, nos minutos que aqui vivemos, parece ventura suprema, por mais lagrimas que encham sempre a existencia mais tranquila.

Ora esse amor nunca o conheci. Achei-o sempre estreito e frivolo. Pareceu-me sempre excessivo de egoismo, de inconsciencia, de *fatalidade.*

Vem da materia como a pétala, como a carne, como a água, como o sangue. Impele-nos, empolga-nos, domina-nos, e cá dentro fica, mais ou menos adormecido, sempre o mesmo desejo insaciado de infinito. A felicidade está em esquecer isto. Mas consegue-se? Não. Vem da velhice. Porque é que andamos tristes? Não deviamos viver satisfeitos por termos cumprido o que parecia ser a nossa missão? Porque lamentamos a perda da juventude e da beleza, se as gozámos até á saciedade? E' que, tudo saboreado, conhecemos que o nosso fim é outro. Ha um hidromel eterno que nunca provámos. Perdemos tempo, bebendo o licor banal sem darmos um passo para o Eden perpetuo.

—Condena então v. ex.ª a familia?

—Não. Condeno o preconceito. Desejaria a humanidade perpetuada por existencias d'almas francamente irmãs. Não quereria uma praxe, um contrato, uma *conveniencia.* Almas livres dentro de corpos que fossem das almas incorrutiveis sacrarios.

—Encantadora utopista!

—Talvês. Mas, seja como fôr, vê bem que sou religiosa por sinceridade, triste por meditação, estranha por convicção. Quando me vir de joelhos diante do Cristo, não julgue, pois, que está de rojo uma mistica: óra, sofre, anceia, um espirito exilado, como é o seu, como o de todos.

Não consegui replicar. Não é verdade, Ma-

riette, que esta filosofia acusa nas portuguêsas um trabalho mental de primeira ordem? Qual será o futuro da Humanidade, se estas lindas evangelistas conseguem destruir com tanta luz o Existente?

XXIV

O inverno de Portugal — De Valença a Melgaço e a Chaves — Os campos de Chaves — Bragança, Pedras Salgadas, Vidago, Gerez, Vila Pouca d'Aguiar — Mirandela e a sua ponte — Provincia montanhosa — O transmontano e o espartano — A sociedade de Bragança, Mirandela, Moncorvo, etc. — D. Ventura e Bocage — Uma feminista — Vila Real e o Marão — A vida aqui — Uma miniatura da Avenida da Liberdade — As senhoras — Desdem de Vila Real pela Regoa e por Lamego — A Grandeza do Governo Civil — O Governo Civil mais do que o Bispado — Vila Real e Bragança e Miranda do Douro — Um dialeto curioso — Vida inteletual — Imprensa — Violencia jornalistica — Indole do vilarealense — Ainda as damas — Camilo, Montepin e Dumas — O piano: fádos e recitativos — *Uma valsa nova... que é velha — Excesso de silencio — O amor da Virgem — Dôr a fingir — Conversadores — Um tripeiro e um lisboeta — Descredito de París — Arrabaldes — Panoramas — Camponezes — Ermidas — Auvergne e Pirineos.*

Vila Real de Traz-os-Montes, 18 de Janeiro de 1907.

Adorada Mariette:

Que silencio o meu! E, todavia, que tropel de impressões!

Portugal é um país deveras extraordinario. Chega a estontear, a alhear-nos um tanto das maiores saudades.

Paizagens, costumes, e até clima, variam assombrosamente, embora estando em pleno inverno, mas com encantadores dias de sol, nunca sinta aqui os gêlos de París ou os nevoeiros de Londres.

De Valença fui a Melgaço e, entre serras tomadas de neve, cheguei á vila de Chaves, entrada de Portugal para Traz-os-Montes.

Chaves é uma povoação antiga, historica. O Tamega, com a sua ponte romana de 18 arcos, dá-lhe uma graça magnifica e os campos visinhos têm uma fertilidade e planura serena, que lembram os pastos da Holanda. Estive em Bragança, cidade velha, triste, mas sadia. Vi Pedras Salgadas, Vidago, Gerez, em viagens sem plano, a capricho das minhas notas. No Gerez assombrou-me a côr alpestre, a severidade germanica da serra, a riqueza rugidora das aguas, com as suas termas tão milagrosas nas doenças hepaticas.

Pedras Salgadas e Vidago são dois jardins perdidos entre alcantis. Ha uma estrada imponente, com uma das maiores rétas que tenho visto, até Vila Pouca d'Aguiar.

Dei uma fugida a Mirandela. E' um lindo amfiteatro á beira do Tua com uma ponte lindissima com 18 arcos, como a de Chaves. E' pena a falta de aguas potaveis. São originaes os seus alamos, pretos, ou *lagomeiros*, como diz o povo.

A provincia é, como o nome o diz, montanhosa por excelencia. As serras, ásperas, pedregosas, calvas. Tudo melancólico, forte, austero.

Vales deliciosos, mas a casaria escura. Nada da alegria vibrante do Minho. O povo robusto,

sincero, energico. Lembra os espartanos até na frugalidade admiravel.

Em Bragança, Mirandela, Moncorvo, etc. sociedade polida, damas ilustradas, verbosas, algumas mundanas devéras. Em Mirandela conversei horas seguidas com D. Ventura, senhora que recitava com graça cantante esta quadra de Bocage:

Eu antes quero
Muda expressão:
Os labios mentem;
Os ólhos, não.

D. Ventura, extremamente simpática, falou-me com grande entusiasmo das grandes feministas de França. Lê muito, lê *tudo*, diz ella, olhando com certa piedade para duas damas de Mirandela que, junto de nós, ao ouvirem falar em Paris, perguntaram logo se os ultimos chapéos eram de feltro ou de palha.

Depois de zig-zaguear em cavalo e em diligencia pelos pontos principaes da provincia, vim ter a esta vila, alegre, arejada, progressiva.

Está num planalto, sobre o rio Corgo. E' toda plana. O horisonte é vasto. Perto do Marão, serra áspera e nevosa, sorri, alvissima, a Lamego, que negreja muito longe com o seu castelo pardo e arruinado. Atribuem a sua fundação ao rei D. Diniz.

A vida é monotona, mas desafogada. Não se come mal.

No coração da vila rasgaram uma miniaturasinha interessante da Avenida da Liberdade de Lisboa.

As senhoras não são de grande beleza, em-

bora algumas excecionalmente formosas. Os homens, fortes, enfaticos, simples, decididos.

Vila Real não só desdenha do Peso da Regoa, como da propria Lamego. A causa é evidente. Nesta vila tem a sua séde um governo civil. Ora um governo civil dá suprema força e prestigio a uma povoação. Debalde Lamego impõe o seu bispado. Villa Real é revolucionaria e positiva e sabe que o governo civil tem mais empregados que no bispado.

Esta grandeza chega a ser assunto das conversas dos vilarealenses. Esperam para a sua terra um futuro enorme. Abérta a via ferrea para a Regoa, Vila Real tocou o auge do legitimo orgulho. E' uma verdadeira cidade, dizem os habitantes. E, efetivamente, ha cidades inferiores. Bragança não vale mais. Miranda do Douro, onde, por sinal, se fala um dialeto curioso, vale infinitamente menos. Em Miranda do Douro—já que falo no dialeto mirandês—toda a gente diz *bostra senhorença* em vez de *vossa senhoria*...

Ha por aqui alguma vida inteletual. Lêem-se muito os jornaes de Lisbôa e Porto. A vila tem uma imprensa sofrivel.

Como em quási todas as cidades provincianas, o melhor jornal é o que mais forte e feio castiga a politica e os costumes.

Assim, lêm-se artigos violentos em que o adversario é brindado com os terriveis nomes de burro, camêlo, e outros bichos sem credito mental. A alguns chamam despejadamente... porcos.

Mas, no fundo, o vilarealense é bom, generoso, cortez. Tem uma certa tendencia para a altaneria, mas sem o ridiculo pavoroso dos castelhanos, sem a solenidade áspera dos aragonêses. As

damas não chegam a ser frivolas, porque são duma lhaneza verdadeiramente transmontana. Ha, comtudo, exceções. Algumas dellas, lidas e sabidas, bedelham com vivacidade em politica e letras.

Mas não se abalançam ainda á larga filosofia.

A sua paixão é pelas novelas de Camilo, quando se enfastiam de Montepin e Dumas, de Terrail e Richebourg.

Quasi toda a menina toca piano. O mesmo sucede nas principaes povoações portuguêsas. Em Vila Real abusa-se dos fados, aliás deliciosos, e dos *recitativos*.

Hontem, visitando eu uma familia, vi que uma menina de 18 anos corria esbofada para um canto da sala.

— Alguma novidade? perguntei á mãe.

E ella, sorrindo:

—E' uma valsa nova.

Com efeito, bamboleando-se sentimental, a menina feria de leve um teclado. A valsa não era nova, mas parecia-o, pelo pouco que se percebia, apezar do geral silencio.

Depois, a mãe pediu ainda maior silencio, apezar de ninguem respirar.

E a menina arrancou do peito um grito que me fez tremer. Cantava. Foi estupenda. Gritou e surdinou a seu capricho, fazendo chorar toda a assistencia.

— E' o Amor da Virgem — explicou a mãe, arrebatada.

E, a seguir, a pianista ergueu-se triste e foi sentar-se a um canto, debulhada em lágrimas.

Fiteia-a. Tinha uma carne sadia. Soceguei. Aquella dor, felizmente, era a fingir.

Depois, veio a conversa. Um grande nego-

ciante falou das suas viagens. Conhecia tudo. Já estivera em Braga e no Pinhão. Tudo muito atrazado. Vila Real, sim, é que ia na vanguarda do Progresso.

Já estivera em Lisboa. Enchia-lhe as medidas. Andava a ver se ia até S. Tiago de Compostela.

Interrompeu-o outro homem, pálido e magro. Natural do Porto, detestava os grandes centros. A saude só na provincia com boas aguas e bons ares. Disse isto e poz-se a fumar como uma chaminé ao fim da tarde.

Entretanto a dona da casa perguntava-me por Paris. Julgava ser uma cidade com as ruas todas de 20 kilometros de comprido, palacios maiores de que o Vaticano, teatros enormes onde coubessem 100:000 pessoas.

Posta ao corrente da realidade, declarou que então pouco menos do que Paris é Vila Real. E desatou a rir, argentina de gargalhadas.

Francamente, nada de espiritual n'aquela sala. Um empregado do Governo Civil, que viera de Lisboa, disse umas anedoctas garotas e fez fogo amoroso sobre varias meninas. Uma dellas, gorda, alta, desênvolta, gostou do atrevido e aproximou delle a sua cadeira. Acharam todos muita graça áquelle desenxovalho e o lisboeta, radiante, disse banalidades de arte e sciencia barata á dama que, boqui-aberta, o admirava.

Todavia, em geral, a vida, honesta, simples, afétuosa. Vila Real civilisa-se pela rama sem que o progresso a envenene no coração. E' esta uma sincera verdade.

São belos os arrabaldes. Não ha a vegetação triumfante do Minho. O Marão gelaria todas essas flores.

Mas os panoramas amplos são frequentes. Ha grandiosidade, variedade, originalidade, nas paisagens.

O aspéto dos camponezes é pitoresco de simplicidade. As egrejas são esplendidas de singeleza e fé. Ha ermidas encantadoras· Serras de quebradas melancólicas, despidas, mas poeticas, abundam nas cercanias. E nestas serras ha fartura de capelinhas donairosas, caiadas, que o sol beija com amor e a lua unge com paixão.

Não é isto Auvergne: é mais qualquer coisa dos Pirineus. Em Auvergne ha a alegria do Alto Minho: em Traz-os-Montes ha a severidade triste da grande espinha pedragosa que liga a Peninsula á base da França.

Mariette, vou tomar o comboio para a Regoa. De lá irei ao Porto e Pampilhosa, e d'aí espero entrar na Beira Baixa.

Demorarei a carta, porque vou viajar um tanto de fugida. Preciso de estar em Lisboa em Março e ainda quero ver a Extremadura, o Alemtejo e o resto do Algarve. Viagem sem plano fixo, conforme incidentes varios de natureza especulativa, que te não interessam, é preciso conclui-la depressa para que se não demore muito o dia em que espera abraçar-te, embeber-se no teu dôce e magnifico olhar o teu

XXV

Um repoiso de dois dias — No coração do Alemtejo — A Batalha — A alma de Nuno Alvares — A Batalha, os Jerónimos e Mafra — Alcobaça — O Bussaco e Aveiro — A batalha do Bussaco — Aveiro, um escrinio — Os varinos — Mafra, Torres Vedras, Alcochete — Os pescadores de Peniche e os de Algés, Trafaria e Paço d'Arcos — A Beira-Baixa e a Beira-Alta — A Serra da Estrela — Pinhel, Guarda, Covilhã, Castelo Branco — A deliciosa vista de Alpedrinha — Aldeia-Galega e Vila Franca de Xira — Tomar e Pombal — Setubal, 5.ª cidade do reino — Laranjas e tangerinas — A Arrabida, o Bussaco da Extremadura — O Alemtejo — Nota geral — Lembra-se a alma de Candida — Estremoz e Evora — O tipo alemtejano — Os homens e as mulheres — Damas de Evora — D. Evangelina e a sua irmãsinha.

Evora, 19 de Fevereiro de 1907.

Querida Mariette:

Repoiso emfim dois dias. Estou no coração do Alemtejo, depois duma vertiginosa e ataba-

lhoada viagem que nem sequer teve o confuso plano que se deduzia da minha ultima carta.

Assim foi que, em idas e vindas, subindo e descendo, mais ao sabor da fantasia do que obedecendo a um sensato itinerario, e tambem segundo a necessidade imperiosa de falar com varios individuos predominantes na vida industrial portuguêsa, eu fui á Batalha, e a Leiría, quando tencionava tomar o caminho da Beira Baixa.

Não tenho palavras para te descrever a Batalha. E' o monumento mais completo da arte portuguêsa. Os Jerônimos, tão maravilhosos, teem um cunho de cosmopolitismo, aliás tão peculiar de Lisboa. A Batalha, não. Parece, em pedra, a alma de Nuno Alvares Pereira, o Santo Condestabre.

Dum estilo integro, admiravel de linhas austeras, este monumento domina como uma declaração solene de vida livre. As capelas imperfeitas, com o seu ar de grandes ruinas, lembram um pensamento enorme, cortado de subito por um espanto. Não imaginas a rigidez poderosa daquella arte a dizer tudo da alma dum povo que, por então, talhava o seu territorio ainda, porque lh'o ameaçava um inimigo poderoso que se julgava forte para o empolgar, ou, pelo menos, reduzir. O grande monumento é uma voz. Que diz ella? Sou livre! ao passo que o convento dos Jerónimos diz: Sou grande! e o de Mafra: Sou rico!

Tambem vi Alcobaça, monumento precioso, fradesco, da ordem de S. Bernardo, de bela arte egualmente. Não deixei ainda, a seu tempo, de ver duas joias da terra de Portugal: o Bussaco e Aveiro.

O Bussaco é uma Cintra agreste, severa, admiravel. Trépa hoje por aquella escarpa já muita arte. O seu valor, porém, está no que tem de silvestre, quási selvagem. Os panoramas são esplendidos. O alto da *Cruz Quebrada* tem a grandeza dum miradoiro que topeta com o céo. Na mata, que foi dos monges de S. Bento, fundaram os carmelitas em 1629 o atual e visitado convento. Foi neste monte que as tropas do nosso Massena fôram batidas por um punhado de recrutas portuguêses. E' uma gloria para este povo o dia da batalha do Bussaco. Quanto a nós, é o crepusculo da grandeza de Napoleão. Respeitêmos Portugal nos seus triunfos. A França tem loiros de sobejo para ter vergonha de confessar um grande desastre como o que aqui ufana um povo.

Chamei joia a Aveiro. E'-o por tudo, pela bela situação, pela doçura do seu Vouga, pelo encanto da ria, pelo ar lavado do seu aspéto. Mas, se lhe chamei joia, eu deveria chamar-lhe antes escrinio, pelas joias preciosas que são as suas mulheres. Nem em Viana, nem nos arrabaldes do Porto, nem nas melhores salas de Lisbôa, ha mulheres que se lhes comparem.

E este belo tipo vai para Ovar e Ilhavo em constante exibição da plastica mais firme, mais radiosa, mais elegante. A capital tem uma linda colonia de *varinos,* (os habitantes de Aveiro e região adjunta) e concorre ella, muito e muito, para a nota pitoresca das suas alegres ruas.

Na Extremadura vi, além de Mafra, Torres Vedras e Alcochete, ás portas de Lisboa, a singular terra de Peniche, triste, cheia de pescadores apáticos, com ar de sonambulos, e tão diversos dos que estão mais perto de Lisboa, como os de Al-

gés, Trafaria e Paço d'Arcos, verdadeiros leões do mar, bravos, energicos, ativos.

A Beira Baixa é como que o exagêro da Beira Alta. Os relevos orograficos são mais acentuados, como os traços duma fisionomia mais rude. Grandes torrentes, grandes serras, vales fundos, tudo isto vomitando rios e riachos — o Mondego, o Alva e o Zezere são naturaes da Beira Baixa — parece fazer o pedestal acidentado dum grande trono de penedia — a Serra da Estrêla.

Esta serra é o Alpe lusitano. Tem duas lagôas, quebradas, rudes e fragosas, aspetos deveras grandiosos. O sanatorio dos tuberculosos eguala, em condições d'ar, o que ha, no genero, na Suissa.

Na Beira Baixa ha povoações interessantes. Pinhel é triste, pequena, estacionaria, mas original de aspecto. A Guarda é um pequeno burgo que mostra querer progredir, está na fralda da serra da Estrêla perto, da nascente do Mondego. Tem uma imprensa átiva. José Augusto de Castro, diretor dum jornal — *O Combate*, é considerado distinto poeta e polemista.

A Covilhã, de aspeto encantadoramente amfiteatrico, é uma cidade ativa, eminentemente industrial. Mais do que o Porto, merece o nome de *Manchester portuguêsa*. Está situada em lindo amfiteatro, perto do Zezere, e em sólo uberrimo, duma vegetação poderosa.

Lamentei só o pessimo estado das ruas. A limpeza municipal é inferior á de qualquer *village* dos nossos departamentos do Sul. De tudo, porém, nos compensa, na Beira-Baixa, o giganteo e belo panorama de Alpedrinha. Que horisonte! que matizes! que visos extraordinarios!

Demorei-me pouco em Castelo-Branco cuja

fisionomia têm pouco de original e onde notei qualquer coisa de espanhol, além dum castelo antigo e duns muros arruinados.

Aproveitando febrilmente o tempo, parei em Aldeia-Gallega, defronte de Lisboa, atravessei o Tejo a admirar a alegre e aceada prosperidade de Vila Franca de Xira, arrabalde da capital, e no dia seguinte tomei na grande estação do Barreiro o comboio de Setubal, mas isto tudo depois de admirar antes, embora de fugida, ao pé do Nabão, Tomar com o seu convento de Cristo e Pombal, pequenina, lembrando o Marquez celebre.

Setubal é hoje decerto a 5.ª cidade portuguêsa. Tem 30:000 almas. Monumentos notaveis, só o Convento de Jesus do tempo de D. João II.

Bastante grande, com avenidas modernas, comercial e industrial, a sua bahia é simplesmente encantadora. Um lindo rio, o Sado, desagúa ali, como um grosso fio de prata entre laranjaes em flôr, que os ha deliciosos em Setubal. Foi a patria de Bocage a quem levantou uma estatua. E as laranjas e tangerinas? São as primeiras da Peninsula, e das melhores de toda a Europa.

Na Italia não as ha superiores.

Antes de se chegar a Setubal, póde ver-se a magestosa serra da Arrábida. Não tive tempo para a visitar. Um novo compatriota residente em Setubal afirmou-me que a Arrábida é o Bussaco da Extremadura portuguêsa, o magestoso e sadio Bussaco do Sul.

Depois... o Alemtejo. Já me referi a esta provincia, quando visitei a serra do Monchique. Como o tempo passa! Então Candida vivia e dava-me todo o brilho da sua alma grandiosa!

Entrar na Alemtejo depois de vér o que vi, é

ter um desgosto profundo depois dum grande prazer. Aridez. Planuras tristes e infinitas. Falta de povoações. Gente apática e desalentada.

Falta d'agua, de sombra, de abrigo. O frio, como o calor, extremos conforme as estações. Terra quási virgem, sem régas, desprezada, infecunda por desleixo, por desamôr.

Todavia, verdadeiras pérolas. Estremoz, vila grande, rica, de habitantes amaveis e ativosé digna das melhores vilas do país. Está numa eminencia, em terreno fertil, e tem uma cidadela. Evora, donde te escrevo, antiga, hibrida de estilo, é interessante, populosa, cheia de belezas naturaes até.

Evora está para o Alemtejo como Braga para o Minho. Rica de monumentos, alguns romanos, como o *Templo de Diana,* como o *aqueduto de Sertorio,* arcaica nas ruas, mas com fortes golpes de progresso, atráe bastante pela indole generosa, afavel e laboriosa dos seus naturaes.

E' muito belo, aliás, o tipo alemtejano. Homens fortes, ás vezes de elevada estatura, com certa indolencia árabe, mas tambem com carateristica vivacidade nos ólhos e nos gestos. As mulheres, um tanto andaluzas de ademanes, embora muito mais comedidas, mais graves, mais ternas.

Sofrivel elevação mental. Evora acompanha Lisbôa, quanto póde. A capital é estranhamente republicana e espiritualista. Evora, repelindo egualmente o passado, inflama-se pela democracia e pelo verdadeiro pensamento, todo tolerancia e sinceridade. Os costumes tambem divergem pouco. O homem do Sul de Portugal é, por indole, tolerante, embora muito apaixonado, muito imaginativo. As damas eborenses são devéras gentis, primorosas, atraentes. Uma delas, D. Evangelina,

acusa uma cultura excecional. Como ella, conheço já outras que, talvês menos lidas, têm, comtudo, uma extraordinaria acuidade de vistas. Falam bem, com uma propriedade harmoniosa, e não tem o pequeno orgulho dalgumas mulheres, aliás interessantes, do norte do país, mais rígidas e artificiosas.

D. Evangelina vem logo visitar-me. Acompanha-a sempre uma irmãsinha de 15 annos, *mignone,* deliciosisissima de diabolico espirito. Já fomos ver juntos a curiosa *capela dos ossos* em S. Francisco e conto com ellas para algumas digressões interessantes, que me proporcionam com afabilidade penhorante.

Mas, neste relato tumultuoso, gastei já muito papel e tempo. Amanhã espero dar-te notas mais condensadas e repoisadas. Sinceras e constantes saudades do teu esposo d'alma que sente sempre orgulho e intima alegria em chamar-se sempre teu — *V. M.*

XXVI

Hora de filosofia — Num jardim — As portuguêsas e as francêsas — Os colegios de meninas em Portugal — Rica ou pobre? Os tristes privilegios das ricas — O luxo — Os maridos — A mulher-boneca — Espirito romanesco — O dilema para as meninas pobres — Um deploravel desforço — A culpa do Estado — As diretoras dos colegios de meninas em Portugal — A escola da vaidade — Como se entende o luxo — A culpa dos maridos — Ignorancia... envernizada — Tudo sabem e tudo ignoram — Tudo criticam e nada sabem fazer — Educação hipócrita.

Evora, 22 de Fevereiro de 1907.

Querida Mariette:

Hora de filosofia. No jardim de D. Evangelina, eu e ella, completamente sós, porque a irmã foi dar a sua lição de piano, falamos com o fogo, com a ancia, com a febre, de quem ha muito anceia por um desabafo. Estamos comovidos, interessados, bastante nervosos.

Evangelina acha que a educação das mulheres portuguêsas está cem anos inferior á das mulheres de França. Eu pretendo contestar e ella lucidissima, no seu ar severo, de repente dominante naquella face branca e radiosa, volve-me, espaçando muito as palavras:

—Snr. de Moigénie, o mal das nossas meninas é o Colegio. Os colegios femininos em Portugal são tudo quanto ha de negativo, adulterador, improprio. A educanda não é considerada pelo inteleto ou pelos sentimentos. A norma estabelece-se sempre segundo este criterio: é rica? é pobre? Segundo a resposta, assim é a educação. E' rica? Vestirá com um luxo frivolo, terá preferencias estranhas, poderá furtar-se á disciplina geral, terá excelentes notas por menos que estude, terá liberdades especiaes de maneira que a diretora possa fingir que não vê, será perdoada em todos os caprichos, poderá desdenhar impunemente das pobres, ter crueldades, soberba, ignorancia, desalinho, se tanto lhe aprouver. Nada de educação pratica. Aprenderá a *reinar*, sem saber *governar*. A higiene será para ella sempre uma exibição de luxo. Tornar-se-á eximia em musica vistosa, sem bases sólidas, reportorios de valsas e cançonetas, com um ou outro fado enervante a deprimir-lhe a aristocracia de encomenda. Habituar-se-á a falar mal a sua lingua, gafando-a de elegantes galicismos, todos pedidos ao jornal de modas. Aprenderá a ver o *marido* como uma *fonte de receita* e, depressa, a considerá-lo como legalisação aparatosa de desmandos mundanos, aliás enroupados com um recato perfido, hipócrita.

A sua comunhão livre, liberrima, com meni-

nas dos mesmos haveres, igualmente privilegiadas, dar-lhe-á a noção deprimente de vicios deslustradores. E começará a pequenisar a maternidade, a acariciar o triste egoismo da *mulher-boneca*, vaidosa de trapos e dixes, incapaz de ter saúde nas entranhas, nos nervos, no coração. Histerica por nativismo, tornar-se-á epiletica, convulsa, irresponsavel. Gulosa e dessincera, anemica e maculada, voltará á familia como um veneno requintado, incoercivel.

Depois, no lar, será a perigosa elegante, a mãe gelada, a filha desdenhosa, despótica e melindrosa de humor.

—Horroroso!

—E as meninas pobres! Inferiores em todos os direitos, esmagadas no cumprimento de todos os deveres, essas infelizes têm de optar por um, de dois caminhos: ou a revolta, o desespero, a atitude selvagem, a fuga ás vezes, a resistencia feroz a todo o ensino, a negação para toda a luz em protesto cego contra tanta injustiça — ou a hipocrisia, o capachismo que as faz creadas, instrumentos e cumplices das ricas, a aprendizagem da mentira, da perfidia, da intriga, a esterilisação completa, emfim, das virtudes vulgares nos pobres.

—Bem observado, D. Evangelina.

—Pódem, porque lh'o ensinaram, ter aprendido mais serviços domesticos, mas, lá no intimo, vêem o sonho mau, a inveja, a febre de serem o que viram ser as ricas. E este veneno pode sufocar-se dentro dellas com a felicidade do lar, mas, ao primeiro desgosto, á primeira privação, lá rebenta, lá se desentranha, lá flutua acima de todo o ser. E então a pobre, a humilde, a como que

virtuosa á força, explóde em soberba, vicio e audacia. E' o desforço horrivel dos desalgemados de subito—o abuso da liberdade conquistada.

—E é assim em todo o Portugal? Ou esse triste quadro já vai tendo exceções?

—Poucas, creia. Mas como não ha-de ser assim?

—Compreendo, a rotina...

—O Estado, snr. de Moigénie, o Estado...

—Como, o Estado?

—Sabe quem são na generalidade, as diretoras de colegios em Portugal?

—Não.

—Senhoras com uma simples habilitação, que não cauciona pelo menos, a mentalidade.

—E' espantoso!

—Onde está um curso para diretoras de colegios? Dirá o snr. de Moigénie que nas Escolas Normaes? Mas estas são ainda uma vergonha em geral. Ha uma professora boa para seis más. Ensino pratico, positivo, sádio, é ainda uma utopia em Portugal.

—O mesmo me disse uma inteligente senhora no Porto.

—E disse-lhe a verdade. A mulher portuguêsa só tem perfeita a escola da vaidade. O luxo, no que tem de mais absurdo, de mais ridiculo, de mais exagerado, eis o que a nossa mulher aprende, desde o lar á escola, desde a escola á maternidade.

—Mas será só culpado o Estado?

—Tambem o são os maridos, por exemplo. Homens ha que fazem, de suas esposas, bonecas volantes que gostam de vêr adoradas na rua, porque esse culto lisongeia simplesmente a sua vai-

dade. Cantar, tocar piano, calçar meias de sêda todos os dias, rescender a violentos perfumes, é a mulher ideal para os maridos em muitos casos e, quando têm assim uma mulher, não vêem que os criados é que governam e que o lar perde todo o encanto.

—Ignorancia!

—Ignorancia... vestida de ilustração. Esses homens leem só romances, conhecem o bom tom, discutem os negocios publicos. Têm só um defeito —não sabem reinar e governar, não sabem lêr o que é util, são e radical, vivem de exterioridades, ás veezs de expedientes, sempre de ficções. Discutem o orçamento do Estado e não sabem fazer uma operação aritmetica. Falam com elegancia sobre todos os assuntos, e nada conhecem. Criticam toda a manifestação artistica e são incapaz de fazer um quadro, um livro ou uma valsa.

—Educação superficial.

—Peor: educação hipocrita. O sr. de Moigénie não sabe como é a educação portuguêsa? Tudo se resume em fingir. F... finge que é sabio. Que faz para isso? Lê almanaques e impinge as suas curiosidades. B... finge que é bom. Que faz? Estuda um acto decorativo e impinge-o como produto da sua alma. C... finge que é digno. Que faz? Aproveita um lance barato e, com largos gestos, aparenta uma dignidade perfeitamente romana.

Tudo se finge em Portugal. Ha estadistas que só por muito bem fingirem, escalaram os Conselhos da Corôa. Diz-se, dum literato consagrado, que plagia com grande arte tudo quanto lhe atribuem.

—Deus ajude a mulher portuguêsa a destruir tantos males!

—São os meus votos, snr. de Moigénie. E muito obrigada pela sua condolencia junto da desorientação portuguêsa.

Entardecia. Levantamo-nos a um tempo. Daí a pouco estava no meu quarto para te escrever. Medita estas notas. Não haverá ainda em França qualquer coisa disto que infelicita Portugal? Adeus.

XXVII

No Algarve — O Alemtejo e o Algarve — O Algarve e o Minho — A Arabia Feliz — Portalegre e Beja — Elvas, as suas mulheres e as suas azeitonas — Montemór-o-Novo — Arrabaldes — Imprensa — Sociedade — Um bom cicerone *— As povoações algarvias — A verbosidade da algarvia — Poetas e musicos — João de Deus — O Algarve e a Andaluzia — O Remechido — O Ramaiana no Algarve — A instrução e a educação — Progresso lento — Escolas ao ar livre — Uma casa á beira-mar.*

Faro, 13 de Março de 1907.

Querida Mariette:

No extremo sul de Portugal. Um grande sopro da Africa. Qualquer coisa da Sicilia com os perfumes ácres do Egito.

Linda provincia o Algarve! Oh! é este decerto o paraiso de Portugal! Que litoral este! Que luz! que seiva! que alegria!

O Alemtejo é um deserto. O Algarve, tendo ao centro muito do Alemtejo, é um prodigioso

jardim na sua larga moldura. Mas não jardim como o Minho, monotonamente belo; jardim com grandes relevos, cheio de contrastes, de nitidos claro-escuros, árabe como a Arabia Feliz.

Vi, do Alemtejo, ainda as cidades de Portalegre e Beja. São pequenas. A primeira, muito industrial, é, porém, desgraciosa e triste, no interior, apezar de posta num alto monte. Assim, Beja, apezar dalgumas pequenas belezas, como a Misericordia, o Convento de S. Francisco e a Porta do Sul. Em Beja é notavel, porém, a torre da cidade, donde se avista Cintra que dista 130 kilometros.

Elvas, praça forte, é relativamente grande e bastante bela, na sua posição anfiteatrica entre os Fortes de Santa Luzia e da Graça, principalmente se a compararmos com a negrura hostil da sua visinha Badajoz. Mas Elvas é forte apenas de nome, apezar da sua praça hermeticamente fechada.

Lá vi lindas mulheres arraianas, mixto singular de espanholas e portuguêsas, picantes e meigas como as grandes e tradicionas azeitonas d'Elvas. Admirei dois monumentos: a cisterna e o aqueducto.

Entre as vilas do Alemtejo, gostei de preferencia de Montemór-o-Novo, que, depois de Estremoz vale mais uma cidadesinha, do que o valem Serpa ou Marvão, Juromenha ou a decantada Vila Viçosa, dona, aliás, dum esplendido parque real e duma colegiada digna de estudo.

Montemór-o-Novo é uma povoação bonita e com arrabaldes intéressantes que fica perto do rio Canhá. Tem uma imprensa vigorosa e muito adiantada. Notei Eduardo Geraldo, moço redator principal da *Democracia do Sul* e poeta de merito. Sociedade polida, amavel, inteligente. Bastante

comercio. Um jornalista e poeta de nome, José d'Almeida, rapaz de muito talento e bondade, serviu-me de *cicerone* com grande prestimo. Devo-lhe passeios rapidos, mas inolvidaveis, e o conhecimento dalgumas damas de verdadeira distinção.

No Algarve é dificil encontrar coisa egual ao Monchique, segunda Cintra. Comtudo, os pontos de vista deliciosos, os trechos fecundamente arborisados, deparam-se com facilidade extrema. As suas cidades e vilas são em geral povoações curiosas, quasi todas alvejantes de cal e ricas de hortas.

Lamento as ruas sujas da vila de Lagos com uma bahia ampla e arrabaldes ferteis, um ótimo aqueduto e uma bela egreja da Misericordia, e de Olhão, vila enorme de pescadores, comercial e industrial como poucas.

Silves, tão mourisca, tão tipica, tem areias demais na sua gleba que o Portimão rega, mas poucas cidades ha graciosas e brancas como Tavira, a Viana do Sul, na foz do Seca, como Vila Real de Santo Antonio, miniatura alegre da Baixa de Lisboa, e Faro, que, depois de executados projetos muito belos, ficará uma pequenina Argel, amorosamente beijada pelas ondas, graciosa e pomposa na foz do Valformoso, a namorar indolente as ilhotas fronteiras.

A nota carateristica dos algarvios é esplendidamente maritima. São estes os homens de Sagres, do grande infante D. Henrique, gloria da Humanidade.

Marinheiros nervosos, intrepidos, temerarios, os algarvios olham para o mar como para uma estrada vulgar.

E a sua plastica, sêca e rija, tão grega como arabe, impõe-se como uma arte original e nitida. Nada dos grosssos musculos do marinheiro do Norte. Os nervos é que predominam, e que nervos! nervos de gigantes, de heróes, de sublimes loucos. Devem ser assim os marinheiros japonêses, esses magros e rijos vencedores dos membrudos russos.

As mulheres, dum moreno-palido, são delicadas, deliciosas, vivas, encantadoras. A's vezes robustas, sempre solidamente nervosas, arrojadas, embora um pouco indolentes, são ellas as mais tenazes e espontaneas evangelistas do progresso social.

Em parte nenhuma do país ecoa assim o grande grito moderno—Terra e Liberdade! A democracia médra humanamente neste sólo abençoado onde a agua escasseia bastante, mas onde o Mar bate com paixão, refrescando, cantando, dessedentando todos os peitos.

Não ha loquacidade comparavel á dos algarvios. Falam sempre, em voz cantada, carinhosa, vertiginosa.

A falar se levantam e a falar adormecem. Todo o seu anceio é o desabafo, mas de tudo—de impressões, de sentimentos, de observações, de alegrias e de tristezas, de preconceitos e de anélos, de tudo que faz, destes meridionaes, máquinas vivas de impressionismo e filosofia panteista.

Raro é o algarvio que não é poeta ou musico. João de Deus era daqui. E, como elle, tantos cantores dôces e meigos, cheios d'alma, de vida, de coração.

As canções populares têm aqui um cunho dolente e penetrante que lembra os cantos da An-

daluzia. Mas o Algarve é mais atraente do que a Andaluzia. A provincia espanhola é extravagante, gritante, sanguinaria, tumultuosa, bizarra, ás vezes cinica. O Algarve é amoroso, candido, vivo mas simples, pacifico, generoso, cortez.

Tem os seus heroes tragicos. O Remechido, terrivel guerrilheiro, enche a historia das guerras civis portuguêsas.

Mas não abundam, como na Andaluzia, os assassinos.

Menos toureiro, o Algarve é mais filosofo. Alguma coisa de Indio palpita no algarvio.

Ficava bem no Algarve o Ramaiana. A grande epopeia da Bondade condiria magnificamente com esta raça d'olhos negros e labios vermelhos, pálida e nervosa, que tanto fala em Justiça e Amor.

A instrução é sofrivel. A educação moderna vai triunfando nesta provincia adoravel. Devagar? Em Portugal — desculpem-me os portuguêses — a Rotina morre com dificuldade.

E' um povo todo sentimento. Ferir o Passado constitue para elle um monstruoso sacrilegio. E, depois, a influencia molinista ainda algema a propria Universidade de Coimbra.

Compreendes, Mariette, o estado mental dos portuguêses sob este peso secular, principalmente se observares que ha sempre sectarios do Passado que, por natural egoismo, se opõem a todos os lampejos do Futuro.

Em parte nenhuma de Portugal, como no Algarve, graças ao seu clima magnifico, se podiam organisar escolas ao ar livre, em tudo modelares. Não as vi, não as tenho visto. Infelizmente, predomina o velho casarão, humido, triste, asfi-

xiante, emquanto lá fóra o Sol é puro, fecundo e rutilo, as aves cantam aos bandos, as flores rescendem como no Eden e as alegres canções dos pegureiros e dos marinheiros parecem hinos da Terra ao Deus da luz, do Som e da Côr.
A minha casa em Faro, á beira-mar, é visitada por excelentes pessôas, sedentas de noticias de Paris.

Duas senhoras muito ilustradas, uma dellas formosissima, vêem tambem e noutras cartas te direi como ellas consideram o presente estado da sociedade portuguêsa. Chamam-se Isabel e Belmira. Belmira, a uma esplendida beleza alia uma graça e uma eloquencia dignas da Grecia. Isabel é, primeiro que tudo, simpatica. Dir-se-ia uma fascinação inconsciente.

Adeus. E' com a mais funda saudade que te abraço em espirito.

XXIX

Adiamento dum propósito — Em casa dum advogado — Politica — Socialismo algarvio — Panteistas e epicuristas — Religiosidade — Um velho respeitavel — Leitura dum bilhete tocante — Miseria desconsoladora — Um nobre juramento — A esmola e a Justiça — Joias e vencimentos — Febre sublime — Um beijo de gratidão — Pede a palavra uma criança de 12 anos — Oferece a sua boneca — A indole algarvia — O seu bom cristianismo — O carater da sua aparente indiferença — O algarvio é religioso — A boa religião — Que significa uma criança sacrificar a sua boneca.

Faro, 15 de Março de 1907.

Inolvidavel Mariette:

Era minha tenção hoje dar-te uma amostra das minhas palestras com Isabel e Belmira. Não faltam ellas nunca ao que chamam espirituosamente a sua *tribuna volante.*

Mas um facto, de que tambem se colhe lição sobre os algarvios, me impele a deixar para outra vez o cumprimento dessa promessa que espero cumprir, como todas as que te faço.

Antes de mais nada, pódes escrever para Faro. Tenho de demorar-me, pelo menos, 8 dias, porque é aqui que vivem dois nossos compatriotas com os quaes careço de concluir o estudo definitivo do meu projeto. E, a proposito, segue elle auspiciosamente o seu caminho.

Hontem, pelas 10 horas da noite, estava eu em casa de um advogado distinto e rico. Reuniamse ali as melhores familias de Faro, vendo eu com prazer que algumas pessoas falam o francês com surpreendente correcção, como em Lisboa. Falava-se de politica. O algarvio é socialista de raça. Não admite, no fundo, o Existente. Entretanto, transige com o que julga coadunavel com a felicidade nacional, porque é dum patriotismo sincero e amplo.

Profundamente scético quanto aos recursos da Monarquia, não é estreitamente republicano. Avançado sem loucuras, o algarvio é fanatico pela gleba e pelo mar. Daí, a liberdade indómita de todos aqui, desde os mais ricos aos mais pobres.

Abundam os panteistas. Não são raros os epicuristas. Bebe-se com religião o espumoso vinho da Fuzeta. Comem-se quasi num culto os tradicionaes figos, ricos de assucar em ponto. O panteismo parece nativo—é fruto mesológico.

A religiosidade é por vezes mais formal do que convicta. Este defeito, digo, a falta de espiritualismo, devia dar um egoismo torpe e esteril. Assim o julguei. Ouvindo esta gente, indiferente na aparencia, eu lamentei-a muitas vezes, julgando-a refrataria a todo o ideal de abnegação e pureza espiritual. Enganava-me. Tenho de confessa-lo.

Hontem, no meio da conversa, apareceu de chofre um velho amavel, de longa barba nevada.

Vinha triste. O seu passo era vacilante. O dono da casa, espantado, levantou a fronte morena e interpelou-o, cantante:

—Como é isso? O sr. Lemos triste?

—Muito triste.

—Perdeu ao jogo?

—Não.

—Desgostos d'amor?

—Não zombêmos, doutor, respondeu o ancião com amargura.

—Mas diga.

O velho sentara-se ofegante. Estava livido. Os olhos magnificos, tinham grandes lagrimas. E o silencio foi profundo. E algumas senhoras choraram logo, só de o verem chorar.

O sr. Lemos, emfim, tomou a palavra com uma lentidão impropria da grande vivacidade algarvia.

—Hoje, ás 6 horas da tarde, recebo em casa este bilhete.

(Lemos tira um papel e lê com solenidade triste).

Ex.mo Snr.

Escrevo-lhe, mal o conhecendo. Meu marido fugiu para os Açores. Deixou-me 6 filhos. Não o maldigo. Estamos crivados de dividas. Tenho aqui uma carta em que me diz que vai trabalhar para nós todos. Irá, dos Açores, para a California. Pobre santo marido!

Mas em minha casa não ha pão. Eu não tenho trabalho. Em Faro uma mulher não pode viver do seu trabalho, aliás.

O senhor é pai, é bom, é bem relacionado. Será vergonha pedir-lhe que me obtenha uma es-

môla? Se o não é, fica assim feito um doloroso pedido.

Isaura de Silves.»

—A mulher do pedreiro! exclamou o advogado.

—E honesta, muito honesta, disse uma senhora.

—Que fazer a isto? perguntou o velho com desalento. Fui a casa delle. Morava ao pé do Passeio Publico. Casa térrea. Uma só janela. Um leito de ferro. Uma meza de pinho. As crianças amarelas, a tossirem. Ella, andrajosa, pálida, quasi morta. Deixei-lhe uns tostões. Comerão hoje e amanhã. Mas depois? Eu pouco posso.

—Meus senhores, bradou o advogado, façamos um juramento. E punha-se a pé, impulsivo, solene.

—Sim! sim! clamavam todos, cheios de lagrimas.

—Ficará entre nós tudo quanto se faça áquella infeliz.

—Sim, repetiram com energia e emoção.

—A caridade é tudo. Haja caridade. Haja justiça, solidariedade. O que podemos dar, não o damos, restituimo-lo. Tiramos algo do superfluo. Não pergunto, pois, quanto *dão*: pergunto quanto *dispensam*.

Quanto a mim, apresento cincoenta mil reis. E' o que dentro do que tenho me não desequilibra por agora.

Cristãmente, admiravelmente, todos se levantaram a isto.

Ofereceram uns vinte, outros dez e outros cin-

co mil reis. Uma velha senhora lembrou que as suas joias valiam talvez quinhentos mil reis e acrescentou que, pagas as suas dividas, cedia o restante com jubilo.

Acudiu um negociante, prometendo generos de sua mercearia gratuitamente e um rapaz alegre, interessantemente moreno, lembrou-se de oferecer metade dos seus vencimentos dum mez na Misericordia, onde era empregado, sustentando a mãe e uma irmã.

Uma sublime febre, tocante e espontanea, escaldava as faces de todos. Eu, comovido, apresentei algumas esterlinas e, ao depôl-as nas mãos da dona da casa, senti os labios della, ardentes e convulsos na minha mão tremula. Agradecia-me assim.

E tudo isto sem grandes palavras entre gente tão loquaz.

Mas, de subito, ouço uma voz de prata. Uma menina de 12 annos se levantava, branca de neve, tão convulsa de chôro reprimido, que parecia epiletica.

—Que queres tu, Maria? perguntou o advogado com ternura.

—Eu... tambem ofereço... balbuciou a linda criança.

—Tu?! Mas o quê?

E ella, confundida, d'olhos baixos, como que rezando·

—A minha boneca! Custou 30$000 reis em Lisboa. Diz *papá* e *mamã*. Valerá alguma coisa.

E chorava, mas de fronte erguida, como se olhasse para Jesus de Nazareth...

. . . .

Então alguem a quem eu extranhára o sceti-

cismo algarvio chamou-me a atenção com vivacidade.

—Está comovido, não é verdade?

—Profundamente.

—Que julga de tudo isto?

—Que o algarvio é ótimo de indole.

—E bom cristão.

—Mas a indiferença habitual...

—Só em palavras. Esta indiferença é a revolta contra o abuso, a falsificação do espiritualismo.

—Julga-o?

—Decerto. Poucos serão tão cristãos. O amor da vida terrena, tão peculiar dos meridionaes, não matou o espirito de justiça e amor, não só na reclamação de direitos, mas tambem, como está presenciando, no cumprimento nobre dos melhores deveres.

—Então o algarvio?...

—E' religioso. Não o convenceu esta scena tocante?

—E na verdade. Que melhor religião do que esta que vive no intimo d'alma e que tão delicada, tão pura e até tão heroica, se manifesta?

—Veja aquella criança a imolar a sua boneca...

—E' o mesmo que a mãe a dar pelo proximo o seu filho querido...

. . . .

E' belo tudo isto, Mariette. Consola e edifica. Adeus. Esta vai longa em demasia.

XXX

Primavera de Lisboa — A conversa com Belmira e Isabel — O francês, cortezão e conquistador — A portuguêsa: pés, olhos, voz, alma — Preconceitos, aspirações, praxes, inteligencias, heroismo, nervos, espartana e ateniense — Mortalidade das crianças — Tuberculose, tifos, raquitismo — A educação fisica das raparigas — Escolas-modelos — Deseducação civica — O uso do voto — A bandeira da Patria — Corpos e almas — 13:500 contos com o Exercito e só 1:000 com a Instrução — Os estadistas — O bacharel — As letras — A imprensa — As liberdades — O professor primario e o homem de letras — Adulterios, prostituição, infanticidios, incestos, assassinios, roubos, moeda falsa, leis falsas, perversões masculinas — Monomania do Passado — Um despertar lento — Exemplos da França — 93 e Napoleão I — O segundo Imperio — Vida Nova — As convulsões do Mundo — Virtudes da mulher portuguêsa — Despedida — Adeus a Portugal — Conclusão.

Lisboa, 25 de Março de 1907.

Adorada Mariette:

Esplende a Primavera — e que primavera! — a de Lisboa, uma antecamara do Paraiso na doçura, na luz, na caricia do seu clima d'oiro.

Comtudo, trago saudades vivas do Algarve, principalmente da suave melancolia de Faro.

Isabel e Belmira—chega o dia do prometido relato—ungiram-me os ultimos dias que ali passei duma poesia profundamente filosofica. Não supuz nunca que duas senhoras tão alegres de sorriso e olhar entesoirassem no peito de alabastro—imagino-o pela face de luar de ambas—tantos e tão substanciosos pensamentos, tantos e tão delicados sentimentos, tanta alma, tanto coração.

Reproduzo a ultima conversa, á beira-mar, quando a maré enchia a um luar poderoso de sugestão, meigo e limpido como a alma dum monge impoluta...

—Retira-se, pois, para Lisboa, sr. de Moigénie? disse Belmira.

—Sim, minha senhora, e creia que com saudades de Faro, principalmente de v.as ex.as, tão inteligentes, tão generosas, tão belas...

—O francês é sempre cortezão, interrompeu a Isabel.

—E conquistador... sublinhou Belmira.

—E, todavia, minha senhora, não conquistei ninguem.

—Quem sabe? disse Belmira com ligeira malicia.

—Sim, quem sabe? apoiou Isabel, soltando uma grande risada.

—Zombeteiras!

—E que juizo fórma o sr. de Moigénie das mulheres portuguêsas? perguntou Belmira.

—O mais lisongeiro possivel.

—Eu esclareço, volveu ella. A portuguêsa appareceu-lhe talvês bonita, de pés grandes, mãos suaves, olhos magneticos, voz de criança, alma

atormentada mas pura, capaz de ser lavada, generosa, ardente. Escrava de mil preconceitos, desprezada em mil aspirações, vitima de mil praxes, sem instrucção, sem educação, inteligente por instinto, heroica por abnegação, boa e má segundo os caprichos dos nervos, esta mulher tão desconhecida na Europa lembra-lhe alguma coisa de antigo, hibridamente conjugado: virtudes de Esparta com scentelhas de Atenas.

—Admiravelmente isso.

—E do nosso belo país, continuou Belmira, leva as notas mais contraditorias. Com este clima divino, vê morrer pavorosamente as crianças. Vê a tuberculose triumfante. Vê os tifos assoladores. Nas serras mais lavadas e oxigenadas, déscortina homens raquiticos, sem musculos, sem côr, sem alegria. Vê a educação fisica desprezada e iludida, proibida como um impudor, ás raparigas. Encontra ótimas escolas, mas essas quasi perseguidas pelo Estado, sem um alento, sem um aplauso.

—Infelizmente, D. Belmira...

—Nota ainda a formidavel deseducação civica. O uso do voto é uma carga, é uma tirania. A bandeira da Patria não é saudada por todos os portuguêses. Lavam-se pouco os corpos; não se iluminam as almas. Não é isto?

—E, disse então Isabel, coisas estranhas. Gastam-se 13:500 contos anuaes com o exercito e com a armada e não ha 6 cartuchos para cada soldado em caso de guerra. Gastam-se mil contos apenas com a Instrucção Primaria, e, apezar disso, o professor heroico dá esta resistencia espiritual, pequenina mas eficaz, que nos permite pensar e sentir assim. Não é este o país do paradoxo?

—Confesso que sim.

.—E ainda, volveu Belmira, o Estado nas mãos dos imbecis mais atrevidos. O diploma de bacharel, insignificativo de verdadeira sciencia, a dar privilegios de funcionalismo. As letras, principalmente a imprensa diaria, guerreadas, pouco expandidas, desprezadas. As liberdades mais santas ou destruidas ou, o que é peior, hipocritamente sofismadas. A moralidade toda farisaica, de mascara, ignobil, repulsiva.

—Mas tambem, D. Belmira, um protesto energico de muitos contra tudo isso.

– Sim, snr. Moigènie. E' a obra obscura do professor primario e do seu camarada homem de letras. Mas que minoria ainda! E, depois, que falta de éco ás suas nobres ideias! Tudo os estrangula, tudo os estorva, tudo os hostilisa.

—E' tudo assim, acrescentou Isabel. E veja como é logica a confusão de tantas outras notas. A mulher é geralmente honesta e, comtudo, os adulterios, a prostituição, os infanticidios, são vulgares como a variola, a tuberculose e as enterites, havendo excelente ar, boa agua, bom sol. Abundam incestos. Fervilham crimes passionaes. Mata-se por ciume como se rouba por aflição. Fabrica-se moeda falsa, como se falsifica o espirito da liberdade nas leis mais absurdas. Apupa-se a menor falta duma mulher e chama-se *artistica* a mais suja perversão dum homem. A mulher, a mãe, a esposa, a filha, são ainda instrumentos de prazer, de fortuna, ou de amparo, mas só os poetas ousam ainda levanta-la sobre as suas culpas, filhas do meio social, como estrelas cujas faculas desculpam todas as máculas.

—Minhas senhoras, atalhei então. Portugal passa por uma época de gestação de ideias. Se

m'o permitem, viveu este país durante seculos num perigoso êrro: a monomania do Passado. Hoje vê o Futuro. E' como um dormente que, depois dum sôno enorme, avista a luz do dia.

Não a póde encarar logo. Está deslumbrado. Tenta ainda erguer-se do leito em que jazia letargicamente...

—Palavras generosas, disse Belmira.

—Diga antes justas, minha senhora. A França tambem foi assim.

Desde Luiz XVI, veja que sôno o do povo francês, que negação e adulteração das suas virtudes, que desmoronamento pavoroso do melhor da sua alma! E, afinal, 93—o excesso de Justiça dentro da vasa de todas as paixões—impeliu, vitalisou, salvou a França.

Mas a recaída triste veio. Napoleão, espalhando o Ideal pela Europa, tombou e, com elle, a França. Foi como uma Mãe exausta de dar leite a muitos filhos. Veio a reação. O sôno vergonhoso voltou. E veja a Restauração. E veja o segundo Imperio. Não discutâmos instituições: discutamos a moralidade, a instrução, a educação civica. No tempo de Napoleão III a escola era uma falsificação, e tanto que o soldado marchava automatico e perplexo, emquanto os prussianos de Moltke, vencidos por Napoleão, sabiam ler, entendiam o que liam, estavam vigilantes em torno da sua Patria, vigilantes pelo coração e pelo espirito.

—Então Portugal vive no Segundo Imperio? perguntou Isabel.

—Não sei. Não faço politica. Portugal está ás portas duma vida nova.

O que o prova? O descredito de todos os recursos da velha vida.

— Sim, apoiou Belmira, e, além disso, Portugal sente a convulsão que toma todo o Mundo. Não sejamos injustos. A Mulher, fonte de todo o Sentimento, tambem é ainda escrava nos povos mais cultos.

Se a França a liberta dia a dia, se lhe entrega o futuro da Humanidade, porque dignifica cada vez mais o sexo inferior de tantos seculos, ainda lá existem chagas sociaes que afetam quasi exclusivamente a Mulher.

O que em Portugal é triste e deprimente é termos o exagero de todos os males da Humanidade. Mas eu creio, sr. de Moigénie, que a mulher portuguêsa começa a entender a sua missão. Não o tem observado?

—Sim, minha senhora. Levo essa convicção para a minha Patria. Depois, a mulher portuguêsa é eminentemente trabalhadora. Admirei-a no Minho, a cavar como um homem, como elle — até mais do que elle — exposta ás intemperies, forte, átiva, heroica, sempre alegre. Nas cidades é uma excelente e abnegada operaria. Na faina domestica em todas as provincias lhe notei qualidades esplendidas que a educação ha-de valorisar. Nas letras levo nomes de mulheres devéras ilustres.

— Oxalá que o snr. de Moigénie nos rehabilite, pois, perante a França, disse Belmira com calor.

— Não tenho forças para tanto, minha querida senhora, mas, como sei e como posso, fa-lo-ei de todo o coração. E agora as nossas despedidas.

— Parte, pois, já?

— Sim, minhas senhoras. Sigo para Lisboa. Dentro em poucos dias estarei em Paris, a beijar a minha saudosa Mariette.

—E' linda a sua esposa?
—Tão linda... que parece portuguêsa!
—Sempre lisongeiro.
—Sempre com vontade de ser justo. Fica a cada uma o meu cartão. Grande prazer teria, não podendo dar-lhes hospitalidade em Paris, em, ao menos, receber correspondencia sua.
—Vá descançado, volveu Belmira. Para Junho lá terá os nossos retratos.
—E porque não antes?
—Porque é nesse tempo que vamos a Lisboa onde ha muito melhores fotografos do que em Faro.
—Seja.
—Feliz viagem, snr. de Moigénie.
—Mil agradecimentos e saudades.
—Até junho... em retrato!

Tive uma viagem deliciosa. A primavera do Algarve é um formosissimo estio. Atravessei encantado a bela provincia e eis-me na capital portuguêsa, hospedado no Bragança, donde se avista um esplendido trecho do Tejo, o rio magnifico por excelencia na Peninsula.

E agora uma noticia festiva. Cheguei a julgar que só podia ir em Maio. Mas os negocios ultimaram-se. A grande fabrica vai abrir a 27 do corrente. Assistirei á festa da inauguração e partirei no dia 28. Não escrevas, pois. Responderás encostada ao meu peito entre abraços e beijos.

Digo já adeus a Portugal! Adeus país de Sonho, de Sol, do Perfume, maravilhoso de tradições, de lendas, de paizagens, de heroismos dignos da Grecia, de monumentos dignos de Roma!

Has-de lembrar-me sempre no coração da minha querida París, tua mãe espiritual, não tão

naturalmente linda como tu, mas generosa e amorosa como as tuas filhas de faces côr de créme e d'olhos puros como estrelas.

Adeus e oxalá que um dia eu possa tornar a ver-te, mas em companhia dum anjo saudoso, belo como Inez de Castro, e que se chama simplesmente Mariette.

E até breve, mas eu em pessòa, uma carta de carne, ossos e nervos.

Abraço-te muito do coração.

XXXI

Uma carta ultima *que o não é — Exame de consciencia — Carmo d'Alma — Um criado imperturbavel — Um exordio original — O que deseja uma honesta e linda senhora — Perguntas sobre o feminismo em Portugal — O feminismo e o psiquismo — Alguns tipos de proselitos — A dissolução de costumes e a inconsciencia — A vaidade esteril — O talento e a loucura — As* bas-bleu *em Portugal — O preciosismo de Molière — Como Mr. de Legarde interrompe uma interessante conversa — Pedido de nova conferencia — Entrada de Mr. de Legarde.*

Lisboa, 8 de Abril de 1907.

Minha querida Mariette:

Julgava eu não poder mais escrever-te de Portugal. A minha ultima carta considerei-a eu rigorosamente a *ultima* daqui escrita. Mas, como dizem conceituosamente os portuguêses, *o homem põe e Deus dispõe*. Uma carta datada de Coimbra, me faz esperar em Lisboa Mr. Lacroix, meu amigo de infancia, e que precisa dos meus serviços na capital portuguêsa durante alguns dias. Sacri-

ficarei o nosso amor a esta velha amizade. Sei que me desculpas e isso basta, até porque esteril era querer desfazer o que está feito.

Recebida a carta de Lacroix, fiz um largo exame de consciencia, d'olhos postos no Tejo. E, jovialissimo mas rispido de intentos, puz-me a divagar.

—Que tenho eu esquecido de importante para contar á Mariette? Sim, eu não tenho descrito tudo quanto tenho visto senão por involuntario lapso. E, verdade verdade, não levo o remorso duma verdadeira culpa. Ninguem mais moderado em prazeres, inclusos os da meza, num país onde abundam vinhos divinos. Neste intimo dialogo, surde um creado com um bilhete de visita. Percorro-o com os olhos e leio Carmo d'Alma. Carmo d'Alma? Será a grande cantora Alma d'Alma? Não. Alguma escritora portuguêsa? Não tenho ideia de tal nome. E pergunto ao creado, que está grave como um doge:

—Quem é? que maneiras tem?

O rapaz curva-se e diz que é uma senhora distinta, evidentemente distinta.

—Mas, feições, edade...

Recurva-se o criado e afirma, que é distintissima, sem duvida alguma.

—Queres dizer bonita?

Mais uma vez o rapaz se curva, declarando que é dama de grande distinção, do que, segundo elle, eu não devo duvidar.

Impaciente, disse-lhe então que a conduzisse á sala de visitas.

E o creado, recurvando-se ainda, disse que ella já lá estava, como era mister.

—Então... retira-te! retorqui irritadamente.

Pouco depois estava diante de Carmo d'Alma, uma senhora *mignone,* d'olhos vivos e alegres, de sorriso constante e benigno, na verdade distintissima, fina, interessante.

—V. Ex.ª... comecei eu, um pouco vacilante.

Carmo d'Alma estreitou-me a mão fraternalmente, sem ternura mas com enleio e, sentando-se com naturalidade, tomou logo a palavra, revelando uma voz de prata:

—Sei bem que no meu país esta liberdade é um desafôro. Mas o sr. de Moigénie é de Paris. Não fará ideia errada da obscura Carmo d'Alma, não. Mas, primeiramente, o menos importante: *quem sou.*

Não lhe importa saber mais do que isto: sou portuguêsa, entusiasta pelo feminismo, como entusiasta pela Arte, pelo talento...

—Ah! compreendo... gaguejei ainda desorientado.

—Talvez não completamente. Refugiada como vivo no meu lar, conservando implacavelmente inéditos alguns trabalhos literarios, que julgo indignos da grande publicidade, sem relações com qualquer feminista ilustre, soube, comtudo, da sua estada em Portugal pelas noticias do *Seculo,* do *Diario de Noticias* e do *Paiz,* tres jornaes que me interessam por isso mesmo que são tres tipos diferentes de jornalismo. Conhece-os decerto...

—Devo-lhes, minha senhora, lisongeiras referencias...

—Por elles sei que o sr. de Moigénie se retira breve. E agora, ao que venho.

—Dirá e mandará, minha senhora.

—Muito obrigada. Foi sempre meu pensamen-

to ouvir, quando possivel, quem com imparcialidade me desse notas definitivas não só sobre o feminismo em Portugal, mas tambem sobre toda a vida portuguêsa.

— Oh! mas eu, D. Carmo d'Alma, tão insignificante!...

— Não venho travar duelo de modestias, sr. de Moigénie: venho, sim, rogar-lhe o obsequio de me responder a algumas perguntas.

— Mas da melhor vontade, minha senhora.

— Dá-me então licença?

— Muito me honra, dispondo de mim.

— Posso então começar?

— Imediatamente, D. Carmo.

— Primeiro: que juizo fórma o sr. de Moigénie do Feminismo em Portugal?

— Minha senhora, por tudo vejo que confia na minha absoluta franqueza. Não deixarei de corresponder a tão honrosa confiança.

O feminismo em Portugal, a meu vêr, está nas condições do psiquismo, ou espiritismo.

— Todavia, sr. de Moigénie, muitas senhoras combatem desassombradamente pelo feminismo...

— Decerto, e muitas de alto valor. Comtudo, se m'o permite...

— Espero que diga sempre tudo.

— Em Portugal, como em toda a parte, o proselitismo é tambem feito pela pura excentricidade. Abundam os pequenos espiritos, repelidos doutro campo, e sedentos da sonhada notoriedade. Mas deveriam vencer pelo estudo? Esses espiritos frivolos não o pódem fazer. Alem disso, ha tantas vulgarisações scientificas, que toda a gente hoje consegue passar por sabio, embora ignorando quasi tudo. A preguiça e a vaidade, D. Carmo, dão a

todas as ideias novas séctarios tão hipocritas como nocivos pela verdadeira incompreensão do que ostentam apostolisar.

—Julga então que muitas senhoras portuguêsas...

—São como muitas inglêsas, alemãs e francêsas. Mas ha mais. A prova da má inteligência dalgumas dessas, não tardando a ser patente numa deploravel dissolução de costumes que se chama com pompa *liberdade*, desalenta tanto as conscienciosas como perverte as neofitas. Porque, D. Carmo, a consciencia é a virtude. Dá o pensamento e o sentimento na sua pureza.

—E notou algumas dessas em Portugal rodeadas de celebridade?

—Não, D. Carmo. Nenhuma dellas é capaz dum livro, duma conferencia, dum discurso, pelo menos, devido devéras a ellas. São estereis de intelécto, mas têm a fama e o prestigio galante das salas, e atráem tudo o que a sociedade tem de leviano e, portanto, de dissolvente, por inconsistente.

—Então o feminismo, porisso, caminha pouco...

—A tanto não avanço, D. Carmo. Portugal tem ilustres poetisas, romancistas, contistas, pedagogas, oradoras. Assombra até, mais do que o seu número, a qualidade, tanto como a sua verdadeira virtude, pelo menos para quem está habituado a julgar o talento irmão gemeo da loucura. Mas, caminhando muito o *feminismo* em Portugal, é meu juizo que ainda caminharia mais, repelindo algumas jovens e velhas *bas-bleu*.

—*Bas-bleu* em Portugal?!

—Não as reconhece? Pois tem-nas ao seu lado, nas diretoras dalguns colegios até, como

tive ocasião de ver. O *preciosismo* que foi fulminado por Molière não deixou só residuos em França: temos em Portugal tambem.

—Snr. de Moigénie, vejo que fala com absoluta franqueza. Eu, que amo a familia, que me prezo de cumprir sem alarde os meus deveres, tenho, na verdade, encontrado a *bas-bleu*... até nas governantas. Estou-lhe muito obrigada. Confirma imparcialmente juizos que eu de ha muito formára, eu, snr. de Moigénie, educada num colegio aristocrata donde vim a saber tudo—menos a vida prática. E' triste, pois, ainda a vida de quem luta pelo *feminismo*. Opõem-se a rotina e a calunia. Depois, ha aderentes tão faltas de verdadeira moralidade, que não basta serem evidentemente nulas para não atraírem sobre as conscienciosas um injusto e nocivo descredito. Em conclusão: o *feminismo* em Portugal está perfeitamente embrionario...

—Talvez nem tanto, D. Carmo.

—Mais uma vêz muito obrigada. Mas eu não venho só por isto.

—Tive a honra de dizer a v. ex.ª que estou plenamente ás suas ordens.

Carmo d'Alma, sorrindo, ageitou os aneis do cabelo na fronte e ia a continuar, quando o criado anunciou, curvo como um arco de pipa, Mr. de Legarde, o velho amigo de teu pai, o alegre companheiro de Biarritz, lembras-te?

—V. ex.ª dá licença?... E' um velho amigo de meu sogro... Estaremos perfeitamente á vontade... Podemos continuar sem o menor constrangimento.

—Snr. de Moigénie, replicou Carmo d'Alma, levantando-se; quer fazer-me um obsequio?

—Oh! minha senhora!... volvi logo com sincero desejo de ser prestavel.

—Reservar-me a mesma hora para amanhã. Lembrou-me agora de que já devo fazer falta em casa... Depois, sou tão curiosa, tão impertinente, tenho tanto que perguntar-lhe!

—Se é essa a razão...

—Até amanhã, snr. de Moigénie. Não se ria com o seu amigo á custa duma excentrica tão ridicula.

—Até amanhã, D. Carmo. E por quem é! V. ex.ª deixa-me a impressão do maior respeito e simpatia.

Pouco depois entrava Mr. de Legarde e apenas elle saiu, apressei-me a escrever-te esta carta porque achei interessante a desartificiosa figura de Carmo d'Alma, inteligente e sincera como vês. Naturalmente a minha proxima carta é que se póde chamar a *ultima*. Adeus.

* *

XXXII

Continuação duma conversa interessante — Um tocante amor-pálido — Defeitos e virtudes nacionaes — O português é o maior inimigo do português — Vista geral sobre o Portugal notavel, mental e moral — Portugal material: rios, montes, campos, habitantes, clima, praias, portos, frutos, caça, pesca, minas, termas, sanidade — Portugal artistico, castelos, catedraes, conventos, aqueductos, pontes, cisternas, obras modernas — Senões em Lisboa e Porto — Portugal mental: escolas, ensino, livros, analfabetismo, profissionaes, escritores, professores, jornaes, desleixos, lavoira, mulheres, leis, monomania, rétorica, hostilidade e iniciativas, politica, critica — Portugal moral: espirito religioso, santuarios, costumes, trajos, filantropia, honestidade, alguma hipocrisia hereditaria, amor de familia, luxo, criminalidade, sistema penitenciario, suicidios, loucuras, assistencia, solidariedade de classe, agiotagem — Lisboa: grandeza, beleza, o porto, o clima, a sanidade, os progressos, seu futuro, valor mental, valor moral, coisas tristes e curiosas, alvitres, etc. — Conclusão.

Lisboa, 8 de Abril de 1907.

Minha Mariette:

Carmo d'Alma não faltou á honesta entrevista. Vinha um tanto triste, dizia ella que por saber

quanto o meu sofrimento fóra do lar e da Patria, havia de ser incompreendido pela hospitalidade portuguêsa e, por temer porisso que eu fizesse, deste Povo, um juizo menos lisongeiro, despeitado.

—Ah! sr. de Moigénie, exclamou então ella com uma angustia tocante; se conheceu aos portuguêses alguns defeitos, não vá divulga-los na sua Patria, porque aqui tambem ha preciosas qualidades! Portugal precisa tanto de justiça no estrangeiro para verdadeiros meritos, que é nobre fingir não ver o que nelle é demerito e culpa.

Comoveu-me este belo amor-patrio. Que diferença do grosseiro pessimismo do homem gordo que me nauseou em Leça e em Espinho!

Apressei-me, pois, a responder com a mais doce sinceridade:

—Eu nada valho, D. Carmo. Nem bem nem mal posso fazer ao seu belo país.

Mas, se alguns defeitos notei nos portugueses, preciso de lhe afirmar duas coisas: 1.º que não são tantos nem tão graves, que não esqueçam ao pé de verdadeiras e nobres virtudes; 2.º que em paises mais poderosos encontro máculas muito mais tristes e deprimentes, oh! D. Carmo, vergonhas mais inconfessaveis.

—Diz isso do coração, sr. de Moigénie?—acudiu ella, sorridente.

—Porque o duvida?

—Oh! muito obrigada. Afinal, o peior inimigo do português é o proprio português. E' moda dizermos mal de nós mesmos. Chega a haver quem ponha em duvida o que todos nos assinalam na Historia. Se até ha quem nos ache inferiores aos Turcos!

—Mas—continuou Carmo d'Alma, sorrindo —isto não obsta á mais completa franqueza sobre o que vou perguntar-lhe. Suponha uma confissão geral.

—Póde crer que assim farei, sem autoridade, mas com sinceridade.

—Sr. de Moigénie, poderá dar-me uma impressão geral sobre o meu país?

—Meditei-a antes de v. ex.ª vir, porque já esperava esse pedido.

—Oh! como é amavel! Pois previu tudo tão gentilmente?

—Minha senhora: dividirei Portugal em tres partes: o Portugal material, o Portugal mental e o Portugal moral.

—Acho metodico e simples.

—O Portugal material dividi-lo-ei ainda em Portugal natural e Portugal artistico. E não ache pedante tanta divisão que tem seus ares de catedratica.

—Não se preocupe, sr. de Moigénie, senão com o seu plano.

—O Portugal material é deveras magnifico e curioso, principalmente no que é natural. Natureza viva, fecunda, esplendida—no Minho, no Douro, em parte de Traz-os Montes e Beira-Alta, da Beira-Baixa e da Extremadura, num pedaço do Alemtejo e em quasi todo o Algarve. Rios lindos, alguns caudalosos. Montes admiraveis, alguns alpinos. Falta de lagos, mas lagôas e rias. Bastantes grandes campinas. Camponezes fortes, belos, alegres. Mulheres fortes, formosas e fecundas. Clima delicioso, poucas vezes áspero. Praias esplendidas. Portos frequentes. Frutos de primacial sabor. Vinhos celestes. Muita e boa caça, muita e

boa pesca, riquezas mineraes, termaes, saude geral, poucos pantanos, embora muitos e tristes baldios tambem.

—Consola-me essa vista geral. Não tem inveja á do Eden.

—O Portugal artistico é grande. Monumentos esplendidos desde o Minho ao Guadiana: velhos castelos, catedraes, conventos, aquedutos, pontes romanas, cisternas mouriscas e modernas obras grandiosas em Braga, no Porto, em Coimbra, em Lisboa, em Setubal. As cidades progressivas. O Porto, arcaico, mas empreendedor, embora falto de higiene e plano. Lisboa, grande, audaciosa, com aspirações enormes, embora com excesso de gatos nas ruas e escadas, o que dá mau cheiro e emporcalha o solo, porque toda a gente lança, das janelas, restos de peixe aos gatos vadios, o que é uma nota bem anti-higienica e anti-estetica. E, além disso, caixotes de lixo ás portas, estendaes de roupa a enxugar nas sacadas, coisas faceis de destruir e que lesam o aspéto artistico da capital, tanto como as más fossas do Porto, os seus carros de bois, os seus tamancos, a parte da sua população que anda descalça, ofendem o bom gosto de quem vai á cidade da Virgem.

—Bem observado, sr. de Moigénie.

—Isto tudo pela rama. O Portugal mental é interessante. Poucas escolas, o ensino rotineiro, os livros caros, o analfabetismo enorme e, apezar disso, bons profissionaes, bons escritores, bons professores, bons jornaes. Mas o comercio e a industria, embora já grandes, ainda pequenos, devido á falta de ensino pratico. Desperdicio de riquezas naturaes, como da grande gleba do Alemtejo. Lavoira florescente no Norte e no Centro,

mas apática no Sul onde falta a arborisação, por exemplo. Mulheres mal instruidas e mal orientadas. Falta de leis modernas e livres. Monomania de pensar só como o estrangeiro. Excesso de retorica e de falsa sciencia. Hostilidade á iniciativa inteligente e arrojada. A politica desvirtuada. A critica mesquinha, pessoalista, azeda.

—O quadro é triste, mas justo, sr. de Moigénie.

—O Portugal moral é devéras interessante tambem. Grande espirito religioso, atestado em pitorescos santuarios e templos e com costumes tão lindos como alguns trajes, principalmente no Norte. Muita filantropia, muita honestidade, mas ainda a hipocrisia da educação retrograda. Amor de familia, puro, ardente, mas excesso de amor-de-luxo e da exibição. A educação da vontade, emfim, bastante desprezada, mas a criminalidade não proporcional demais a esse desleixo. Grande numero, porém, de suicidios, de loucuras repentinas. Apezar do altruismo geral, pessima assistencia ás crianças e aos invalidos. O sistema penitenciario geralmente monstruoso. A imprensa, correta em nome de uma moralidade artificial. A insolidariedade das classes ainda grande. A agiotagem por demais triunfante.

—Basta, snr. de Moigénie, parece que prefere agora os defeitos...

—Não m'o exigiu, D. Carmo?

—Decerto e sempre obrigada. Restringindo agora o seu juizo a Lisboa, dar-me-á uma nota rapida e geral?

Da melhor vontade. Minha senhora: Lisboa, materialmente, é já uma grande e formosa cidade. O seu porto é um dos melhores do mundo.

O seu clima é delicioso. A sua sanidade é lisongeira. A sua riqueza panoramica é variada, deveras encantadora. As novas obras-avenidas, praças, jardins — são dignas duma capital notavel. Ha-de estender-se até Cascaes e Cintra e até Vila Franca de Xira dentro de alguns anos, e será colossal como nenhuma talvez na Europa; mas isto só será realisavel, quando o seu porto fôr franco e os governos não negarem ás suas camaras o apoio e autonomia que ellas merecem. Mentalmente, é o cerebro de Portugal. Não ha duvida que onde se vive intelectualmente é na capital. Nos outros pontos do país só por exceção. Moralmente, se tem os vicios de París e Londres, tem virtudes portuguesissimas que impressionam todos que visitam de perto Lisboa, virtudes de lei, das quaes, aliás, muitos lisbonenses são os primeiros a rir.

—Fala com sinceridade, não é isso?

—Como sempre. Ha, afinal, aqui coisas curiosas e, algumas, aliás, tristes.

O *fadista*, o vadio-gatuno, o porta-navalha, o rufião, poderia e deveria de ser mais reprimido. O homem de Lisboa tambem deveria perder — e como elle o do Porto, ia a dizer o de todo o Portugal — o vicio de olhar com insistente insolencia para as damas, de as perseguir imprudentemente nas ruas, e até de as molestar com palavras inconvenientes. A policia deveria ter mais cordura e menos energias extemporaneas e os trens de praça preços menos elevados e melhores mólas. O imposto de consumo deveria ser extinto para em Lisboa se comer ainda melhor e mais barato e o Estado nada perderia na construção de belos bairros seus para operarios, para esses milha-

res de infelizes que são tão explorados em espeluncas por capitalistas usurarios, por verdugos, indignos de quem trabalha e sofre.

—Justissimo! Nada lhe esquece, apezar da rapidez do traço.

—Coisa curiosa—vamos a simples curiosidades—é o namoro em Lisboa, como no Porto. O namorado está horas seguidas, ás vezes para um 5.º andar, a dizer banalidades, a ouvi-las e... a informar dellas quem passa. Isto é pouco? O peor é que a namorada descara-se naquelle palrar diante de todos e, facilmente—quantas vezes!—emquanto namóra um, vai-lhe escolhendo levianamente o sucessor nos que vão passando. Emfim, outros *senões* tem a vida de Lisboa, por exemplo, tipos como o D. Juan dos passeios e teatros, dos eletricos e estabelecimentos de modas... mas isso é comum a todos os grandes centros... Está satisfeita?

—Muito, snr. de Moigénie. E não o incomodo mais. Vejo que me falou com sinceridade. Agora resta-me agradecer-lhe mais uma vez, desejar-lhe todas as venturas e retirar-me.

—Já?

—Demais demorei e demais já falto em minha casa.

—Desculpa-me decerto qualquer involuntaria inconveniencia.

—Oh! sr. de Moigénie! ..

—Minha senhora!

—Viagem feliz. Não se esqueça do pequeno Portugal. Ponha de parte os defeitos. Diga aos seus compatriotas *que isto não é um sertão: é um paraiso*... só um pouco mal governado. Adeus.

E é esta, adorada Mariette, definitivamente a

minha *ultima* carta, escrita em terra de Portugal. Despedi-me hoje de Lisboa. Fui procurar alguns arrabaldes, Bemfica, o Lumiar, Sacavem, Algés, e, tomando um lindo vaporsinho da Casa Burnay, lá fui ao castelo d'Almada contemplar a grande e linda cidade, seguindo depois até ao Alfeite onde ha uma grande e formosa tapada real. Levo saudades, confesso. E' um país de sol e amor, de flores e luz. A nossa lingua é aqui falada com uma distinção e carinho que não são egualadas em parte alguma do mundo. Lisboa, até nas estantes dos livreiros, está cheia da alma da França. Parece que me despeço de irmãos. Sinto as lagrimas nos olhos ao pensar que hei-de partir, atravessar como um relampago o rincão português e, de passagem pela Espanha, muito menos cariciosa e atraente, dizer comigo: «O' Portugal, porque não has-de tu estar mais visinho da minha Patria.»?

Sempre teu — *Moigénie.*



TESTAMENTO DE MARIETTE



Colhida na juventude e nos braços do meu Amor, pela Morte, vale-me, nesta penumbra da agonia, a fé num Deus de Justiça, Amor e Verdade. Entrevejo-o já. Emquanto o espirito se desprende lentamente do cárcere combalido da carne, o meu olhar faz-se mais subtil, mais penetrante, mais vidente.

Morrer assim, faz saudade, mas dá a felicidade. A saudade é passageira. Os anos são instantes no Espaço e no Tempo. Os que são nossos nunca deixam de o ser. Volvidos momentos estão comnosco e comnosco caminham para o Bem Absoluto, para Deus.

O meu Victor vê-me escrever isto e chora. E' que as lagrimas são o orvalho da Terra. Mas elle bem sabe que a minha viagem de agora me aparta do seu espirito muito menos do que de mim o apartou a sua viagem a Portugal.

E, pensando nisto, as suas lagrimas bebe-as nos meus ultimos beijos, porque lh'as devolvo em sorrisos de serenidade e legitimas esperanças. Animo! lhe diz o meu olhar. Fé! lhe diz o meu sorriso. Esperança! pulsa, amortecido e lento, o meu coração.

Mas, emquanto Victor fica neste exilio que vou deixar, eu quereria que elle tivesse algum tesoiro meu. Que muito que eu lhe deixasse tudo que tive de bom, de santo, de puro?

Não me deu elle toda a sua vida, todo o seu sangue, toda a sua alma? Não foi elle que na Sciencia me revelou a apoteóse do Espirito sobre a riqueza da Materia? A quem devo eu esta coragem sem esforço, esta saudade sem desespero, esta resignação sem fel?

Mas, procurando em todas as minhas joias, nada encontro de util. O diadema de brilhantes que me deu no dia do noivado está hoje lindo como nunca e *nosso* de todo o sempre... porque o dei á miseria dos indigentes. Hei de ir buscá-lo se, sendo de todos, é meu? Mas não perderia elle o valor das joias que hoje o esmaltam—as lagrimas dum sincero reconhecimento?

Encontro, porém, as notas sobre a Mulher que Victor escreveu sem preocupações, depois de voltar de Portugal e que me pediu eu lêsse, corrigisse e melhorasse. Victor gostou sempre de ter o coração por seu collaborador.

Guardei o manuscrito no logar das joias que dei á miseria e fiquei convencida de que tinha substituido pedras por flores com frutos. Enganei-me? Não sei. Sendo o meu unico tesoiro, o que mais fala á minha alma de mulher, deixo-o em testamento a quem m'o deu do coração.

E, agora, Victor, silencio. O meu perispirito desprende-se. Os teus beijos já os não sinto senão como orações.

O teu tesoiro não fica, indo, afinal, comigo, porque nunca nos abandonam os nossos desejos honestos, os frutos do nosso amor do proximo e de Deus. Ampara-me a cabeça no peito e vê como um espirito se evola da carne e mergulha-te inteiro no perfume da Vida, donde has de ver-me, cantando e subindo, sempre amando e progredindo, até que venhas tambem amar, progredir, viver!

Mariette.

O TESOIRO DE MARIETTE

I

Tentativa — A mulher portuguêsa — O seu heroismo — As irmãs de Afonso II — A viuva de João III -- Deusadeu Martins — Heroinas na India e na Africa — Poetisas, teólogas, matematicas, humanistas, oradoras e professoras — Da Infanta D. Maria á Marqueza d'Alorna—Da Marqueza d'Alorna aos nossos dias — Porque não triunfa já o feminismo em Portugal?

Nas singelas *Cartas dum Estrangeiro* deixei eu, viva e simples, a nota impressiva ãcerca dos portuguêses. Não pensei em metodo: quiz dar com sinceridade um punhado de notas sobre as mulheres que conheci na viagem mais encantadora que tenho feito na Europa.

Agoro, ao lado de Mariette, rememorando todas as impressões, penso em coordenar principios, se sou capaz de estabelece-los sobre o que vi, ouvi e li ácerca das mulheres em Portugal. A mulher portuguêsa é primacial, na minha opinião. Se eu quizesse dar o modelo da dona de casa, ia

procura-lo positivamente a Portugal. Depois, era apenas orientar-lhe e fortificar-lhe as qualidades nativas para ter nessa mulher a mulher do futuro, como eu a entendo, livre e digna, honesta e sincera, fecunda e pura. Tudo o comprova e proclama.

Pude estuda-la diretamente e pude ler e ouvir o que ella foi na gloriosa historia da sua Patria. A sua singeleza e bondade não lhe tolhem nunca a energia e até o heroismo.

Mas, acima de tudo, o amor da Bellleza e da Justiça é o seu encanto de 7 seculos. Parece que a portuguêsa nasceu para amar, trabalhando, como para trabalhar, cantando.

Na mais humilde mulher de Portugal ha uma heroina e uma poetisa e crente. O heroismo da mulher esplende logo nos primeiros tempos da liberdade deste povo, tão bravo e tão palido, tão generoso e tão valente. E' o rosicler da sua aurora.

O 3.º rei de Portugal, Afonso II, o Gordo, foi decerto valoroso, mas ainda foi mais ambicioso. Na sua pequena alma—desculpem-me os portuguêses—tinha logar predominante o egoismo. Não lhe sofria, pois, o animo ver que suas irmãs, as infantas D. Sancha e D. Tereza, eram as senhoras, a primeira do castelo de Alemquer e a segunda, do castelo de Montemór. O rei, chegou a toda a violencia para as usurpar dos dominios que lhes deixára D. Sancho I.

Pois as duas infantas, tão gentis (e uma dellas tão santa) não se apavoraram. Cheias de dignidade e energia, resistiram ao irmão egoista que as cercou apertadamente nos seus castelos. E o exercito agressor teve de reconhecer a inutilidade de assedios. E as duas esbeltas senhoras obrigaram a

pedir paz ao já poderoso rei de Portugal, homem rude e corpulento, afeito a guerras e perigos.

Mas, se estas infantas são modelo do heroismo guerreiro, outras senhoras portuguêsas são modelo do heroismo dos heroismos, o heroismo do Bem. D. Leonor é uma rainha de legendaria caridade, de admiravel altruismo. Funda a Misericordia de Lisboa e o Hospital das Caldas, lança os fundamentos dum teatro português, protege o imortal Gil Vicente, o Plauto de Portugal. E' o Bem aliado ao Belo, ou antes, ao Belo e ao Util.

D. Catarina, viuva de D. João III, lembra, no tino governativo, a celebre Catarina da Russia. Libertando Mazagão dum terrivel cêrco e fundando o Instituto dos orfãos, dando habil despacho aos negocios e protegendo a Universidade de Coimbra, a ilustre senhora é mais um modelo da mulher portuguêsa, sempre a juntar as flores do coração aos frutos da inteligencia, do estudo. Infelizmente não a avaliaram por completo no seu tempo. A figura triste do Cardeal D. Henrique levantava-se já ao largo com a traição pela Espanha. A rainha não pôde ser, como o podia ser, a Semiramis portuguêsa. D. Sebastião não pôde ser contido pelos seus conselhos. Portugal ia ser escravo e a gloriosa senhora morria, esquecida e incompreendida, embora forte e luminosa como o cristal.

Entretanto, a Mulher de Portugal não ficava sepultada na escravidão da Patria. Pesava sobre os portuguêses o poder de Filipe 2.º; mas D. Catarina de Bragança, muito instruida em sciencias e artes, amorosa da Patria e do Bem, é um protesto, um brado, uma força, contra a corrução e a doblez.

E, se o velho regimen está encantado com

estas grandes figuras, manda a justiça dizer que a mulher do povo em Portugal dá bem razão, pelas suas virtudes, á mais fecunda Democracia.

Reinava em Portugal D. Fernando. Rei corruto, escravo de paixões tristes, expunha o seu reino aos perigos mais graves. Se os portuguêses não fossem destinados a uma grande missão historica, tê-los-ia entregado elle para sempre á escravidão de Castela. O rei era um tuberculo dentro dum marmore — pôdre e formoso.

Um dia, a linda praça de Monsão apareceu rudemente cercada pelo inimigo. Não se apavorou a guarnição. O heroismo deu recursos á resistencia do pequeno exercito. Mas tudo faltava. A fome era cruel. Os defensores lutavam já mais comsigo, em esforços para se terem de pé, do que contra os sitiantes. Ia render-se a praça. Quem a salvou? Uma mulher, Deusadeu ou Deuladeu Martins. Vendo tudo com tristeza, transformou, de subito, o valor em astucia. Mandou fazer alguns pães da pouca farinha que restava e, intrepida e serena, subiu ás muralhas e, atirando com os pães ao inimigo, gritou: «*Ha pão na praça para dar e vender!*» Espantou-se o inimigo com esta suposta abundancia, elle que só da fóme esperava a conquista da praça; e, cançado de esperar, levantou o cêrco. Deusadeu Martins valeu por um grande estrategico.

Mas, ao lado de Deusadeu Martins, vejo a padeira Brites d'Almeida, matando castelhanos com a pá do seu forno — embora a lenda exagere o feito —, Maria de Sousa que, por D. João I, foi cavaleira de ferro, e muitas outras que vivem na alma dos portuguêses como Joana d'Arc na alma da França, brilhantes e eternas.

Na India, na época das conquistas portuguêsas, a mulher de Portugal lá aparece heroica e meiga, digna e épica. Isabel da Veiga, Ana Fernandes, *a velha de Diu*, e a abnegada Catarina de Sousa que declarou empenhar a sua propria filha pela Patria, se preciso fosse, têm a febre e a tempera das Amazonas da Grecia. E assim na Africa. E' D. Isabel de Castro batalhando no cerco de Alcacer contra o rei de Fez. E' D. Isabel Galvão em Ceuta contra os Moiros. E' D. Maria Ursula a pelejar em Amboná. E' Antonia Rodrigues, vestindo-se de homem, e imortalisando-se em Mazagão, altiva e intrepida.

Mas, se a bravura das portuguêsas é extranha, quási unica, nem sei como notar o seu amor do Belo, a sua aptidão admiravel para as artes, especialmente para a poesia. As Safos dos primeiros tempos da vida de Portugal são inumeras.

Do seculo XVI em diante, disputam palmas aos trovadores mais deliciosos, como os tiveram sempre os portuguêses. D. Joanna da Gama, autora dos *Ditos de Freyra,* tem melodias dignas do nosso Malherbe. Tereza Margarida da Silva e Horta escreve um poema epico-tragico com estancias duma factura camoneana.

Depois, nem só a Espanha teve a sua gentil Tereza de Jesus. Soror Brigida de Santo Antonio (D. Leonor de Mendanha) deixou discursos e praticas duma grande filosofia mistica. Soror Violante do Céo, escrevia comedias, as *Rymas Varias* e o *Parnaso Lusitano,* e deixava o nome duma poetisa excellente, apezar do seu gongorismo. D. Feliciana de Milão, freira de Odivellas, escrevia conceituosas decimas, cheias de chiste e ironia, quási juvenalinas.

E devo eu esquecer a linda e talentosa infanta D. Maria, tão admirada pelo Virgilio português, por Luiz de Camões, tão culta e soberana?

Na propria teologia vejo as mulheres portuguêsas destacadas com brilho. D. Isabel de Castro foi teóloga e poetisa. Filósofas, matematicas e humanistas foram D. Constança Freire, D. Joana Micaela e D. Umbelina de Tavora. Insignes na filosofia e na matematica, encontro eu D. Leonor de Menezes, e a Condessa de Serem e de Albuquerque.

É um verdadeiro prodigio: Mariana d'Abrantes (vulgarmente a *Marianinha),* finada aos 17 annos, e autora de varios livros de *Filosofia Moral* e *Retorica Moderna,* prometeu ser o Hugo Grocio feminino da sua Patria, embora só fosse, como foi, relampago extinto de subito.

Mas, como se pouco fôra haver uma Violante do Céo, eu leio com assombro o nome de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, autora de dois poemas: um, heroico, e com o nome de *Espanha Libertada* e o outro, descritivo, com o nome de *Soledades do Bussaco,* rosario de harmonias, soluços e ódes.

E na pintura tambem não faltam ilustres portuguêsas. A freira do convento das Chagas de Lamêgo Soror Maria da Cruz, D. Joaquina Wolkmar, Luiza Maria Rosa e a Duqueza D. Anna de Lorena deixaram telas de valor e fulgor, embora a todas excêda Josefa de Obidos, ou de Ayala.

Na arquitetura teve Portugal uma gloria em D. Margarida de Noronha, como na escultura teve Inacia d'Almeida, e tem hoje a Duqueza de Palmella.

E' uma portuguêsa linda e corajosa, D. Leonor da Fonseca Pimentel quem, ao aproximar-se

o inimigo de Napoles, entôa o hino da liberdade com tanta energia e elevação, que todo o povo se arma contra o proximo invasor. E, depois, não foi Leonor só Musa: foi tribuno, tendo tal eloquencia, que a têm comparado a Lamartine, a todos os grandes Orfeus da plebe convulsa.

Mas, apezar destas manifestações tão diversas, a mulher portuguêsa, muito mais do que a francêsa, pende sempre para a poesia. D. Catarina, viscondessa de Balsemão, foi uma poetisa maviosa, e, comtudo, vejo a excedida em muito pela Marqueza d'Alorna, a *Alcipe*, D. Leonor d'Almeida, chamada por Alexandre Herculano a *Mulher Extraordinaria.*

Das suas obras originaes uma das melhores é o poema em seis cantos *Recreações botanicas.* Traduziu e imitou diretamente Pope, Thompson, e Ossian.

Foi sua discipula D. Francisca de Paula Possolo *(Francilia)*, tão notavel pela sua modestia como pela sua delicadeza de sentimento, doce e sentido.

Além da Condessa do Vimieiro, poetisa melodiosa, além de D. Mariana Antonia Pimentel Maldonado, não menor poetisa, alem de D. María Cecilia Ailland, autora dumas tocantes *Memorias*, eu sei que resplandeceram senhoras como D. Maria Rita Chiappe Cadet, auctora dos *Versos*, *Sorrisos e Lagrimas* e *Flores da Infancia;* D. Antonia Gertrudes Pusich, dramaturga e jornalista, poetisa e oradora; D. Maria Felicidade do Couto Brown *(Soror Dolores)*, autora dos livros *Soror Dolores*, *Vibrações da Madrugada*, e do *Meu Ultimo Canto*, obra cheia de verdadeira poesia; D. Mariana Angelica d'Andrade, a poetisa admiravel

dos *Murmurios do Sado e Reverberos do poente*; a poetisa Henriqueta Elisa Pereira de Sousa; D. Maria José Canuto, prosadora, poetisa e professora modelar, sempre fanatica pelo Ensino; D. Guiomar Torresão, ilustre romancista, e emfim as que nas despretenciosas cartas a Mariette eu nomeei, sendo algumas ainda vivas, e apostolisando todas a Verdade, a Justiça e o Belo ao lado dos homens mais eminentes e gloriosos, dos mais abnegados, dos mais intrepidos.

E' pois, de grande valor a mulher portuguêsa. Porque é então que a sua Patria caminha ainda lentamente para o almejado progresso mental e moral? Porque é que fui encontrar o feminismo naquelle belo país ainda tão afastado da acção homogenea e fecunda que lhe compete?

Porque é que algumas feministas com quem tratei revelam, em lampejos consoladores de boa doutrina, relampagos funestos de arrojos condenaveis?

Porque é que em tantas das portuguezas com quem falei e cujo dialogo, por vezes, por aqui transcrevi, se revela a par duma aspiração generosa, um perigoso descarrilamento mental?

II

O mal unico — Os legisladores portuguêses — Medo do Ensino — Liceus femininos — Onde se gastam as receitas do Estado — Exemplos para Portugal — A Russia e o seu Instituto de Karkow — O que se tem feito — A antiga mulher de Lisboa — A atual — Os programas do ensino em Portugal — Como se deverá entender a emancipação da Mulher? — A suposta inferioridade mental da Mulher.

Como dizem unanimes todas as portuguêsas ilustradas que conheço, o mal vem só da falta de Instrução e do triste acanhamento dos legisladores.

O Estado em Portugal, sendo desleixado d'ordinario em tudo que se refere ao Ensino, parece, porém, caprichar no desprezo mais completo pela Instrução da Mulher. Parece proposito e é simplesmente rotina.

A lei de 1835, nem quiz ver o sexo feminino. A lei de 1844 chegou apenas a autorisar a sucessiva criação de escolas para esse sexo. Anselmo Brancamp fundou a Escola Normal, mas só em 1870 o Ministerio d'Instrucção Publica, que hoje não existe — o que é um desdouro para Por-

tugal, pois esse ministerio encontra-se em todos os povos cultos — se atreveu a falar de economia domestica, historia natural, higiene, escrituração, canto. desenho, etc., para ensino da Mulher.

Hoje, apezar de evidentes progressos, as Escolas Normaes do sexo feminino são muito inferiores em programas, pelo menos na parte pratica.

Os governos de Portugal parecem ter medo ao Ensino. Assim é que o regateiam quanto podem. Não ha pela Europa professor primario mais trabalhador e, afinal, tão mal pago como o português.

Mas o ensino da Mulher sobreleva a todos em desleixo e curteza.

Não ha liceus femininos, além dum na capital. Nas escolas do sexo feminino não ha noções praticas e uteis: ha, quando muito, um leve estudo de prendas, de linguas superficialmente e só teoricamente aprendidas, piano e nada de economia domestica. E caso singular: a mulher portuguesa estuda agricultura nas escolas primarias. A higiene e a ginastica são espungidas como estudos superfluos. Não admira. Pouco menos sucede nas escolas para o sexo masculino, tão mal amparadas pelo Poder.

O leitor estrangeiro hade julgar, porém, que a causa de tudo isto é o emprego da receita do Estado em outras necessidades. Mas o que eu vi com tristeza em Portugal é que os governos dizem dispender milhares de contos anualmente com o exercito e com a armada, e não podem opôr ao mais debil inimigo da Patria uma resistencia séria. Disseram-me em Lisboa que, quando a Espanha, ha tempos, apoiada por Guilherme da Alemanha, quiz invadir Portugal, havia apenas para

cada soldado português 3 cartuchos! A sua marinha de guerra é uma verdadeira e visivel vergonha. A marinha mercante é pobre para um país tão essencialmente maritimo.

E isto parece sem remedio. Os governos fingem ter diferentes programas—e quero crer que os tenham: no que são todos a mesma coisa, com raras exceções, é no maior desprezo pela Instrução, principalmente do sexo feminino.

Vale um tanto a esta vergonha a iniciativa particular. Mas, naturalmente limitada e geralmente desorientada, os seus resultados são tão lentos como incompletos. Continuam faltando, sempre mais ao sexo feminino do que ao masculino, aliás tambem carecido dellas, as escolas profissionaes e manuaes.

Como hade dar, pois, a Mulher Portuguêsa uma orientação pratica e moderna ás aptidões e virtudes nativas a que ha pouco me referi?

Como hade progredir a educação civica em Portugal, se o seu melhor apostolo, a Mulher, é tão cruel e insensatamente afastado da cooperação perfeita no engrandecimento da sua Patria?

E, todavia, Portugal ha muito tem belos exemplos ao pé da porta. Em Madrid, se fundou em 1870 uma Associação para o ensino da Mulher. E, se alongar os olhos pelo estrangeiro, o generoso português verá similares e inumeros estabelecimentos em França. Quem não conhece na Europa a Escola Feminina que Madame Victor Paulin fundou em Paris no ano de 1871? Quem desconhece a benemerita Sociedade para o ensino profissional das mulheres e fundada por Elisa Lemmonier?

Faz realmente pena que os governos de Por-

tugal não olhem para tão admiraveis exemplos. E não se diga que todo o mal vem de ser pequeno o país. Muito mais pequena é a Suissa e tem excelentes escolas profissionaes do sexo feminino. Menores são a Holanda, a Belgica e a Dinamarca e ellas honram-se com muitos estabelecimentos desse genero.

Não se argumente ainda com o atrazo das instituições. As instituições mais absurdas, quando querem impor-se, se o conseguem, é sempre pela adopção prudente do que ha de melhor no programa das instituições futuras.

Assim a Russia é um imperio despotico e na instrucção caminha ha muito bem mais do que algumas monarquias liberaes. O esplendido Instituto de Kharkow, escola profissional das mulheres, confirma o que digo. E' que na autocracia moribunda, entrou, ao menos, um reflexo do dever comum.

Tolstoi, o libertario genial, tem ditado leis mais uteis dentro do despotismo do czar do que os legisladores de Portugal e tambem da Espanha dentro dum liberalismo que eu desconfio muito ser repulsiva tirania. Pelo menos, pelos resultados em assunto tão superior e fecundo.

Bem sei que veem dizer-me que ha em Portugal escolas para o sexo feminino, de instrucção primaria, secundaria, normal e superior. Frequentam as mulheres os liceus, as escolas normaes e um pouco as Escolas Medicas e a Universidade. Assim é; mas que feição pratica tem o ensino em Portugal em cada um desses estabelecimentos? Já muito depois de eu ter chegado a Paris, li com desgosto que se reprovou em Coimbra um distinto estudante de Direito, só porque era perigoso dei-

xá-lo ocupar a cadeira de lente. E porquê? Porque o moço — isto é assim — sabe mais do que os seus lentes, ou antes, entende, discute e comenta o que sabe, ao contrario de quasi todos os doutores da Universidade que decoram — sem mais ação mental — velhos, pesados e inuteis conhecimentos com que se fazem umas aborrecidas lições escritas — as *sebentas*, ou seja resumos de noções.

Segundo me disseram, alguns liceus são nisto miniaturas da Universidade.

Como ha-de progredir Portugal, limitando ou dando assim uma pobre instrucção a ambos os sexos? Com pesar o digo: nada de solido e de util. Alguma coisa se tem feito? Observei que sim. Já ha mulheres telegrafistas e mulheres caixeiras. Mas isto será tudo que Portugal precisa conquistar para a Mulher?

Entretanto, pela leitura dalguns autores portuguêses, a mulher de Lisboa principalmente vai progredindo, o que, afinal, se deve ao facto de ser Lisboa a cidade mais rica em Portugal de escolas e estabelecimentos de ensino um tanto pratico, como de todas as demais escolas.

Antigamente — ha meio seculo — as lisbonenses tinham um tanto ou quanto de circassianas de harem. Não saíam das carruagens nem para comprar um chale nem para tomar um refresco. Escondiam-se, velavam-se.

Era proíbido olhar e sorrir. Desgraçada da dama que se constipasse em passeio. Tinha de abafar os espirros sob pena de... incivilidade. Os bailes eram paradas de estatuas, como as conversas paradas de monosilabos.

Quando sabiam ler, não podiam ir além do livro de Missa. Quando gostavam de cosinhar, só

podiam fazer dôce. Dama que cantasse, a não ser desqualificada até á ignominia, era, pelo menos, classificada de *comica*, grande insulto naquelle tempo. Nos teatros, era *má mulher* a que assistia fóra do camarote onde devia estar olimpicamente aprumada, desdenhosa e calada.

Não era preciso ser dona-de-casa: era preciso ser muda, soberba e altiva.

A criada de servir era tão indispensavel como a casa de residencia. Mas as senhoras não governavam, viam governar. Emquanto os maridos davam o dinheiro, ellas... esperavam pelo jantar. Se havia esturro ou pouco de comer, então é que eram donas-de-casa: ralhavam, trovejavam e... iam-se deitar.

Vivendo mais em casa do que hoje, conheciam, pelas vidraças, mais a rua do que a casa, mais o baile do que a dispensa, mais a vida alheia do que a sua.

Hoje a mulher de Lisboa já não é isso, como já não é, como o foi, segundo me dizem, palida, esqueletica, mesquinha de presença, embora sempre com grande graciosidade um pouco mourisca, ou árabe.

Mas será já a mulher verdadeira? Como, se lhe negam todo o ensino pratico, ou quasi todo? Depois em Portugal ha a mania da grandeza dos programas. A parte instrutiva é sempre árida e aterradora de exigencias teoricas. Sobretudo, exige-se tanta instrução, que a mulher portuguêsa fica... sem nenhuma ou com pouca e má, e ainda sem o que, a rigor, se chama *educação*, porque essa, com franqueza, nem ha tempo para a ministrar.

Emancipar a mulher, portanto, é em Portu-

gal ainda muito mais dificil do que parece á primeira vista, apezar de tantas aptidões e virtudes.

Mas que entendo eu por emancipação da Mulher? Masculinisá-la? Longe de mim tal absurdo que repilo com sinceridade e calor.

Emancipar a Mulher deve de ser valorisá-la dentro dos destinos que lhe assinala o seu sexo. A maternidade é o seu papel culminante. Sendo insubstituivel nesse papel — como penso que ninguem duvida — emancipá-la não é expulsá-la da sua maior gloria e utilidade: emancipá-la é dar liberdade consciente á sua missão.

E, posto isto, que significa a urgencia de que a Mulher seja instruida e educada para ser verdadeiramente livre, mesmo porque a verdadeira liberdade, se é a maior posse de direitos, é a melhor compreensão de deveres, eu não contesto, porque seria apenas excentrico, a diferença que entre o homem e a mulher estabelece a desegual conformação fisica.

Ao que eu não avanço, como o dr. Virey, é a afirmar a sua inferioridade mental. Que a mulher prime mais no coração do que na razão diz, menos do que parece, contra a sua inteligencia. Porque, onde está uma ideia sólida e fecunda sem profundo sentimento? E, se a mulher porque tem vivido mais concentrada, alcança um menor horisonte mental, quem nos assegura que ella, quando livre de estereis preconceitos, não possa ver tão bem como o homem? Não se viu em George Sand um genio verdadeiramente varonil? Clemence Royer não é outro exemplo? Não o é ainda e esplendido, a esposa do sabio Curie?

Em Portugal, além dos nomes noutra parte citados, não vemos pensadoras e poetisas como

D. Maria Peregrina de Sousa, D. Adelina Amelia Lopes Vieira, Viscondessa de Corrêa Botelho (D. Anna Placido, esposa de Camilo Castelo Branco) e Viscondessa de Vila Maior, auctora dum belo estudo sobre Camões? Como se afirma a inferioridade mental da mulher, se ella sósinha em alguns paises podia formar uma bela e copiosa literatura?

III

A Mulher, acima de tudo, dona-de-casa — Predicados principaes — Como entenderá a Ordem — Como, a delicadeza — Como, a bondade — Como, a vigilancia — Como, o carinho — Para o que nasceu a Mulher — A liberdade dos homens — Abstenção de processos como a violeneia, a sensualidade e a hipocrisia — A dona-de-casa espelho de todos — Como o exemplo educa — Argumentos sublimes — Como se deve entender a Familia.

Mas, prezado leitor, é tempo de dizer, sem retorica e sem rebuço, o que entendo recomendar aos que instruem e educam o sexo feminino. Se os meus amigos de Portugal me lerem, eu tenho fé que não hão de perder demais o tempo, ouvindo estes conselhos, inspirados em muito pelos principaes defeitos que notei na mulher portuguêsa, afinal tão rica de virtudes e de aptidões, de vontade e de coração.

A Mulher, para se emancipar, como eu o entendo, tem de valorisar-se primeiro como *dona-de-casa*. Assim é que é rigorosamente *dona*, egual ao *dono* do lar.

Cinco predicados principaes deve ter: ordem,

delicadeza, bondade, vigilancia e carinho. O homem ganha o pão; a mulher tambem o ganha, se o governa bem. E aqui temos a ordem. O homem traz o sangue, a vida, a força: a mulher economisa, reparte e defende esses elementos. Se vem o contratempo, a doença, a falta de trabalho, a catastrofe, ella tudo previu, porque tudo poz em ordem. E' a sentinela e a fortaleza, a vigia e a muralha.

Mas a ordem que deve ensinar-se á Mulher não é só a economica. Ha outra ordem egualmente fecunda: a ordem moral. A mulher deve manter o respeito pelo exemplo e pelas palavras. Uma frase mais viva ou inconveniente é uma desordem. Uma leviandade mais extranha e frequente é a desordem. Um despotismo excessivo, como uma familiaridade indigna com os creados, é desordem. Acima de tudo, o seu espirito de ordem deriva em casa do seu prestigio de Mãe, mãe de seus filhos, mãe dos seus creados, mãe do seu proprio marido.

Economisar não é só amealhar dinheiro; é empregá-lo tão bem, que nem haja necessidades nem superfluidades. Mas nem só nisto consiste a economia. Tambem consiste no poupar dos esforços do homem, ou, pelo menos, na melhor compensação, em bem-estar, desses esforços e canceiras. Em Portugal vi quão pouco se pensa ainda nisso. O ideal da noiva é o luxo e o mando. Ignorante da vida pratica, julga que ter dinheiro é sempre possivel ao homem. Não conhece o limite de despezas senão nos caprichos. E assim a portuguêsa, dentro de tantas qualidades naturaes, causa, sem querer, a maior parte dos suicidios que enchem de lagrimas os lares.

A delicadeza não deve confundir-se com a hipocrisia. A delicadeza é uma ginastica da prudencia e da benevolencia. Ser delicado é ser prudente e benevolo e, sem que o sejâmos, não manteremos a Ordem, isto é, o perfeito equilibrio entre os nossos deveres e os nossos direitos, porque, ferindo os direitos dos outros, provocamos o desrespeito dos nossos.

Mas, se ás meninas devemos ensinar a delicadeza, como a melhor força dos seus encantos, no trato e na prudencia, em tudo, não está só nisso a delicadeza. A delicadeza está tambem no asseio, na limpeza, em tudo que agrade honestamente aos outros. E' impossivel ser delicado deveras sem ser limpo, metodico, asseado em moveis, roupas, louças, utensilios domesticos.

A bondade cultiva-se como a inteligencia. Diga-se ás meninas que, por mais má que a sua indole pareça, é sempre possivel melhorá-la com o exemplo e com o conselho. Depois, mostre-se-lhes que a maldade conduz á repulsão dos outros, á infelicidade intima, ao desassocêgo perpetuo. Ser bom é ser justo. O Bem nasce da Justiça. Cultive-se, pois, na mulher o espirito de Justiça e a sua bondade será firme e pura.

Mas a dona-de-casa não confunda a bondade com a indiferença, um verdadeiro mal. A bondade é sempre ativa, prestavel, laboriosa. Quem é bom não é ocioso. A bondade aparente do preguiçoso é maldade, porque é egoismo. Só o trabalho honesto é virtude.

A vigilancia é um dever que muito se deve cultivar, mas sem os exageros da severidade como sem a inconsciencia da rotina.

Vigiar, para a dona-de-casa pelo menos, não

é ser a *sombra* dos Madgyares: é vêr tudo com inteligencia e serenidade sem ser vista em toda a parte. A mulher vê, pelo que tem dentro de si do conhecimento da casa e dos seus filhos, servos e recursos; vê mais pelos resultados diarios do trabalho do que pela visão direta e constante.

Assim a sua vigilancia deve de ser mais previdente que providente.

Quando vier um contratempo, já a sua vigilancia o deve ter previsto, fortificando o lar contra elle. E esse contratempo diz respeito á saude, aos haveres e á moralidade do que a cerca. Antes do medico, deve vêr do que carece o filho ou o marido e prevenir sempre a falta de saude com a maior provisão de higiene. Porisso a dona-de-casa tem de examinar o que se come e vêr como se cosinha e em que louça, ou como está a louça em que se cosinha; e tem de conhecer o temperamento de todos, os seus achaques, a necessidade que tem dos quatro remedios soberanos: ar, luz, agua e exercicio. Moralmente, a sua vigilancia não é menor, nunca sendo, porém, como a dum policia. Vigiará sem espreitar, como economisará sem privar.

O carinho é tão indispensavel á dona-de-casa como ao medico. Toda a lei é odiosa sem bondade. Toda a bondade é esteril sem carinho.

Pelo carinho a mulher tem a maior força, porque usa do melhor encanto da sua aparente fraqueza; não se impôr, atrair, cercar tudo de amor e serenidade.

Principalmente, pois, a mulher deve ser ensinada a convencer-se de que não nasceu para os bailes, para os teatros, para os passeios, mas sim para a Familia de cujo bem depende o da Patria,

como do bem desta depende o da Humanidade. E' preciso que ella não faça, de diversões aliás necessarias, o seu *fim*. A mulher que põe todo o seu ser nas diversões, escravisa-se: não se emancipa. Abdica da sua legitima soberania—o Lar—para ser escrava de modas, etiquetas, pequeninos despotismos em que o *Bom Tom* é tudo e a consciencia e o dever verdadeiro são muito pouco.

Não invejem as mulheres aos homens a sua ilusoria liberdade. Os homens têm outro campo d'ação, a ação mais direta na sociedade: mas a liberdade, que parece superiorisá-los quanto á mulher, é mais escravidão e sacrificio do que prazer e desafogo. Desengane-se a mulher de que o homem digno só se encontra livre e feliz no seu lar. Se assim não acontece a muitos, a culpa é da mulher, porque não sabe cumprir os seus deveres, não só como economa, trabalhadora e colaboradora material, mas tambem como modelo de paciencia, carinho e moralidade.

Os processos da dona-de-casa como moralisadora nunca devem de ser a violencia, a sensualidade, ou a hipocrisia. A mulher, por mais forte e pratica, nunca governa pela força. A força nas mãos da mulher, dá quando muito, o *medo* e ninguem como ella precisa do puro prestigio do *respeito*.

Os encantos fisicos da mulher, por mais sedutores, nunca arrastam sósinhos uma consciencia. Podem automatisá-la, embrigá-la, iludi-la: fortificá-la e orientá-la, nunca. O encanto supremo da mulher é o coração, a alma. Este encanto resiste ao tempo e ás maiores leviandades do marido. E' uma arma sublime e unica, porque é o vivo reflexo do amor e da vigilancia de Deus.

A hipocrisia póde assegurar uma paz morna

e ilusoria, mas insensivelmente faz, da moralidade, mais uma aparencia ou uma conveniencia, do que uma convicção intima e perfeita. O hipocrita finge todas as virtudes sem se defender devéras de nenhum vicio. Póde dar um sofismador do dever e da honra: nunca dá o fiel e satisfeito cumpridor do dever. A mulher hipocrita, quando julga que todos crêem na sua bondade e na sua virtude, está sendo enganada e traída por todos que a cercam. Ensina a perfidia aos filhos e aos creados: faz, do seu lar, simplesmente um pantano com aparencias de lago azul e perfumado.

Finalmente, convençam as jovens casadoiras de que a mãe de familia é o espelho de todos os seus. Se fôr laboriosa, todos trabalharão. Se fôr digna, todos se envergonharão da sua indignidade, se a tiverem. Se fôr paciente, todos refrearão os seus impetos.

O homem mais dissipador cede á economia tranquila e sensata duma boa dona-de-casa. Quando assim não acontece, não é porque não seja poderosa a sugestão della, é porque esta, vaidosa com o seu bom-senso, é afinal carecida de todo elle, porque converte o governo em despotismo, a previdencia em imposição, a vigilancia em espionagem.

A boa dona-de-casa é em tudo *dispenseira:* dos alimentos, dos vestuarios, dos sorrisos, dos confortos, dos beijos, das abnegações, dos exemplos.

Para tudo tem argumentos sublimes: os filhos, o seu futuro, a sua saúde, a sua alegria, o bom nome de todos, a saude e a felicidade de todos. Abnega-se, dispensando luxos vistosos, e conquista abnegados. Sacrifica-se e vê fecundos e espon-

taneos sacrificios em todos. Obedece sempre e consegue mandar mais do que ninguem.

E' que a dona-de-casa é tudo, quando sabe alentar o *espirito de familia.* Estreitamente? Ferozmente? Não. Para isso a devemos instruir, tanto como educar. E' preciso que ella entenda bem o que é a familia.

A Familia, sendo a Patria em miniatura, só é perfeita quando tem com as demais familias a bondade e a fraternidade que unem os membros de cada lar. Só assim se fazem as grandes Patrias. Só assim todas as Patrias pódem vir a ser, um dia, a enorme e imortal familia—a Humanidade.

IV

As festas familiares — Os serões portuguêses — Como seriam com boa Instrucção e Educação — As festas religiosas — As lendas e contos — Deus e a familia — O espirito religioso e o espirito de familia — O nosso tempo — A Mãi é o melhor missionario — A discussão em familia — Como na familia se cultiva a fraternidade social — Deveres da vizinhança — Como deve comportar-se a dona-de-casa nas reuniões familiares.

Mas, se o lar deve de ser assim o objéto constante e puro da dona-de-casa, no trabalho, na ordem, na economia, nem porisso são vedados a uma familia honesta o repoiso, a distração, a festa.

Saber dirigir o trabalho, fecundá-lo, valorisá-lo, é muito: mas sabê-lo aligeirar, perfumar e alegrar, não é menos.

Além disso, é necessario que quem trabalha tenha repoiso e prazer. Ora o melhor prazer dos espiritos é o convivio satisfeito e casto, celebrando em comunidade os afétos que nos unem na luta pela vida. O melhor repoiso é o que se goza em reuniões familiares, dando uso ao que é alegre, suave e compensador, á musica, á dança, aos divertimentos inocentes, ás conversas recreativas que tambem podem ser instrutivas.

Os pais, dos brinquedos e festas dos seus filhos, podem fazer a melhor compensação aos seus trabalhos e o maior desafogo das suas canceiras.

Os serões portuguêses á lareira são admiraveis exemplos do que digo.

Encantou-me, principalmente na Beira, no Minho e em Traz-os-Montes, aquella vida patriarcal e simples que resplandesce á luz da lareira, as velhas fiando, as moças contando historias e as criancinhas ouvindo, rindo e já tambem narrando casos ouvidos.

Por vêses um velho impunha o silencio com lições habeis de moral, dadas em narrativas interessantes. E o sôno vinha com dificuldade, pela noite adiante, mais tarde, parecendo a todos que o tempo correra depressa demais.

O que é preciso só é que a Instrução tome ainda mais o seu leme. A contar anedoctas, pode ensinar-se historia, moral, higiene, educação civica, fisica e até matematica. Mas como hão de fazê-lo em geral as portuguêsas? Voltamos ao ponto fundamental: instruam-nas solidamente ao mesmo tempo que as eduquem!

As festas solenes — Natal, Pascoa, etc. —, as festas d'anos, as festas civicas da Liberdade e da Humanidade, teriam, alem do seu antigo perfume, uma novidade completa em frutos e cultura. Não perderiam o aroma singelo do passado e dariam a melhor colheita do que ha-de preparar o futuro. A mãe ficaria como que a sacerdotisa magna do seu templo. Ideias, sentimentos, caratéres, tudo derivaria della suavemente, desenfadadamente, amoravel e fecundamente. Como não seriam bem uteis e filosoficas todas as lendas, fantasias e contos! A mãe instruida tudo explica e tudo

sabe, porque muitas vezes quasi o adivinha, conhecendo-lhe embora só os traços geraes.

Conta um velho, por exemplo, uma historia de fadas. A mãe depois expõe o que ella quer dizer, e, gravada bem a moral do conto, diz ás crianças o que é um conto de fadas e como a fantasia vem servir a realidade. Não impõe o fantastico como verdadeiro: tira do fantastico, o ensinamento que elle apresenta dentro de excitantes novidades.

Que magnificos não viriam a ser os serões de Portugal, ainda tão encantadores de poesia e prestigio nas provincias daquelle lindo país!

A Familia seria templo e escola, instrucção e educação por excelencia. Quem podia duvidar dos progressos fecundos e solidos duma Patria constituida por familias assim?

Porisso eu entendo que é bem mau contrariar as festas religiosas e intimas, aquellas em que Deus se ama e vê com toda a pureza. Tirar Deus á familia é o mesmo que tirar o Sol a um jardim. Deus é a Verdade, o Amor, a Justiça, o Bem. Se querem vê-lo como elle é, infinitamente bom e generoso, não o neguem; apresentem-no sem os atributos de Rei cruel e mortal com que outrora o figuravam. E todas as santas lendas que acerca delle encantam e enriquecem a Humanidade serão uteis, profundas de verdade e claridade. E os serões de familia voltarão a ter, como tiveram, verdadeiros alfobres de virtudes e terão, como nunca tiveram, fructos de bondade, verdade e fraternidade.

Porque, afinal, nada melhor conserva o espirito de familia do que o amplo e sincero espirito religioso.

O verdadeiro espirito religioso raciocina e sente, pensa e ama. Crê, porque julga; ama porque compreende. A religião sincera fraternisa-nos e faz-nos tolerantes: funda-se na Sciencia e dá-nos a Consciencia, sobe do Cosmos a Deus, como da Verdade se sóbe á Eternidade.

Ah! meus irmãos de Portugal, o nosso tempo é devéras grande. Achou-se todo o valor da Materia e depois encontrou-se toda a realidade do Espirito. Como quereis a Mulher verdadeira sem esta orientação?

A dona-de-casa, quando for bèm consciênciosa, terá na leitura uma arma brilhante. E o serão terá mais um novo aspéto. Ler sempre o Evangelho, onde ha tanta narrativa simples e profunda, ser-lhe-á depressa tão grato como substancioso: ler tudo quanto é puro, de espirito são e franco, cheio da verdadeira ancia da Verdade, será a consequencia do bom entendimento do Evangelho. Vereis depois como a familia pede a leitura da Historia e das Sciencias Naturaes, a leitura de tudo que conduz a alma, da noção positiva da Terra, á dôce e plena certeza da sua imortalidade.

Não ha missionario independente e sincero como a boa Mãe quando instruida e educada á luz da Sciencia e da Consciencia. E estas elevam hoje, como nunca, diretamente, sem ficções e sem restrições, o espirito humano a Deus.

E a leitura ao serão, dando conhecimentos da moral, da historia dos grandes amigos da Humanidade, etc., etc. é tambem pretexto para um pequeno parlamento. Ouvem-se opiniões e reflexões. Vêm a proposito interesses de vulto. Discute-se amigavelmente e sinceramente o que ás vezes os oradores não conseguem discernir em tempestuo-

sas e grandes sessões. Cada familia se constitue um *individuo* util e consciente da Patria. Onde melhor se póde firmar a educação civica?

E nessa fraternidade dos membros duma familia se baseia a fraternidade social. As mães devem porisso conhecer todos os deveres que ha entre familia e familia. O egoismo não deve substituir nunca o mais bem entendido altruismo.

Atraír os visinhos por meio de festas simples, radiosas de honestidade e cordialidade, é preparar a familia para servir a Patria e a Humanidade.

O isolamento não é só egoismo, é tambem aniquilamento. Fazer do lar um modelo, é pouco, se o não expômos aos olhos dos lares vizinhos, como exemplo modesto, mas firme, como élo perfeito da grande cadeia de que se fazem as Patrias.

Ha deveres sociaes que, até por nosso interesse, uma boa familia não póde deixar de cumprir. As visitas de parabens, ou de pezames, de casamento ou de Boas-Festas, etc. são manifestações que, quando condignamente sinceras, estreitam imenso os laços da fraternidade social, fazendo mais perfeita e fecunda a educação civica.

A dona-de-casa deve saber, ou antes, deve *sentir* isto. Mas, para que essas relações sejam de perfeita utilidade, deve abolir constrangimentos, praxes incomodas e inuteis, ostentações lamentaveis e vãs. A simplicidade e a sinceridade devem presidir a todas essas provas de fraterno convivio, abolindo vaidades que irritam, hipocrisias que prevertem, espalhafatos que fatigam e que despertam sentimentos ruins. Todas as palavras devem ser egualmente amaveis para jovens e velhos, sem preferencias que despertem emulações ou suspeitas até.

A alegria da dona-de-casa deve de ser suave, prudente e sensata. Nada de exagêros que pareçam leviandades e nada de retraímentos que pareçam enfado ou desconfiança.

Nunca dêm ás conversas o tom frivolo dos ignorantes e vaidosos. Falar só em modas, em defeitos alheíos, factos picarescos até, foi por muito tempo singular monopolio de senhoras. A verdadeira Mulher tem sempre assuntos superiores e muito mais agradaveis a todos.

Delicada sem afetação, nunca será prodiga de mesuras e de requintados cumprimentos. Nunca parecerá bem, se mostrar querer ter o primeiro logar em beleza, inteligencia, ou jerarquia. A boa dona-de-casa pretende sempre ver todos seus eguaes, afectuosos e sinceros, cordialmente amigos e satisfeitos. Mas, convicta do muito que póde fazer e dizer nas festas familiares, nunca fale superficialmente sobre todos os assuntos.

Abstenha-se mesmo de tudo que traz discussões vivas, principalmente politica, ou seja quanto ella desconheça diretamente.

De todos os encantos da dona-de-casa, o mais sedutor é a modestia. Mas a modestia é preciso que não seja nunca a hipocrisia.

Quem finge a modestia, ofende tanto ou mais do que quem é soberbo e vanglorioso. Com uma verdadeira modestia nem ha chistes de mau gosto, nem palavriados importunos, nem ponderações hipocritas. A alma é livre, pura, natural, satisfeita de si e de todos.

Moderem as mulhéres o seu natural espirito de critica. Antes de criticarem, que vejam, pelo menos, se os defeitos que as fazem falar não podem existir em si proprias. Eu não conheço me-

lhor máxima para a consciencia dos criticos e não criticos do que a de Allan Kardec: «Vê sempre se te agrada em ti o que te desagrada nos outros.»

Mas, se a critica é simples pretexto para fazer rir, muito menos a devemos alimentar. Rir dos outros quasi sempre é rirmo-nos de nós proprios. Além disso, perturba-se muito a intimidade sincera. Sugerem-se desforços e invejas. Quantas vêzes um dito picante não é causa de deploraveis discordias!

Emfim, as reuniões familiares são como que a escola pratica do altruismo das mulheres.

Em parte nenhuma, como lá, se aperfeiçoam as suas qualidades e se provam os defeitos do seu temperamento. Como em parte nenhuma, a dona-de-casa mostra quanto conhece que a fraternidade social é simplesmente a base pura do verdadeiro amor de Deus no perfeito e sincero amor da Humanidade.

V

O amor dos desgraçados. — O bom livro. — A leitura fecunda. — Não ha bom livro que não fale em assuntos de positivo interesse. — A Mãe, mestra por excelencia. — Defeitos vulgares. — De quem é a culpa. — Como a Mulher Portuguesa chega a ser um assombro.

Mas a dona-de-casa não deve só reconhecer os seus deveres dentro do lar e com as familias amigas: o que ella deve ter como indiscutivel sempre, é que todo o desgraçado, todo o infeliz, todo o enfermo, pertence aos seus. O seu altruismo deve ter todo o perfume da caridade e da justiça de Jesus-Cristo. E' rica? Pois não consinta a pobreza de ninguem. E' pobre? Pois dê, do seu pouco, a quem fôr mais pobre do que ella.

Vive na extrema indigencia? Pois mesmo assim tem com que valer aos desgraçados: em conselhos, em trabalho, em conforto, em aféto.

Nem só de pão vive o homem, disse Jesus. E assim é. A doçura dum carinho á beira dum triste desespero é, mais do que pão, maná e saúde.

A Caridade deve basear-se na justiça. O justo não soccorre por piedade de superior; dá como divida a um egual. Privando-se de muito, nunca se priva de coisa alguma, porque, se o que lhe dá não era apertadamente preciso, já lhe não pertencia porque faltava por completo a alguem. O justo auxilia no desgraçado alguem que vive em si e que veio lembrar-lhe quanto se esqueceu de si proprio, porque no maior infeliz está a existencia real do mais opulento, estamos todos, particulas, como elle, do Criador das Esferas.

A caridade deve basear-se, pois, na justiça, por isso mesmo que póde socorrer primeiro os menos necessitados e esquecer os indigentes. A boa dona-de-casa, como todas as pessoas justas, ha de ser carinhosamente irmã primeiro dos velhos, dos enfermos, dos desamparados, dos orfãos, do que dos pobres por indolencia, por falta de economia e por falta de moderação de apetites. Tudo é pobreza, até a de caracter: mas, antes de lhe valermos, devemos valer á virtude que o infortunio persegue e dilacera.

O que devemos ter em consideração é prestar ao proximo sempre o que é sincero auxilio. Para isso, quantas vezes não é preferivel dar trabalho, conselhos, instrução, exemplos de moralidade e dignidade? Quem humilha um pobre, degrada-se a si proprio e habitua-o á sua anulação, abre-lhe o caminho da indiferença, do aviltamento, do crime, quasi sempre da inveja e do roubo, da revolta e do cinismo.

Ninguem, como a dona-de-casa, póde ser anjo onde todos são demonios. Opulenta, embora seja pobre, a sua lareira, a sua mesa e a sua virtude são tesoiros inapreciaveis com que auxilia sempre

todas as grandes desgraças. E, esgotado tudo, ainda lhe fica um recurso sublime: as suas lagrimas. Chorando com quem chora, com solidariedade pura e sentida, todos nós valemos a quem pena, como seus anjos-de-guarda. E para estes sentimentos, como para a cultura de tantos outros, pense a dona-de-casa num grande elemento: no bom livro.

Que é o bom livro? E' o livro que vale um bom amigo. Que é um bom amigo? E' o que é sempre franco, abnegado, austero e amavel, dedicado e simples. Assim deve de ser o livro. Que nos fale na virtude sem nos elogiar os defeitos; que nos corrija sem nos escarnecer; que nos purifique sem nos escravisar; que nos liberte sem nos alucinar. Que todos o possam ler, porque é puro; que todos o possam meditar, porque é sincero. Que todos o entendam, porque é espontaneo; que todos o meditem, porque é profundo.

A dona-de-casa precisa do livro, desde a cosinha ao seu quarto, no estudo da higiene e no estudo da historia, no estudo da moral e no estudo da economia domestica, no estudo do Evangelho e no estudo das sciencias naturaes.

Mas, em tudo, deve saber escolhê-lo; livro simples, sincero, sem interpretações forçadas, claro e puro de doutrina, racional e positivo de método. E, quanto a assuntos, depois dos essencialmente praticos e moraes, prefira os da Historia do seu país, tão bela, tão sugestiva, tão gloriosa.

Dos romances faça um uso sobrio e discreto. Os romances piegas e os romances pornograficos parecem-se tanto, que só perde em poisar nelles os olhos.

Mas ler não é fixar palavras ou frases, é, prin-

cipalmente, colher ideias e sentimentos. Porisso ler por ler, é como comer por comer. Não se digere. Ler com atenção e reflexão é como comer, mastigando e assimilando. E muito mais deve de ser assim, se lemos alto para que os outros oiçam.

Escolhido bem e lido assim o livro, as noções de altruismo são frequentes e puras, porque não ha nenhuma obra honesta, por mais pratica, que não seja moral e não ha moral verdadeira que se não funde no amor-do-proximo.

E, se a dona-de-casa tem a verdadeira caridade, feita de Justiça, como não ha de ser excelente educadora dos seus filhos?

Essa dona-de-casa, amando tão perfeitamente o proximo, ha-de amar com eficacia e ternura os seus. Compreenderá o seu papel, a sua missão sublime de fundamento da felicidade humana. Saberá acompanhar a boa educação da boa instrução. Nunca julgará que basta *saber:* mas sim que é preciso *sentir,* em tudo que se sabe, e no bem de cada um, o bem de todos.

Mestra dos seus filhos, de ninguem confiará esse admiravel e espinhoso encargo. Será como o sol que a nenhum astro confia a missão da luz creadora e vivificante.

Porque quem, melhor do que a mãi, póde sondar, conhecer e destruir as paixões dos seus filhos, reveladas nos primeiros anos logo, quando ninguem ainda as descortina?

Quem, melhor do que ella, vê o que pede a inteligencia desses entes ignorantes e queridos? Quem, melhor do que ella, descobre qual o temperamento e tendencias do caracter dos seus filhos?

E, se ella estiver devidamente instruida e edu-

cada, quem terá melhor conselho, prestigio e previdencia?

Mas quantas mulheres portuguêsas, apezar de tão dotadas de excelente indole, estão preparadas para tão dificil tarefa?

Bem poucas. Vi, muitas mães naquelle belo país que, ou são duma severidade excessiva, violentas e despoticas, ou tão condescendentes, fracas e tolerantes, que se tornam tristes escravas dos seus filhos. Algumas ralham a capricho, sem justiça, quasi sempre sem oportunidade. Outras impõem o que não praticam e, antes, contrariam em perigosos exemplos. A cada passo em rixa com os maridos, pretendendo ensinar aos filhos palavras mais honestas, empregam frases ásperas e até vergonhosas. Donde veio isso? Dellas? Talvês um pouco do seu temperamento vivo, mas muito mais das suas professoras e educadoras. Castigavam-nas com cólera e sem perfeita justiça. Eram com ellas deseguaes de humor, irasciveis, impacientes, enfastiadas. Muitas vêses desmentiam com o exemplo o que ensinavam, apregoavam e impunham.

Nem metodo, nem paciencia, nem justiça. Que discipulas, que futuras donas-de-casa, podiam dar essas pedagogas rotineiras? Só dessas mães infelizes e incompletas. E qual o valor real destas pobres donas-de-casa? Primeiro que tudo, raras são aquellas que, da injustiça de que foram victimos, extráem a justiça devida aos jovens seres que procriaram e amamentaram (se lhes foi ensinado que dar o seu leite aos filhos é dar-lhes muito do seu amor). Não trazem a cultura do amor e da verdade. Trazem a vaidade, a sêde do mando, da independencia mal entendida, da autoridade que se baseia na força.

Que grandesa póde haver nestes corações? Que noção exata póde haver nestes espiritos da missão da Familia, da Patria e da Humanidade? Deus, como o podem vêr? Ha-de ser um Deus grosseiro, cruel, vingativo, sempre punidor, com exterioridades e indole de Homem. Cheias dum idealismo banal, serão materialistas até ao egoismo e crentes, portanto, só por habito, praxe e preguiça mental e sentimental. Admiraveis terrenos do Bem, se os tivessem sabido cultivar, trazem todas as trevas e todas as degenerescencias da luz, porque ninguem lhes soube preparar a alma e todos teimaram em dar-lhes a obediencia do soldado, a dedicação do medroso, a resignação do hipócrita.

E' preciso ter uma indole generosa e doce como os portuguêses para, com tal desorientação, não ser Portugal um povo de anormaes, ou de egoistas. E' preciso, emfim, que a Mulher Portuguêsa seja, como é, pelas suas qualidades nativas, uma das mais belas, simpaticas e virtuosas de todo o Mundo, para uma grande parte dellas não dar só Megeras e Gorgonas.

VI

Falta de método — O Amor vidente - A memoria e o juizo da criança — O horror á mentira — A cultura do coração — Regra simples — A economia domestica — Como se faz a dona-de-casa — O quarto, a mesa e a cosinha — Governo de casa — O calculo mental — A higiene — A escolha dos criados — A Instrução e a Educação — O futuro de Portugal.

Uma das dificuldades maiores da Mulher Portuguêsa no desempenho da sua missão de educadora é, logicamente, a falta de método. Conclue-se isto da sua educação, geralmente desprezada. Deriva-se isto da sua desorientação multipla.

Mas a reflexão cuidadosa sobre a criança amada, sobre as suas aptidões que desabrocham, sobre a sua curiosidade encantadora, devem ensinar-lhe, por meio do amor vigilante e extremo, o que lhe negaram na escola e na familia como elemento de sua consciencia de Mãe. O Amor é como Argus.

Sendo extremosa, facilmente será previdente e sensata. Notará que a faculdade que primeiro se desenvolve no seu filho querido é a memoria.

Não a deixe, pois, sem cultura cuidadosa. Não a sobrecarregue com noções pesadas e improprias da edade. Fortifique-a devagar com conhecimentos simples e claros, muito precisos. E reparem as mães em que a memoria é muito e é pouco, se não fizerem della o melhor elemento do raciocinio. Não importa *decorar:* o que é preciso é *julgar:* Assim é o comer. Não *importa* a quantidade: importa a *qualidade*, a perfeita e util assimilação dos alimentos.

Mas o juizo da criança será de dificil cultura? Não, se a mãe pudér utilisar a rigor a memoria do seu filho. Vem elle dizer o que viu, o que ouviu, o que percebeu emfim pelos sentidos. Não se esqueça a mãe de lhe perguntar o juizo que forma de tudo e auxilie-o com paciencia na formação desse juizo. Depois, lentamente, vivamente, pergunte-lhe pelas suas ideias e sentimentos, por todas as suas ações, e vá-as julgando sem severidade, com razões claras e insinuantes, cheias de justiça e de nitidez. A mãe terá depressa comsigo todo o espirito e todo o coração do seu filho amado. Não tardará muito em ver como ha-de construir-lhe o caráter. Mas, principalmente, habitue-o a dizer sempre e francamente a verdade, para o que precisa, portanto, de nunca mentir.

A criança tudo examina e tudo julga, tudo observa e em tudo repara. Quando se falta, por exemplo, a uma promessa feita a uma criança, perdeu-se a autoridade e respeito. Não prometam, pois, as mães para iludir ou mesmo para estimular astutamente os filhos. Se os iludem, iludidas serão por elles. Se julgam estimula-los, depressa são inuteis os melhores estimulos, os mais puros e dignos.

Acima de tudo, lindas mães de Portugal, cultivae os corações dos vossos filhos. Habituae-os a esta regra simples: *respeito e amor para com os superiores, amor aos eguaes e humildade e afeto com os inferiores.* Da cultura da memoria pela creação do bom raciocinio e da cultura do Amor pela delicadeza e bondade do coração, vós, excelentes senhoras, extraireis todo o caráter digno, puro e prestavel dos vossos filhos, o seu futuro, o seu bem, a sua vida inteira.

Mas, se tendes filhas, pensai no muito da sciencia do lar, que vos não ensinaram, e ensinai-l'ho com desvelo, além do que ensinais a todos os filhos.

Formado o seu juizo e o seu coração, lembrai-vos de que, com as primeiras letras, deve andar já o estudo suavemente pratico da sciencia do lar: a *economia domestica.*

Não façais dellas simples bonecas: fazei dellas logo pequenas mães dessas bonecas. Ensinai-lhés, nos primeiros anos, nos cuidados com a boneca, o que devem ser quando sejam mães um dia.

E dadas essas lições, como que brincando, tornai-as bem praticas com o tempo. A principio insisti mais na necessidade da ordem, do método, da regularisação do trabalho. Que sejam as vossas filhas que arrumem, escovem e até componham as suas roupas. Que, pouco a pouco desenvolvidas, arrumem os seus quartos e ajudem nos misteres da cosinha. Finalmente, que mais tarde se entreguem aos serviços domesticos, variando-os todas as semanas, até poderem dirigir a dispensa e as compras diarias, autónomas, conscientes, inteligentes.

Ensinai-lhes, boas mães, a necessidade e uti-

lidade da limpeza, porque tende como certo que o asseio do corpo é amigo da pureza da alma.

O quarto e a meza são duas escolas praticas de primeira ordem. Se lhes juntardes a cosinha, onde tudo demanda tanto asseio, cuidado e vigilancia, tendes a vossa filha no exercicio pleno das suas funções domesticas, mais sabia do que se falar dez linguas.

E' preciso que ella seja ativa, metodica, paciente. Mas não é tudo, se não fôr sensatamente economica. A economia, porém, não é a privação do necessario: é o preciso dentro do rasoavel. A economia olha para as menores coisas cuja despeza somada vale, por vezes, grandes coisas, e não cerceia a ninguem o que é indispensavel.

A senhora economica sabe o preço de tudo: dos objectos e do tempo. Procura as ocasiões de comprar barato, mas escolhendo sempre bons e sadios generos. Cuida da conservação de moveis e de utensilios, dando-lhes todo o uso necessario e, afinal, uma estima que chega a ser feita de ternura.

Nas compras, foge de pequenas porções onde o peso é menos verificavel e prefere sortimentos grandes, sensatamente feitos segundo os recursos da casa, e em que mais facilmente se obtem melhoria de preço e até de qualidade, condições excecionaes.

Faz sempre por ter memoria fiel, para conhecimento de preços e qualidades, para assentar todas as despezas, para as comparar em diferentes periodos do seu governo, para, emfim, tornar o seu trabalho bastante pratico e inteligente, preventivo e calculado, solido e calmo.

As mães portuguêsas devem, pois, ensinar ás

filhas o *calculo mental,* tão pouco cultivado ainda na economia domestica em Portugal. O calculo mental é uma otima economia de trabalho, e um otimo exercicio da memoria. Simplifica e exercita; poupa tempo e dá agilidade mental.

E deve a dona-de-casa ser ensinada sobre tudo que importa a vida do lar pelo lado higienico: a escolha de casa, exposta ao sul, banhada pelo sol, sem pantanos proximos, sem construções ligeiras ou humidas; a escolha dos aposentos, evitando quartos interiores e baixos, não dando á sala de visitas o logar que melhor serviria para quarto de dormir ou sala de jantar; a escolha de mobilia solida e apropriada, toda util e de facil remoção; a maior limpeza, e arejamento dos leitos, das roupas de qualquer ordem, dos moveis, dos menores utensilios de cosinha; a lavagem frequente dos pavimentos, dos tetos, das vidraças, dos oleados, etc., e tudo isto, finalmente, com perfeita consciencia, como governanta e diretora dos criados, sabendo fazer-lhes observar tudo que diga respeito á ordem, asseio e beleza dum lar, como á sua moralidade e honestidade.

Mas—digo-o com tristeza—o que eu notei em Portugal de mais leviano na vida domestica foi a propria escolha de criados e amas de leite. Não são inspecionados, como cumpria, por um bom medico; aceitam-se os mais ladinos ou os mais inuteis, segundo as circunstancias; dá-se-lhes, emfim, ou uma familiaridade exagerada e perigosa, porque são ignorantes demais para a não converterem em pretexto de indolencia e insolencia, ou um regimen barbaro, intoleravel, mesquinho, indigno de toda a vida moderna. D'aí a transmissão de terriveis doenças ás crianças e aos donos da ca-

sa; roubos e outros crimes; a imoralidade ao serviço da ingenuidade ou do descuido; a confusão e imperfeição dos trabalhos domesticos; a intriga com vizinhos, a despeza excessiva da vida do lar, a falta de limpeza e higiene na cosinha e em toda a casa. Donde vem tudo isto senão da má orientação das donas-de-casa?

Mas as inteligentes senhoras portuguêsas não poderão, com um pouco de vontade, aprender já na experiencia o que lhes não ensinaram na familia e na escola?

Afinal dirão os meus amigos de Portugal que eu, tocando pela rama em tudo isto, esqueço a instrução para falar só da educação.

Não a esqueço. O que julgo é que a educação deve de ser superior, em tempo e intensidade de esforço, á instrução, embora esta entre portuguêses tanto precise de reforma. Esta orientá: aquela realisa. Uma baseia: a outra edifica. A primeira constróe: a segunda ilumina.

E' otimo o conhecimento das linguas, o piano, o canto, a dança, mas otimo, como toda a distração depois do trabalho. Não são *fins*: são *meios*.

A Instrução dada, se tem de ser o fundamento da educação, deve de ser positiva, simples e sempre utilmente aliada á pratica.

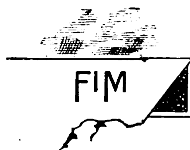
Noções, poucas e fundamentaes, bem claras e bem valorisadas pela experiencia. Nada de regras de gramatica, por exemplo, e tudo de exercicios sobre a boa escrita da lingua. Nada de dissertações e tudo de aplicações faceis e reaes.

Mais trabalho manual e profissional do que... doutoral.—*Saber*, para a *dona-de-casa*, pelo menos, não deve constituir *prenda*, mas utilidade, recurso, elemento de vida, arma de luta pelo bem do lar.

Pensem nisto os portuguêses. Têm as mulheres do seu país eminentes qualidades: o que lhes falta é a sua sensata valorisação. Não me canço de o repetir, porque é de justiça afirmá-lo.

E, sem ella, a bela corrente do feminismo póde servir inclusivamente de decorativo impulso porque hoje em dia predominam as manias decorativas — mas não logrará passar alem dum platonismo interessante, e, porque é platonismo, completamente esteril.

Portugal é lindo. As suas mulheres são encantadoras. A mil encantos juntam admiraveis aptidões. Se conseguirem egualar o prestimo ao valor dessas belas mulheres, não haverá só em Portugal um radioso feminismo, haverá, como em parte alguma, uma esplendida e fecunda educação civica e moral, capaz de resuscitar e até ampliar um dos Passados mais gloriosos da Historia.



INDICE

	PAG.
Cintra, 20 de Junho de 1906	5
Cintra, 29 de Junho de 1906	12
Cintra, 9 de Julho de 1906	19
Monchique, 18 de Agosto de 1906	26
Monchique, 2 de Setembro de 1906	32
Estoril, 18 de Setembro de 1906	38
Estoril, 27 de Setembro de 1906	43
Estoril, 3 de Outubro de 1906	48
Lisboa, 12 de Outubro de 1906	53
Coimbra, 15 de Outubro de 1906	57
Vizeu, 18 de Outubro de 1906	63
Lamêgo, 25 de Outubro de 1906	69
Regoa, 14 de Dezembro de 1906	74
Porto, 15 de Dezembro de 1906	81
Porto, 16 de Dezembro de 1906	88
Porto, 18 de Dezembro de 1906	97
Porto, 20 de Dezembro de 1906	104
Porto, 21 de Dezembro de 1906	111
Braga, 24 de Dezembro de 1906	118
Braga, 25 de Dezembro de 1906	125
Braga, 27 de Dezembro de 1906	132
Viana do Castelo, 31 de Dezembro de 1906	139
Valença, 2 de Janeiro de 1907	145
Vila Real de Traz-os-Montes, 18 de Janeiro de 1907	152
Evora, 19 de Fevereiro de 1907	159
Evora, 22 de Fevereiro de 1907	166
Faro, 13 de Março de 1907	172
Faro, 15 de Março de 1907	178
Lisboa, 25 de Março de 1907	184
Lisboa, 8 de Abril de 1907	192
Lisboa, 8 de Abril de 1907	199
Testamento de Mariette	207

ERRATAS

Por lapso de revisão sairam alguns erros, como *palido* em vez de *polido, D. Maria Ailland* em vez de *D. Maria Aillaud* — etc., etc. — e algumas cartas com datas trocadas.

O leitor benevolo tudo isto desculpará.






Widener Library
3 2044 099 482 705